

LIVROS | QUEM SÃO OS EDITORES LOCAIS, O QUE PUBLICAM E QUEM LÊ

Macau 澳門



COVID-19

PREVENÇÃO E UNIÃO PARA EVITAR SURTO

CRYSTAL CHAN

A artista
dos cinco ofícios



LÍNGUA PORTUGUESA

Dia Mundial impulsiona
globalização do idioma



葡語國家食品資料庫
 BASE DE DADOS DOS PRODUTOS
 ALIMENTARES DOS PAISES DE
 LINGUA PORTUGUESA
 PORTUGUESE-SPEAKING COUNTRIES
 FOOD PRODUCTS DATABASE

中葡雙語人材資料庫
 BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
 QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS
 CHINESE-PORTUGUESE BILINGUAL
 PERSONNEL DATABASE

專業服務供應商
 FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS
 PROFESSIONAL SERVICE PROVIDERS

會展資訊
 INFORMAÇÃO SOBRE
 CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES
 CONVENTION AND EXHIBITION INFORMATION

經貿信息
 INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL
 ECONOMIC AND TRADE INFORMATION

法規資訊
 LEIS E REGULAMENTOS
 INFORMATION ON LEGISLATIONS



中國-葡語國家 經貿合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA
 ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS
 HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES
 DE LINGUA PORTUGUESA
 ECONOMIC & TRADE CO-OPERATION
 AND HUMAN RESOURCES PORTAL
 BETWEEN CHINA AND PORTUGUESE-
 SPEAKING COUNTRIES

- 主辦單位 :
- Entidades Organizadoras :
- Organisers :
- 中華人民共和國商務部
 • Ministério do Comércio da
 República Popular da China
 • Ministry of Commerce of
 the People's Republic of China
- 澳門特別行政區政府經濟財政司
 • Secretaria para a Economia e
 Finanças da RAEM
 • Secretariat for Economy and Finance
 of the Macao SAR Government
- 承辦單位 :
- Entidade Coordenadora :
- Co-ordinator :



澳門貿易投資促進局
 Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
 Macao Trade and Investment Promotion Institute



WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amelia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

REVISÃO

António Martins

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

LAYOUT

Marta Gregório

DIRECÇÃO GRÁFICA

Ipsis Verbis Communication

COLABORADORES

Andreia Sofia Silva, António Biltrero, Catarina Brites Soares,
Catarina Mesquita, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique),
José Carlos Matias, José Luís Sales Marques, Marco Carvalho,
Marta Curto (Portugal), Paulo Barbosa e Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO

Lok Chi

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Tatiana Lages e Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Escaneie o nosso QR code e siga-nos
nas redes sociais



www.revistamacau.com



www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Do Editor

Luís Ortet

Quando Macau e a China inteira se preparavam para festejar a chegada do Ano do Rato já se manifestavam os primeiros sinais de uma epidemia que viria a adquirir uma dimensão mundial, passando a ser classificada como pandemia.

Cada país e território foi atingido de maneira diferente e também reagiu de maneira diferente. A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) destacou-se pela sua postura proactiva que permitiu controlar a expansão da epidemia dentro de limites muito estreitos e muitos viram o caso de Macau como exemplar.

Depois de 10 casos iniciais, a região administrativa especial conseguiu passar por um período de 40 dias sem registar nenhum caso de infecção pelo novo tipo de coronavírus. Depois voltaram a registar-se novos casos, de uma maneira geral como resultado do regresso a Macau de residentes, muitos deles estudantes, provenientes de países estrangeiros.

Pouco antes desta edição seguir para o prelo, pelo mundo fora a pandemia estava longe de abrandar, obrigando as autoridades de diversos países e territórios à tomada de medidas extremas, como o estado de emergência ou o encerramento de fronteiras.

Num artigo dedicado a este assunto, fazemos um levantamento das medidas tomadas pelas autoridades da RAEM visando quer a prevenção e a segurança dos cidadãos, quer o apoio económico não só à população, mas também às pequenas e médias empresas, e o estímulo à revitalização da economia. Também publicamos uma entrevista com o médico Jorge Sales Marques, dos Serviços de Saúde, que complementa o primeiro artigo com um testemunho de quem viveu o dia-a-dia do combate à epidemia.

Entre outros temas desta edição, refira-se a publicação de mais um artigo dedicado às cidades da zona da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, indo desta vez o destaque para Jiangmen, considerada a capital da diáspora chinesa. E é também de diáspora chinesa que se fala no artigo sobre a comunidade chinesa de Varziela, no concelho de Vila do Conde, no Norte de Portugal.

Outro aspecto abordado é o da actividade editorial num território pequeno como Macau, mas que ainda assim regista uma produção apreciável.

O Dia Mundial da Língua Portuguesa, que este ano se celebra pela primeira vez, a 5 de Maio, o Jardim Camões em Macau e a tendência do *bookcrossing* são outros dos temas abordados nesta edição.

06

ACONTECEU

As principais notícias que marcam a actualidade de Macau

12

EPIDEMIA

A resposta de Macau: aposta na prevenção e em medidas financeiras



20

COMBATE EXEMPLAR

Entrevista ao médico Jorge Sales Marques sobre os bastidores da luta contra a epidemia



26

GRANDE BAÍA: JIANGMEN

A capital da diáspora chinesa que vai transformar a zona oeste do Delta do Rio das Pérolas

34

RADAR LUSÓFONO

As novidades nas relações comerciais e culturais entre a China e os países de língua portuguesa

40

EFEMÉRIDE

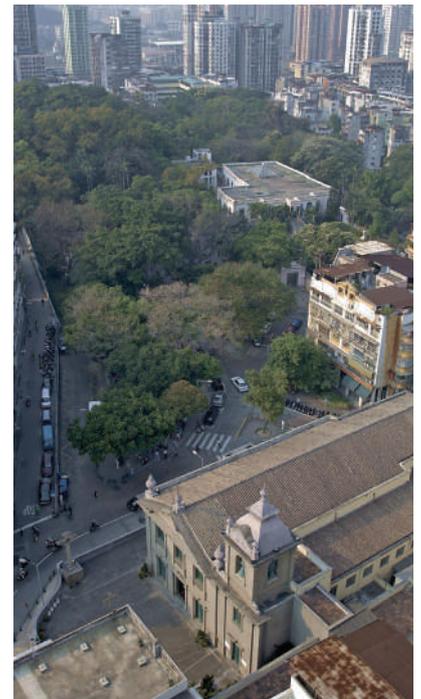
Língua Portuguesa com Dia Mundial pela UNESCO e muitas comemorações



46

COMUNIDADE

Um retrato da “China Town” de Portugal, em Vila do Conde



54

CIDADE

Jardim Camões: um oásis verde na floresta de cimento



62

CULTURA: MERCADO EDITORIAL

Quem são os editores e que livros se publicam em Macau

70

CULTURA: PRODUÇÃO EDITORIAL EM CHINÊS

Grandes ambições para um pequeno público editorial



74

CULTURA: BOOKCROSSING

A moda de doar e trocar livros chega ao território

78

MACAENSES NA DIÁSPORA

Um retrato sobre a ligação dos jovens macaenses a suas raízes



82

ÁTRIO: CRYSTAL CHAN

A vida humilde na Ilha Verde, a infância de esforços e o triunfo como artista plástica em Nova Iorque

88

LIVROS

Novidades e sugestões de leitura

90

MEMÓRIAS: MERCADO VERMELHO

A história do icónico edifício da Avenida Horta e Costa

* Devido à suspensão das actividades culturais por tempo indeterminado no âmbito das medidas de prevenção da epidemia do Covid-19, as sugestões para espectáculos e exposições foram omitidas nesta edição



Macau elogia escolha de Xia Baolong •

O Chefe do Governo de Macau elogiou a escolha do novo director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau junto do Conselho de Estado, anunciada em Fevereiro pelo Governo Central. O até então director Zhang Xiaoming foi substituído no cargo por Xia Baolong, alto funcionário da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, o principal órgão consultivo do País. Ho Iat Seng felicitou Xia Baolong e sublinhou que “sob a liderança firme e forte do Governo Central”, Macau vai “continuar a reforçar a comunicação com o Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau junto do Conselho de Estado”. O governante sublinhou que o território vai continuar a estreitar “a cooperação e implementar de forma plena e correcta o princípio ‘um país, dois sistemas’, bem como cumprir escrupulosamente a Constituição e a Lei Básica”.

Carmen Amado Mendes assume presidência do Centro Científico e Cultural de Macau •

Carmen Amado Mendes, docente da Universidade de Coimbra com fortes ligações a Macau, é, desde Março, a nova responsável pelo Centro Científico e Cultural de Macau. A investigadora foi designada para o cargo pelo Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal, Manuel Heitor, no âmbito de um concurso lançado para o cargo, que contou com três concorrentes. O ministro português explicou que a intenção do governo português passa por reestruturar e modernizar a instituição, que goza do estatuto de instituto público nacional. O Centro tem por principais prerrogativas a investigação e a documentação, englobando ainda um núcleo museológico.



Gonçalo Lobo Pinheiro



Carlos Elísio Silva

Português vence concurso de fotografia lusófono •

O português Carlos Elísio Silva foi o vencedor da segunda edição do concurso “Somos Imagens da Lusofonia”, lançado em Dezembro de 2019, com a fotografia “Magusto à moda antiga”. Centrado no património cultural dos países e territórios lusófonos, o júri do concurso atribuiu o segundo e o terceiro lugares ao brasileiro Milton Ostetto, com “Rede de Esperança” e ao português José Carlos Carvalho, com “Fado Sentido”, respectivamente. Este ano foram ainda atribuídas três menções honrosas à brasileira Ana Taemi Utiyamae, com “Homenagem a Jacó”, e aos portugueses André Rodrigues, com “Careto”, e Carlos Pimentel, com “O Encontro”. O júri integrou fotojornalistas a trabalhar em Macau, Portugal e Moçambique, designadamente Gonçalo Lobo Pinheiro (presidente do júri e representante da Somos – ACLP), Eduardo Leal, Eduardo Martins, Gonçalo Delgado, José Sérgio e Pereira Lopes.

Abertas candidaturas para financiar formação de bilingues

Macau abriu em Fevereiro o prazo para apresentação de candidaturas por parte de instituições do ensino superior locais para financiar a formação de quadros bilingues em chinês e português. O plano de financiamento especial “visa incentivar o reforço da cooperação das instituições do ensino superior de Macau com outras instituições do ensino superior ou com entidades correlativas em outros locais do mundo, para impulsionar Macau a transformar-se numa base de formação de quadros qualificados bilingues em chinês e português”, de acordo com um comunicado. O âmbito do financiamento foi alargado este ano “para encorajar a realização de acções de intercâmbio das instituições do ensino superior de Macau, em cooperação com entidades do ensino superior ou com entidades congéneres dos países de língua portuguesa”. Pretende-se “melhorar a capacidade profissional dos docentes e investigadores das instituições do ensino superior locais, nas áreas académica e de investigação científica”, segundo o comunicado oficial. O Fundo do Ensino Superior vai continuar a financiar projectos académicos e de investigação científica do ensino superior, de estudos sobre as diferenças entre os países lusófonos, de fóruns ou de seminários, bem como a formação e intercâmbios que melhorem a qualidade do ensino e as habilitações profissionais dos docentes, de Macau, do Interior do País e dos países de língua portuguesa.



Concurso premeia empreendedores portugueses e brasileiros

O Centro de Incubação de Negócios para os Jovens de Macau anunciou que o seu concurso de inovação e empreendedorismo, no valor total de 300 mil patacas, vai incluir um prémio para projectos portugueses e brasileiros. O Prémio de Projecto Excelente dos Países de Língua Portuguesa é a principal novidade da terceira edição da competição, refere o Centro, conhecido por Parafuturo de Macau. “Os organizadores vão colaborar com conhecidas incubadoras locais para criar duas áreas de concurso de selecção em Portugal e no Brasil, e os seleccionados aparecerão na fase final para concorrer ao prémio”, refere a organização do certame. Os vencedores poderão participar no Concurso de Inovação e Empreendedorismo dos Estudantes Universitários ‘Internet +’ da China, no Fosun Proteching-Startup Accelerator Program em 2020, e no Create @ Alibaba Cloud Startup Contest. A candidatura electrónica para a competição preliminar vai até 17 de Abril, sendo a lista dos projectos seleccionados para a final anunciada em 11 de Maio. A competição final, no Centro de Ciência de Macau, vai realizar-se a 10 de Junho.



Gonçalo Lobo Pinheiro

Camões, UM e IPOR lançam concurso de tradução

O Instituto Português do Oriente, o Camões e a Universidade de Macau vão lançar um concurso de tradução, a primeira de “várias iniciativas”, a realizar no âmbito de um novo protocolo, que assinaram em Janeiro. “Vamos lançar um concurso para jovens tradutores que será tutelado por académicos reconhecidos”, afirmou o diretor do Instituto Português do Oriente (IPOR), Joaquim Coelho Ramos, aquando da assinatura de um novo protocolo de cooperação com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e a Universidade de Macau. A iniciativa, de carácter anual, destina-se sobretudo à tradução literária e os tópicos – poesia, contos, ou crónicas – “são rotativos”, adiantou o responsável. A tradução será feita de português para chinês e vice-versa. “A cada ano será dado um tema [diferente]. A muito breve prazo concluiremos as negociações e avançamos para a abertura do concurso”, garantiu. Sobre o protocolo agora assinado, no centro de formação bilingue da UM, Joaquim Ramos destacou as oportunidades da cooperação entre as instituições, que descreveu como “três das mais altas e reconhecidas instituições na promoção da língua portuguesa a nível global”. “Não podemos senão aproveitar a oportunidade e explorar todas as potencialidades que este protocolo possa vir a trazer”, afirmou. Além do concurso de tradução, outras actividades na área da formação estão já a ser negociadas entre as três partes.



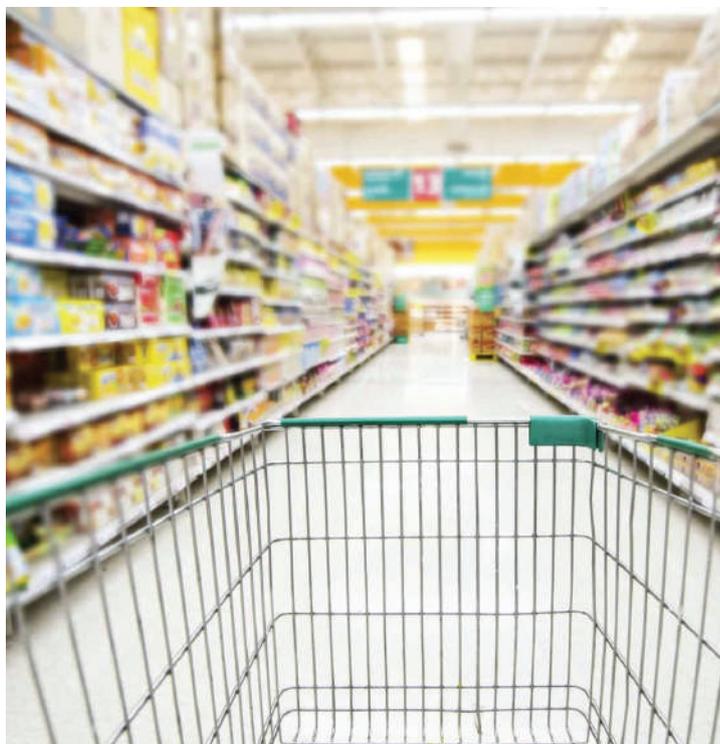
Gonçalo Lobo Pinheiro



Défice da balança comercial regista melhoria

• O défice da balança comercial de Macau melhorou em termos marginais em 2019 ao ter-se situado em 77,33 mil milhões de patacas, uma quebra de 577 milhões de patacas face ao número contabilizado em 2018, informaram os Serviços de Estatística e Censos. O resultado alcançado ficou a dever-se ao facto de as exportações de mercadorias terem aumentado 5 por cento em termos homólogos para 12,80 mil milhões de patacas, enquanto o valor importado de mercadorias (90,13 mil milhões de patacas) foi semelhante ao observado no ano de 2018. Por tipo de produtos, aqueles serviços destacaram a quebra verificada no valor da importação de telemóveis, de 29 por cento e o aumento na importação de produtos de beleza, de maquilhagem e de cuidados da pele, cujo valor registou um aumento de 44,2 por cento.

Taxa de inflação cai para 2,75% • A taxa de inflação registada em Macau em 2019 foi de 2,75 por cento, menos 45 pontos base relativamente ao valor contabilizado um ano antes, com 3,01 por cento, segundo dados dos Serviços de Estatística e Censos. O Índice de Preços no Consumidor (IPC) Geral de 2019 registou um crescimento de 2,56 por cento face a 2018, tendência que foi impulsionada, essencialmente, pelo aumento das rendas de casa e pelo aumento dos preços das refeições adquiridas fora de casa, da carne de porco fresca e da gasolina. Analisando por classes de despesa verifica-se que os aumentos mais significativos ocorreram nos índices de preços da Educação (+5,65%), dos Transportes (+4,86%), dos Produtos Alimentares e Bebidas não-Alcoólicas (+3,82%) e da Saúde (+3,50%).



Capital social de empresas quadruplicou

No ano passado, foram constituídas 6140 sociedades, mais 187 do que no ano anterior. Dados divulgados pelos Serviços de Estatística e Censos indicam que o capital social das novas empresas ascendeu a 4000 milhões de patacas, valor que reflecte um aumento anual de 334 por cento. Registou-se um aumento significativo do capital social das sociedades constituídas no ramo dos transportes, armazenagem e comunicações, bem como no sector das actividades financeiras. No final do ano passado, estavam registadas em Macau 71.440 sociedades.

Governo alarga prazo para candidatura à habitação económica • O

Governo estendeu o prazo para a entrega dos boletins de candidatura à aquisição de fracções de habitação económica. Os documentos podem ser entregues até ao dia 27 de Abril, com o prazo para a entrega dos documentos em falta a ser também alargado para 25 de Maio. O prazo anterior ia até dia 26 de Março. Os candidatos a habitação económica, no momento de apresentação do boletim de candidatura, necessitam de entregar “os documentos comprovativos relativos à titularidade dos imóveis”, e, para simplificar a candidatura, não é necessário entregar o relatório do valor da avaliação dos imóveis.



Alexis Tam na Organização Mundial do Comércio • O representante

da delegação económica e comercial de Macau em Lisboa e na União Europeia, Alexis Tam, foi nomeado, em Fevereiro, chefe da delegação Económica e Comercial da RAEM junto da Organização Mundial do Comércio (OMC). O novo cargo é exercido em regime de acumulação, pelo período de 1 de Maio a 19 de Dezembro deste ano. A 20 de Dezembro passado, Alexis Tam Chon Weng deixou, ao final de cinco anos, a pasta dos Assuntos Sociais e Cultura no Governo da RAEM. Em Março de 2019, Tam foi distinguido com o doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Lisboa, que reconheceu o empenho no desenvolvimento do ensino e da língua portuguesa em Macau.

Mais de 820 mil passageiros no primeiro mês do metro • O

metro ligeiro registou mais de 820 mil passageiros no primeiro mês de operações, em Dezembro passado. A média diária de passageiros – superior a 27 mil – ficou acima das estimativas avançadas pelo Governo que apontavam que, por dia, o metro deveria ser utilizado por uma média de 20 mil pessoas. O dia com maior fluxo foi o de Natal. Segundo dados da Sociedade do Metro Ligeiro, a 25 de Dezembro foram contabilizados 48.700 passageiros. Com o objectivo de promover o novo sistema de transporte, o Governo decidiu oferecer as viagens até ao final de Janeiro. A linha da Taipa, com uma extensão de 9,3 quilómetros e 11 estações, foi inaugurada a 10 de Dezembro.



Gonçalo Lobo Pinheiro

NÚMEROS

MOP **1626**

despesa per capita efectuada pelas pessoas que visitaram Macau em 2019 (-16,5%)

MOP **721,9** milhões

lucro registado pelo Banco Nacional Ultramarino (BNU) em 2019 (+23,6%)

MOP **107.522**

preço médio do metro quadrado em Macau em 2019 (-0,8%)

2,7 milhões

de utilizadores de telemóveis em 2019 (+28,1%)

589.600

assinantes de Internet fixa em 2019 (+8,6%)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos

Mediana salarial chega às 17 mil patacas •

A mediana do rendimento mensal da população empregada em Macau aumentou mil patacas, para 17 mil, em comparação com 2018, revelam dados dos Serviços de Estatística e Censos. No caso dos residentes empregados, a mediana de rendimento manteve-se em 20 mil patacas. No entanto, a nível dos agregados familiares a mediana de rendimentos mensal sofreu uma quebra de mil patacas para 29 mil em termos anuais. O número médio de empregados por agregado foi de 1,6 pessoas, um ligeiro decréscimo. A taxa de desemprego dos residentes desceu no ano passado 0,1 pontos percentuais para 2,3 por cento, uma quebra idêntica à do desemprego geral, que se situou em 1,7 por cento no ano de 2019.



Livros de Xi Jinping oferecidos na Casa de Portugal • Desde Janeiro, a Casa de Portugal é uma das associações em Macau a disponibilizar os dois volumes de A Governança da China, que reúnem os discursos e artigos do Presidente Xi Jinping escritos entre 2012 e 2017 e agora traduzidos para português. Os 50 exemplares do livro disponíveis para distribuição gratuita foram oferecidos à instituição por um privado. No final do ano passado, foi lançada em Macau a edição em chinês tradicional dos dois volumes A Governança da China. A promoção dos dois livros está a cargo da Associação Zhi Gong, que tem entre 20 mil a 30 mil cópias que foram entregues a representantes de várias organizações e associações locais. Além de fotos do líder chinês, os dois volumes compilam discursos, conversas, instruções e cartas que “reflectem o desenvolvimento e os princípios do pensamento” de Xi, segundo explica um comunicado da editora da Foreign Languages Press a propósito da edição do segundo tomo, em Novembro de 2017.

Ho Iat Seng reitera apoio à comunidade macaense •

As oportunidades trazidas pela “nova era” na RAEM para que os macaenses possam desenvolver as suas capacidades foi um dos pontos abordados pelo Chefe do Executivo num convívio, em Janeiro, com representantes daquela comunidade. Num discurso realizado durante o evento, Ho Iat Seng considerou que a aplicação dos princípios “um país, dois sistemas”, “Macau governado pelas suas gentes” e o desenvolvimento da economia a par de uma sociedade “estável e harmoniosa”, “são factos que estão associados ao trabalho árduo, à participação activa e ao forte apoio dos macaenses e dos portugueses que aqui vivem”. Sobre a participação da RAEM na construção do projecto da Grande Baía, o Chefe do Executivo comentou que “a nova era não só traz novas oportunidades para o desenvolvimento da RAEM, como também cria um espaço mais amplo para os macaenses desenvolverem as suas capacidades e realizarem as suas aspirações”. Nesse sentido, disse esperar a participação activa da comunidade macaense, “designadamente através da sua diáspora espalhada pelo mundo e da partilha de uma mesma língua com os países de língua portuguesa, para a criação de uma rede de contactos de excelência que potencie o seu papel de ponte entre a China e os países de língua portuguesa”.



Macau 2019 Livro do Ano

A edição especial nas línguas chinesa,
portuguesa e inglesa do CD do
“Macau 2019 - Livro do Ano”
já se encontra à venda



O anuário “Macau 2019 – Livro do Ano” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sociocultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informações variadas para todos aqueles que desejam estudar e compreender melhor Macau

O CD (edição especial) do “Macau 2019 – Livro do Ano” inclui um CD-ROM e o selo “Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau”, para expressar o apoio do Gabinete de Comunicação Social ao desenvolvimento das indústrias culturais e criativas de Macau, de acordo com a política do Governo da RAEM



Desde 2002 que o “Macau 2019 – Livro do Ano” é publicado em três línguas: chinês, português e inglês. Com 270 fotografias, 570 páginas na versão chinesa, 705 páginas na versão portuguesa e 691 páginas na versão inglesa, o “Macau 2019 – Livro do Ano” está dividido em quatro secções: prioridades da acção governativa da RAEM, cronologia dos acontecimentos mais relevantes, apresentação geral da RAEM, e apêndices com informação útil e dados estatísticos

A apresentação geral da RAEM retrata as prioridades no âmbito da Administração, Legislação e Justiça realizadas em 2018, das quais fazem parte 15 capítulos que cobrem as seguintes áreas: sistema político e administração; ordenamento jurídico e sistema judicial; relações externas; economia; turismo; ordem pública; educação; cultura e desporto; saúde pública e assistência social; comunicação social, telecomunicações e tecnologia da informação; solos, infra-estruturas, habitação e entidades públicas; transportes; geografia e população; religiões e hábitos, e história

Locais de venda:

O CD (edição especial) do “Macau 2019 – Livro do Ano” pode ser adquirido ao preço de 60 patacas por exemplar nas principais livrarias de Macau, no Centro de Informações ao Público e na Loja de Filatelia na Estação Central dos Correios, ou nas estações da Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa





EPIDEMIA

Macau no combate ao Covid-19

O surto do novo coronavírus levou o Governo da Administrativa Especial de Macau (RAEM) a implementar várias medidas de cariz económico e de contingência para travar a propagação e os efeitos da epidemia. Macau fechou-se ao mundo numa resposta sem precedentes, inédita na história da cidade

Texto | Catarina Brites Soares

Com o intuito de reativar a economia local, o Governo implementou medidas de apoio provisório para residentes, empresas, e pequenas e médias empresas (PME). No conjunto de medidas de apoio económico a residentes estão incluídas a comparticipação pecuniária, que será antecipada para Abril (10 mil patacas para os residentes permanentes, e seis mil para os não permanentes), uma nova atribuição dos vales de saúde no valor de 600 patacas e a atribuição de dois subsídios de apoio extra aos agregados familiares beneficiários que recebem periodicamente o apoio económico do Instituto de Acção Social – o primeiro foi atribuído antecipadamente em Março, e o segundo será atribuído em Setembro.

Como forma de aliviar o esforço financeiro das famílias e incrementar o consumo local, foi criado o Plano de subsídio

de consumo, com a emissão de vales electrónicos (sob a forma de cartões de débito, também designados como “cartões de consumo electrónico”) no valor de três mil patacas, que podem ser usados em restaurantes e estabelecimentos de venda a retalho por um prazo máximo de três meses.

O Governo decidiu ainda aumentar a devolução da colecta do imposto profissional para 70 por cento até ao limite de 20 mil patacas, devido e pago relativamente ao ano de 2018, bem como a isenção da contribuição predial urbana das unidades habitacionais referente ao ano passado dos residentes e a isenção de pagamento integral das tarifas de energia eléctrica e de água referentes aos meses de Março a Maio para todas as fracções habitacionais do território.

No que respeita às empresas, o pacote inclui uma dedução máxima de 300 mil patacas

no Imposto Complementar de Rendimentos na colecta referente a 2019; uma dedução de 25 por cento na contribuição predial urbana para propriedades destinadas ao comércio e indústria referente ao ano passado; a isenção, por um período de seis meses, do imposto de turismo com a taxa de cinco por cento do consumo feito nos estabelecimentos do sector dos serviços turísticos, e a devolução do imposto de circulação referente a 2020 dos veículos comerciais, tais como táxis, veículos de mercadorias, de instrução e de transporte de passageiros do ramo da hotelaria. Também foi anunciada a isenção ou devolução do valor do imposto do selo para as respectivas licenças administrativas, referentes ao ano de 2020.

Para as Pequenas e Médias Empresas (PME), as ajudas abrangem um plano de apoio através do qual pode ser prestada uma verba de apoio sem juros até 600 mil patacas, que deverá ser reembolsada num período máximo de oito anos. Os destinatários deste apoio só podem ser as empresas que exerçam actividade na RAEM há pelo menos dois anos. Por outro lado, foi implementado o “Plano de Garantia de Créditos PME”, que prevê que a cada empresa local pode ser prestada uma garantia de créditos no montante máximo de 70 por cento do crédito bancário solicitado, até ao limite de 4,9 milhões de patacas. Neste caso, estão abrangidas as PME que exerçam actividade há pelo me-



Profissionais de saúde equipados de forma rigorosa para lidarem com os casos suspeitos

nos um ano e o prazo de reembolso do crédito bancário não pode ultrapassar os cinco.

Já o Plano de Garantia de Créditos a PME destinados a Projecto Específico, outra das políticas de apoio, define que a cada empresa pode ser prestada uma garantia de créditos no montante máximo de 100 por cento do crédito bancário solicitado até ao limite de um milhão de patacas. Podem beneficiar deste plano as empresas que estejam na RAEM há pelo menos três anos e o prazo de reembolso do crédito bancário não pode ultrapassar os cinco.

O Governo decidiu também um ajustamento das medidas de reembolso por parte das empresas beneficiárias dos diversos planos de apoio lançados pela Direcção dos Serviços de Economia, desde que elas formu-

lem um pedido nesse sentido. Haverá uma redução para mil patacas do montante a ser pago na prestação imediatamente seguinte e a liquidação do valor remanescente em partes iguais, nas prestações a seguir.

As PME podem ainda ter direito a mais três planos. O Plano Especial de Apoio a PME de carácter temporário, através do qual pode ser concedido uma ajuda no valor de 600 mil patacas, isenta de juros e com um prazo máximo de reembolso de oito anos, a todas as empresas que não consigam beneficiar das medidas referidas; o Plano de Bonificação de Juros de carácter temporário, que consiste numa bonificação de juros aos créditos até um montante máximo de dois milhões de patacas, com taxa máxima de juros de quatro por cento, durante

um período de três anos, destinado a todas as empresas que obtenham empréstimos bancários devido à escassez de fundos operacionais causada pela epidemia; e a isenção de pagamento de rendas relativas aos imóveis públicos por um período de três meses.

Ao leque, o Governo acrescentou outras medidas de carácter mais geral como: a isenção do pagamento das taxas de licenciamento e de licença administrativa de todos os sectores; a isenção do pagamento da taxa de inspecção de instalações relativa a 2020; a isenção do pagamento das taxas de utilização de amarração e dos seus desembarços marítimos relativamente ao período compreendido entre Fevereiro e Abril do corrente ano; a isenção do pagamento da re-

CRONOLOGIA

DEZEMBRO

31

GOVERNO DE WUHAN CONFIRMA QUE ESTÁ A TRATAR DEZENAS DE CASOS RELACIONADOS COM UM NOVO TIPO DE CORONAVÍRUS

JANEIRO

1

MEDIÇÃO DE TEMPERATURA A PASSAGEIROS PROVENIENTES DE WUHAN NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE MACAU

5

GOVERNO DA RAEM AUMENTA NÍVEL DE ALERTA PARA III

11

CONFIRMADA A PRIMEIRA MORTE NO INTERIOR DA CHINA

20

CONFIRMADOS OS PRIMEIROS CASOS FORA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: NO JAPÃO, COREIA DO SUL E TAILÂNDIA

tribuição pecuniária por parte das concessionárias dos Terminais Marítimos de Passageiros do Porto Exterior e da Taipa relativa ao mesmo período de Fevereiro a Abril; a isenção do pagamento de estacionamento de táxis no auto-silo da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau durante todo o período de combate à epidemia; assim como do pagamento das taxas anuais de inspecção de táxis e da taxa de aferição de taxímetros; e, finalmente, do pagamento das taxas dos dispositivos móveis terrestres de exploração de radiocomunicações utilizados por entidades privadas.

Foi também decidida a prorrogação por um ano do prazo de reembolso sem juros de empréstimos das indústrias culturais, além da oferta de mais formação e oportunidades de trabalho em vários sectores.

A última medida anunciada foi a criação de um fundo de 10 mil milhões de patacas que vai ser atribuído a residentes e é destinado ao apoio ao combate à epidemia. O fundo abrange “as empresas e estabelecimentos comerciais que, devido ao impacto da situação epidémica, enfrentem dificuldades de sobrevivência ou de exploração dos seus negócios”. O objectivo, sublinhou o Executivo, é “atender às necessidades urgentes da população, estabilizar a economia de Macau e garantir o bem-estar social e o emprego dos residentes”.

Reforço da prevenção

No campo da prevenção do sur-

to da epidemia, o Governo foi reforçando as medidas progressivamente. Foram aplicadas regras assim que o vírus surgiu em Wuhan, na província de Hubei, mais tarde reforçadas quando o epicentro deixou de ser o Interior do País para passar a ser a Europa.

A partir da meia-noite de 18 de Março, e depois de mais três novos casos na região após um período limpo de 40 dias, foi proibida a entrada em Macau de todas as pessoas que não têm residência na região, à excepção de residentes do Interior do País, Hong Kong e Taiwan. A partir da meia-noite do dia 19, a proibição de entrada também abrangeu os trabalhadores não-residentes, medida justificada, em despacho oficial, como forma de prevenir a importação de casos de infecção do exterior e proteger a saúde dos residentes de Macau. A medida foi um agravamento de outra anunciada antes, que impunha apenas uma quarentena de duas semanas.

A 25 de Março, passou a estar vedada também a entrada aos residentes do Interior do País, de Hong Kong e de Taiwan que tenham visitado territórios estrangeiros nos 14 dias anteriores à entrada.

No âmbito da Lei de prevenção, controlo e tratamento de doenças transmissíveis, foi decidido igualmente que todas as pessoas que tenham visitado Hong Kong ou Taiwan nos 14 dias anteriores à entrada em Macau ficam sujeitas a observação médica de 14 dias nos locais



SSM



GCS

Equipa médica de Macau prepara-se para buscar residentes de Macau retidos em Hubei

designados pela autoridade sanitária.

Caso os residentes do Interior do País, de Hong Kong e de Taiwan não tenham visitado países estrangeiros, Hong Kong e Taiwan nos 14 dias precedentes, podem entrar, mas se forem provenientes de regiões de alta incidência ficarão também sujeitos a exame médico.

Com a obrigatoriedade de quarentena a todas as pessoas que chegam ao Aeroporto Internacional de Hong Kong, os residentes de Macau com viagem planeada para aquele aeroporto tiveram de informar com

antecedência o Governo de Macau, de forma a que fosse providenciado um transporte oficial para que os cidadãos pudessem cumprir a quarentena num dos hotéis designados pelos Serviços de Saúde para o efeito.

Estão previstas excepções à interdição na fronteira por “motivo de interesse público”, como emergência ou socorro, e para garantir a “manutenção do funcionamento normal” de Macau ou das “necessidades básicas de vida dos residentes”.

Antes, e aquando do 11.º caso identificado em Macau, a vice-presidente do Centro de Coor-

22

PRIMEIRO CASO CONFIRMADO NA RAEM, MULHER DE 52 ANOS, TURISTA DE WUHAN

23

• AUTORIDADES CHINESAS DECIDEM ISOLAR A CIDADE DE WUHAN
• INÍCIO DO PLANO DE FORNECIMENTO DE MÁSCARAS EM MACAU

26

MAIS TRÊS CASOS NA RAEM, TODAS DO SEXO FEMININO, PROVENIENTES DE WUHAN

27

SEXTO E SÉTIMOS CASOS COM TESTE POSITIVO EM MACAU

30

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE DECLARA EMERGÊNCIA GLOBAL DE SAÚDE PÚBLICA

As entradas de visitantes e residentes são controladas ao pormenor tanto nas fronteiras terrestres como no Aeroporto Internacional ▽



LUSA



GCS

denação de Contingência do Novo Tipo de Coronavírus, a secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U, já tinha anunciado que as políticas preventivas do Governo da RAEM estavam agora também focadas na prevenção da ocorrência de casos importados.

Os residentes poderão entrar, mas serão sujeitos à observação clínica e a isolamento obrigatórios durante 14 dias, e têm de apresentar a declaração, disponível no portal dos Serviços de Saúde, que inclui informação sobre o estado de saúde e o historial de viagem. A declaração de saúde é também obrigatória para quem quiser frequentar espaços públicos na cidade, onde na entrada é medida ainda a temperatura.

Antes, e assim que surgiu o surto, entraram em vigor outras medidas, entre as quais um plano de fornecimento de máscaras. Todos os indivíduos elegíveis, residentes e trabalhadores não-residentes, podem comprar até 10 máscaras, pelo valor total de oito patacas a cada 10 dias, num total de 84 locais de venda, que incluem farmácias, centros e postos de saúde e associações cívicas.

O início

Os primeiros casos surgiram em Dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na província de Hubei, com as autoridades a identificarem a possível origem de um novo coronavírus num mercado da cidade. A Comissão Nacional de Saúde identificou a doença infecciosa súbita, que mais tar-

de seria denominada Covid-19, e na RAEM registaram-se primeiramente 10 casos positivos. Todos curados até Março.

Na fase inicial, os Serviços de Saúde locais desaconselharam as deslocações à cidade de Wuhan e fortaleceram a inspeção sanitária nos postos fronteiriços. O Governo da RAEM criou de imediato o Centro de Coordenação de Contingência do Novo Tipo de Coronavírus, responsável pela planificação global, orientação e coordenação das acções das entidades públicas e privadas, a funcionar na dependência directa do Chefe do Executivo, sendo a secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U, a vice-presidente.

A 22 de Janeiro, e com o aumento de casos no Interior do País, foi anunciado pelo director dos Serviços de Saúde, Lei Chin Ion, o lançamento de um plano para garantir o fornecimento de máscaras à população. Cerca de 20 milhões de máscaras novas, já compradas, começaram a ser distribuídas. O uso obrigatório de máscara foi implementado nos transportes e serviços públicos assim que foi confirmado o primeiro caso.

No dia seguinte, o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, anunciou o cancelamento de todos os grandes eventos públicos no período do Ano Novo Lunar, como forma de reforçar a prevenção e controlo da epidemia e garantir a segurança da saúde pública. Ho Iat Seng apelou ainda a que todas as associações também seguissem a mes-

FEVEREIRO

2

MULHER DE 64 ANOS PRIMEIRA RESIDENTE INFECTADA FOI O OITAVO CASO EM MACAU

4

- MAIS DOIS CASOS NA RAEM, TAMBÉM RESIDENTES, A ELEVAR PARA 10 OS INFECTADOS EM TRATAMENTO
- GOVERNO ANUNCIOU A SUSPENSÃO DO SECTOR DO JOGO DURANTE 15 DIAS

6

PRIMEIRA PACIENTE DIAGNOSTICADA EM MACAU COM ALTA HOSPITALAR

20

- REABERTURA DOS CASINOS
- INÍCIO DA QUARENTENA OBRIGATÓRIA PARA TNR QUE TENHAM ESTADO NO INTERIOR DA CHINA NOS 14 DIAS ANTERIORES À ENTRADA EM MACAU

ma decisão, no sentido de evitar a concentração de pessoas e reduzir o risco da propagação.

Ainda antes do primeiro dia do novo Ano Lunar, várias medidas foram anunciadas, como o adiamento do reinício das aulas tanto pela rede escolar da Direcção para os Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), como pelas 10 instituições de ensino superior, e ainda o encerramento de museus e outros equipamentos culturais, de centros de actividades, instalações e espaços interiores do Instituto para os Assuntos Municipais (IAM) e instalações desportivas afectas ao Instituto do Desporto. O Centro de Coordenação de Contingência do Novo Tipo de Coronavírus apelou ainda à suspensão temporária dos cinemas e das actividades de grande escala.

A 26 Janeiro, e tendo em conta novos casos, o Centro Hospitalar Conde São Januário decidiu cancelar todos os horários de visitas, e fazer ajustes nas consultas externas e na organização do serviço de urgência.

O Governo optou igualmente por examinar todos os turistas provenientes da província de Hubei que tivessem entrado no território desde 1 de Dezembro de 2019 e ainda permanecessem em Macau. Aqueles que não apresentaram sintomas foram aconselhados a regressar ao Interior do País, pelos próprios meios. Os restantes foram transportados para um centro de isolamento, uma medida que não incluiu trabalhadores não-re-

sidentes e alunos da província.

Depois do sexto caso diagnosticado, foi proibido o acesso aos casinos dos indivíduos que tivessem visitado a província de Hubei nos 14 dias anteriores à entrada na RAEM.

Com o agravamento da epidemia em Hong Kong, esta região decidiu suspender as ligações marítimas com Macau, mantendo-se apenas o acesso entre os dois territórios pela Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau.

Por despacho do Chefe do Executivo da RAEM, os funcionários públicos ficaram dispensados de comparecer ao local de trabalho até dia 16 de Fevereiro, e durante este período, foi recomendado que permanecessem em casa, tendo sido pedido ao sector privado que replicasse as medidas.

Depois de nove casos de coronavírus, o Chefe do Executivo anunciou, a 4 de Fevereiro, e pela primeira vez na história de Macau, a suspensão do funcionamento do sector do jogo e de entretenimento pelo período de 15 dias, e os serviços públicos a manterem apenas os serviços de emergência.

O 10.º caso confirmado levou as autoridades a considerarem o risco de surto na comunidade muito grave. Dois dias depois, a 6 de Fevereiro, a primeira paciente, diagnosticada com novo tipo de coronavírus em Macau, teve alta hospitalar. Seis dias depois, uma mulher de 21 anos, de Wuhan, internada a 26 de Janeiro, tornou-se o segundo caso tratado.

A 20 de Fevereiro, foi levanta-



tada a medida de encerramento do sector do jogo, com o prazo de 30 dias para a reabertura plena de todos os espaços. Ao mesmo tempo, com vista a reforçar as medidas locais de prevenção contra a epidemia, o Chefe do Executivo determinou, por despacho, que, a partir da meia-noite do dia 20 de Fevereiro, os titulares do Título de Identificação de Trabalhador Não-Residente que tivessem estado no Interior do País nos 14 dias anteriores à entrada em Macau, seriam sujeitos a observação médica durante 14 dias em locais, na cidade de Zhuhai, a indicar pelos Serviços de Saúde de Macau e, só depois, seriam autorizados a entrar na região, mediante apresentação de certificado médico emitido pela autoridade de saúde de Zhuhai, comprovando não serem portadores do novo tipo de coronavírus.

Já os trabalhadores não-residentes que chegassem do exterior e não conseguissem nem obter o certificado médico nem regressar ao local de origem,

deveriam cumprir as exigências dos Serviços de Saúde, estando sujeitos à observação médica em Macau, bem como ao pagamento das respectivas despesas. A medida foi aplicada a todos os que chegassem às fronteiras vindas de locais considerados de alta incidência da epidemia.

Uma vez que os residentes de Macau ocupam o segundo lugar entre o número de pessoas que mais entram e saem de Macau, passaram também a ser monitorizados e sujeitos a avaliação médica.

Depois de um período de 40 dias sem novas ocorrências, registaram-se em Março novos casos importados, que prosseguiram em tratamento até ao fecho desta edição. O director dos Serviços de Saúde, Lei Chin Ion, frisou, em meados de Março, que a epidemia no Interior do País estava a abrandar, mas a situação epidémica noutras regiões do mundo era grave, e que Macau mudou o foco da prevenção do nível doméstico para quem entre no território vindo do estrangeiro. **M**

MARÇO

11
OMS DECLARA PANDEMIA, QUE EXIGE "ACÇÕES URGENTES E AGRESSIVAS" DOS PAÍSES

15
NOVO CASO IMPORTADO NA RAEM, DEPOIS DE UM PERÍODO DE 40 DIAS SEM NOVOS CASOS

19
TODOS OS NÃO RESIDENTES, INCLUINDO OS TRABALHADORES PORTADORES DE *BLUE-CARD*, FICARAM IMPEDIDOS DE ENTRAR EM MACAU DEPOIS DE TEREM SIDO REGISTRADOS SETE CASOS IMPORTADOS EM MENOS DE UMA SEMANA

25
APÓS A PROIBIÇÃO DE ENTRADA DE TODOS OS ESTRANGEIROS, A MEDIDA É ALARGADA A RESIDENTES DO INTERIOR DO PAÍS, HONG KONG E TAIWAN QUE VISITARAM PAÍSES ESTRANGEIROS 14 DIAS ANTES DA CHEGADA A MACAU

APOIOS FINANCEIROS

RESIDENTES

COMPARTICIPAÇÃO PECUNIÁRIA

Atribuição antecipada para Abril
MOP 10.000 patacas para permanentes
MOP 6000 para não permanentes

SUBSÍDIOS DE APOIO DO INSTITUTO DE ACÇÃO SOCIAL

Atribuições de dois subsídios de apoio extra (em Março e Setembro) aos agregados familiares beneficiários que recebem periodicamente o apoio económico do IAS

PLANO DE SUBSÍDIO DE CONSUMO

MOP 3000 por residente

VALES DE SAÚDE

MOP 600 por residente permanente

IMPOSTO PROFISSIONAL

Aumento de devolução da colecta para 70% do imposto devido e pago relativamente ao ano de 2018

Limite máximo de MOP 20.000

Aumento de dedução fixa ao rendimento colectável para 30%

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL URBANA

Isenção de pagamento

SUBVENÇÃO DO PAGAMENTO DAS TARIFAS DE ENERGIA ELÉCTRICA E DE ÁGUA

Isenção de pagamento integral de todas as fracções habitacionais de Março a Maio

EMPRESAS

IMPOSTO COMPLEMENTAR DE RENDIMENTOS

Dedução máxima de 300 mil patacas

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL URBANA

Dedução de 25% para propriedades destinadas ao comércio e indústria referente ao ano de 2019

IMPOSTO DE TURISMO

Isenção com a taxa de 5% do consumo feito por um período de 6 meses

IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO

Devolução do imposto de circulação de todos os veículos comerciais referente ao ano de 2020

IMPOSTO DO SELO PARA ALVARÁS E LICENÇAS ADMINISTRATIVAS

Isenção ou devolução do valor para licenças referentes ao ano 2020

OUTRAS MEDIDAS

Isenção de pagamento:

- Taxas de licenciamento e de licença administrativa
- Taxa de inspecção
- Taxas de utilização de amarração e dos seus desembarços marítimos
- Da retribuição pecuniária por parte das concessionárias dos Terminais Marítimos de Passageiros do Porto Exterior e da Taipa
- De estacionamento de táxis no auto-silo da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau
- Taxa de inspecção de táxis e de taxa de aferição de taxímetros
- De exploração de radiocomunicações

Prorrogação do prazo de reembolso de empréstimos das indústrias culturais

Formação e oferta de trabalho em vez de só dar subsídios



PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

PLANO DE BONIFICAÇÃO DE JUROS DE CRÉDITOS BANCÁRIOS PARA AS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Montante máximo: MOP 2 milhões

Taxa anual de juro máxima: 4%

Prazo máximo de bonificação: 3 anos

Beneficiários: PME em funcionamento há pelo menos 1 ano com menos de 100 trabalhadores

PLANO DE GARANTIA DE CRÉDITOS A PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Garantia de crédito bancário: 70% do valor solicitado

Montante máximo do crédito: MOP 7 milhões

Montante máximo da garantia de crédito: MOP 4,9 milhões

Prazo máximo de reembolso: 5 anos

Destinatários: PME em funcionamento há pelo menos 1 ano com menos de 100 trabalhadores

PLANO DE GARANTIA DE CRÉDITOS A PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS DESTINADOS A PROJECTO ESPECÍFICO

Garantia de crédito bancário: 100% do valor solicitado

Montante máximo: MOP 1 milhão

Prazo máximo de reembolso: 5 anos

Destinatários: PME em funcionamento há pelo menos 3 anos com menos de 100 trabalhadores

PLANO DE APOIO A PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Montante máximo reembolsável sem juros: MOP 600 mil

Prazo máximo de reembolso: 8 anos

Destinatários: PME em funcionamento há pelo menos 2 anos com menos de 100 trabalhadores

AJUSTAMENTO DAS MEDIDAS DE REEMBOLSO

Redução para MOP 1000 do montante que deverá ser pago na prestação imediatamente seguinte e a liquidação do valor remanescente, em partes iguais, nas prestações a seguir

Destinatários: empresas beneficiárias de diversos planos de apoio lançados pela DSE, desde que façam o pedido

MEDIDAS DE PREVENÇÃO EM VIGOR



PROIBIÇÃO TOTAL DA ENTRADA DE NÃO RESIDENTES desde 19 de Março

*com excepção de trabalhadores não residentes do Interior do País, Hong Kong e Taiwan que não tenham estado no estrangeiro nos últimos 14 dias.



QUARENTENA OBRIGATÓRIA PARA RESIDENTES QUE CHEGUEM A MACAU desde 18 de Março



DISTRIBUIÇÃO DE MÁSCARAS desde 22 de Janeiro

10 por cada residente no valor de MOP 8, a cada 10 dias



DECLARAÇÃO DE SAÚDE OBRIGATÓRIA E MEDIÇÃO DA TEMPERATURA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS



ENCERRAMENTO DAS ESCOLAS, DOS RECINTOS DESPORTIVOS E CULTURAIS

Desde as férias do Ano Novo Chinês; abertura ainda por anunciar

“Macau é um exemplo para o mundo”

O director do Serviço de Pediatria do Centro Hospitalar Conde de São Januário, e um dos homens da linha da frente dos Serviços de Saúde no combate ao novo coronavírus, explica à MACAU porque a cidade é um exemplo mundial. Jorge Sales Marques salienta a coragem do Governo e dos Serviços de Saúde em actuar rapidamente e defende que temos de estar unidos se queremos pôr fim ao COVID-19

Que medidas preventivas foram tomadas logo no início?

Assim que foi reportado pela Organização Mundial da Saúde o aparecimento do novo coronavírus, a 31 de Dezembro, enviámos logo uma equipa que medisse a temperatura das pessoas que vinham no avião de Wuhan para Macau a 1 de Janeiro. A febre é um dos sintomas, aparece em cerca de 40 por cento dos casos. Registarmos a temperatura e apanharmos logo os casos no início seria uma forma de evitar a propagação.

Uma medida que se estendeu.

Começámos a fazer o registo de temperatura em diversos locais, públicos e privados. Fizemos uma campanha sobre a utilização das máscaras para evitar o contágio, muito importantes porque 20 por cento dos doentes não apresentam febre e, portanto, não sabem que estão doentes e podem contagiar. Também ensinámos, através de diversos canais como os meios de comunicação, como se devia lavar as mãos e a importância disso.

Houve mais medidas além destas três fundamentais?

Naquela fase inicial, era importante conseguir o controlo interno das infecções. Tínhamos de cortar o ciclo. Macau tem uma elevada densidade populacional e recebe anualmente cerca de 40 milhões de visitantes, quase 100 mil por dia, o que seria um factor de risco. Era importante evitar o aglomerado de pessoas. Fechámos tudo o que tínhamos de fechar, encerrámos as fronteiras e mesmo os estabelecimentos públicos estiveram fechados durante determinado período.

E finalmente o isolamento.

Foi crucial. As pessoas ficaram em casa, as ruas de Macau estavam completamente desertas. Cozinham em casa e saía só um membro da família para ir às compras ou buscar comida. O vírus multiplica-se através da junção de pessoas. Regra geral, uma pessoa infectada pode contagiar entre três a seis, em média. Outra medida de sublinhar foi o estudo epistemológico de cada caso: onde e com quem esteve cada pessoa infectada.

Que regras foram implementadas nos postos de saúde?

No quarto dia depois do primeiro caso – a 26 de Janeiro – iniciámos um plano de emergência nos





“OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE, PRINCIPALMENTE OS DA LINHA DA FRENTE, TÊM DE TER UM CUIDADO EXTREMO. TÊM DE CUMPRIR À RISCA TODAS AS MEDIDAS DE SEGURANÇA”

hospitais e centros de saúde. Dividimos o pessoal em dois grupos. Uma parte trabalhava nuns dias ou em certas partes do dia, e os outros nos restantes. Metade dos profissionais mantinha-se no activo e a outra ficava em casa, em isolamento, para garantir a assistência atempada. Suspendemos as cirurgias, procedimentos e consultas não urgentes. Passámos a fazer consultas pelo telefone ou videoconferência. Cortámos completamente com as visitas às pessoas internadas. O doente podia ligar para a família através dos telemóveis próprios ou de videoconferência por meio dos telefones instalados nas enfermarias. Também construímos uma emergência especial. O doente entra pela urgência, onde está uma equipa que constrói a história de onde esteve nos últimos 14 dias, medimos a temperatura e fazemos o rastreio normal. Se tivesse um percurso suspeito, ia para a emergência especial onde se fazia a colheita para COVID-19 e ficava à espera do resultado. No caso de dar positivo, era internado. Se desse negativo, ia depender de três critérios.

Pode detalhar esses critérios?

Se pertencia ao grupo de baixo, moderado ou de alto risco. No alto risco, incluíamos quem tivesse tido um contacto próximo ou íntimo com um doente, inferior a um metro, de meia hora e sem máscara, ou que viesse de zonas epidémicas; de risco moderado, os que tinham tido contacto mas não íntimo com algum paciente; e no terceiro grupo, entrava quem tivesse contacto com grupos, como funcionários dos casinos, motoristas, pessoal dos hotéis. Nos grupos de risco moderado ainda tínhamos dois grupos: os mais leves, que podiam ir para o Alto de Coloane, e os que estivessem pior, que mesmo com um quadro

negativo ficavam aqui no hospital e repetíamos o teste. Já os de risco leve incluía as pessoas com um quadro normal – febre e tosse moderada. Nos casos leves e moderados e que faziam o teste, iam para casa, e se se confirmasse, ligávamos e essa pessoa era recolhida em casa por uma equipa. Não vinha sozinha para o hospital.

E no caso da quarentena domiciliária?

Ainda há pessoas nesse regime, mas aos poucos estão a ser liberadas. Neste caso, o acompanhamento é feito pelos Serviços de Saúde e pela polícia, que vai a casa a horas e dias aleatórios sem pré-aviso confirmar se a pessoa está a cumprir a quarentena. Os Serviços de Saúde fazem o controlo via telefone várias vezes ao dia.

Entretanto, houve novas medidas, decididas nesta segunda fase?

A primeira fase foi combatida. Só tivemos 10 casos, todos com alta até ao início de Março. Conseguimos controlar e ficámos sem casos durante 40 dias, mas já estávamos à espera que a partir de certa altura voltaríamos a ter infectados. Não sabíamos quando, mas sabíamos que seria com o retorno das pessoas de países que também estão infectados. Tivemos o primeiro caso importado a 15 de Março. A partir do terceiro, tomámos medidas mais drásticas. Fechámos praticamente as fronteiras. As únicas pessoas que podiam entrar eram os residentes locais, do Interior da China, de Hong Kong e de Taiwan, bem como os residentes e os não residentes. Ao quinto caso, fomos ainda mais radicais. Cortámos a entrada dos não residentes com excepção dos de Taiwan, Hong Kong e do Interior do País. Além disso, começámos a ir buscar ao aeroporto de Hong Kong, através de autocarros oficiais, todos os residentes a quem fazemos logo o controlo de temperatura e vêm directamente ao hospital onde fazem os testes. Se der negativo, vão para os hotéis destinados à quarentena. Neste momento, já vamos em 12 hotéis e já temos mais de 2000 pessoas em quarentena nesses locais. Assim impedimos que sejam um factor de risco para a comunidade. Os que dão positivo ficam internados na unidade de doenças infecciosas para serem imediatamente tratados.

Como são acompanhadas as pessoas que estão de quarentena nos hotéis?

Há uma equipa com equipamento de protecção individual que vai medir a temperatura aos quartos duas vezes por dia, de manhã e à tarde, que também leva as refeições. Ficam mesmo em iso-

lamento. Se tiverem alguma necessidade, como roupa ou comida que preferiam, podem pedir aos familiares que podem entregar ao pessoal do hotel entre 17h00 e 19h00 e que depois faz a distribuição. No caso de haver crianças, ficam no mesmo quarto que os pais. É assim que conseguimos cortar logo pela raiz o contágio local e impedir que haja casos na comunidade. Por alguma razão Macau é um exemplo para o mundo. Com uma densidade populacional das mais elevadas, temos poucos casos e os casos importados estavam previstos. A última medida que tomámos foi a de proibir a entrada de todos os estrangeiros e ainda dos residentes do Interior do País, de Hong Kong e de Taiwan que tenham visitado outros locais nos 14 dias anteriores à entrada em Macau, e suspendemos todas as escalas no aeroporto. Assim cortámos ainda mais as hipóteses de haver casos importados.

O que acontece aos doentes infectados?

Após ser confirmado que têm o vírus, ficam na unidade de doenças infecciosas. O tratamento é feito à base de antivíricos, que também foram utilizados no SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave), o nome mais comercial é “Kaletra”, que é a associação entre lopinavir e ritonavir. Os 10 primeiros tiveram alta, estão curados e em casa. Os internados estão clinicamente estáveis, e terão alta quando estiverem pelo menos três dias sem febre e sem tosse. Pode demorar mais do que 14 dias, que é o tempo do tratamento. Se os sintomas persistirem, continuam em isolamento porque é mais seguro. Antes de terem alta,

PANORAMA GERAL

Jorge Sales Marques explica que há sete tipos de coronavírus em que há transmissão humana. Além dos três mais famosos – SARS, MERS e COVID-19 –, há outros quatro, mas que são menos violentos. O COVID-19 tem um menor índice de mortalidade – cerca de 2,5 por cento – face ao SARS, mas um alto índice de contágio. Inicialmente, realça o médico, pensava-se que a transmissão era só através de gotículas de saliva. Hoje sabe-se que o vírus consegue ficar quatro horas numa superfície de cobre, 24 horas em cartão, e entre dois a três dias no plástico e no aço inoxidável. “A melhor forma de controlarmos a situação e irmos eliminando o vírus é o isolamento”, avisa. “Se não tivermos contacto com o vírus ele não se vai propagar e não haverá novas mutações”, acrescenta. O COVID-19 já tinha infectado, no momento do fecho desta edição, cerca de 500 mil pessoas em quase 200 países e territórios. Os Estados Unidos era o país com o maior número de infectados, enquanto Itália tinha a maior taxa de mortalidade. O COVID-19 tem um maior índice de contágio e mortalidade em pessoas com mais de 55 anos, com um predomínio nas do sexo masculino e com doenças crónicas, oncológicas e cardiovasculares. “A forma de atacar o vírus não se pode limitar às medidas do Governo e dos Serviços de Saúde. Tem de haver uma completa cumplicidade entre isso e a população”, alerta o médico de Macau.



“AS PESSOAS FICARAM EM CASA, AS RUAS DE MACAU ESTAVAM COMPLETAMENTE DESERTAS. COZINHAVAM EM CASA E SAÍA SÓ UM MEMBRO DA FAMÍLIA PARA IR ÀS COMPRAS OU BUSCAR COMIDA. O VÍRUS MULTIPLICA-SE ATRAVÉS DA JUNÇÃO DE PESSOAS”

têm de fazer dois testes. Se o primeiro der negativo, repetimos no dia seguinte. Quando têm alta não vão para casa. Vão de quarentena e seguem os mesmos procedimentos dos restantes: controlo bidual da temperatura e colheitas das secreções nasofaríngeas. Depois de fazerem a segunda quarentena, são dados como clinicamente curados e o processo fica fechado. Claro que depois podem ser seguidos por outros motivos. Sabemos que nos casos mais graves pode haver sequelas pulmonares, mas isto é uma situação que felizmente não tivemos porque só temos tido casos ligeiros, sem necessidade de cuidados intensivos.

Havia maneira de evitar a segunda vaga de casos?

Era impossível. As pessoas são residentes de Ma-

cau, tinham de voltar. Estávamos a contar com esta vaga. Não nos apanhou de surpresa.

O Governo tem insistido muito no controlo da temperatura e nos testes na fronteira. Porque é tão importante e de que forma é efectivo?

Se um doente é apanhado com febre – mesmo que com 37,3 ou 37,4 –, conseguimos identificá-lo logo e limitar o contágio. De todos os doentes diagnosticados até hoje, 40 por cento foram identificados pelo rastreio de temperatura. Queremos estar sempre um passo à frente do vírus.

E tem resultado?

Temos provas que resulta. Macau é um modelo para o mundo. Melhor era impossível. E isso deve-se à coragem de se ter tomado medidas logo. É um vírus extremamente contagioso e, por isso, tem de se ter coragem de actuar. Se temos receio, perdemos tempo. Não queremos dar um milímetro de vantagem ao vírus.

O uso das máscaras também tem sido uma das tónicas da prevenção.

Já entregámos mais de 30 milhões de máscaras à população. A cada 10 dias, distribuímos 10 por pessoa. Já vamos na sétima ronda. A partir da

terceira, começámos a distribuir também máscaras pediátricas. Foi difícil adquirir. Conseguimos um milhão de máscaras pediátricas, dos 3 aos 8 anos. A partir dos 8 anos podem usar uma máscara de adulto e antes dos 3 anos é desaconselhável porque a criança pode sufocar e, havendo uma epidemia, nem é desejável que saia de casa. Esta política foi muito importante e os resultados estão à vista.

Que procedimentos se tomam para despistar outros contágios quando se identifica um paciente?

Tentamos saber com quem teve contacto, que nem sempre é fácil, e depois atendemos a critérios como a distância e se o contacto foi íntimo. A partir daí, identificamos as pessoas e vamos à procura delas para fazerem os testes.

Como tem sido feita a gestão do pessoal médico?

Os profissionais de saúde, principalmente os da linha da frente, têm de ter um cuidado extremo. Têm de cumprir à risca todas as medidas de segurança, como vestir o equipamento e ir mudando várias vezes. Há outros colegas que vêm se estão a fazer tudo bem, há formação. Existe uma pessoa com mais experiência que vigia, ensina e corrige. Temos recursos mais do que suficientes, quer do ponto-de-vista dos equipamentos como dos testes. Não temos falta de nada. Não tivemos nenhum profissional de saúde infectado.

Quem pertence às equipas que lidam com pacientes infectados?

Geralmente são profissionais das equipas de urgência, porque têm mais treino. Mas que têm de dar formação a colegas de outros serviços porque a equipa tem de ser renovada. Temos uma equipa que apelidamos de “Dirty Team”, que vai lidar com os doentes de COVID-19, em sistema de rotatividade. Durante 14 dias, a equipa, constituída por 23 médicos e 60 enfermeiros, acompanha esses doentes em sistema de turnos. Após esse tempo, entra outra equipa e esses profissionais vão para quarentena no edifício dos Serviços de Saúde – que fica ao pé do hospital –, para não irem para casa e não infectarem outros. Desde o início da epidemia, houve 3000 médicos e enfermeiros que se voluntariaram para trabalhar com as equipas da epidemia após o horário de trabalho. Estamos a viver um momento de solidariedade. Só unindo esforços e, muitas vezes, copiando modelos é que podemos ter sucesso. Não temos nenhum profissional de saúde infec-

“ESTAMOS A VIVER UM MOMENTO DE SOLIDARIEDADE. SÓ UNINDO ESFORÇOS E, MUITAS VEZES, COPIANDO MODELOS É QUE PODEMOS TER SUCESSO”

tado e contamos com cerca de 230 camas para isolamento.

Que lições foram aprendidas com o SARS?

Permitiu-nos agir por antecipação. Sabíamos que 80 por cento do RNA (DNA de um vírus) do COVID-19 era igual ao da SARS e que havia muita probabilidade de provocar, no mínimo, os mesmos efeitos. Infelizmente, foi ainda pior.

A comunidade está alarmada com o aumento recente do número de casos. Há alguma mensagem que queira deixar?

Não devem ter receio porque são casos importados. O que aconselho é que continuem a seguir as directrizes do Governo e dos Serviços de Saúde.

Tem previsão de prazos para o fim da pandemia?

É muito difícil dizer quando tudo vai acabar. A melhor forma de combatermos o vírus é através da comunhão entre as medidas do Governo e a população, cumprindo as regras de quem está dentro do assunto e percebe.

O que deve mudar depois disto?

Temos todos de reflectir. Temos de ser solidários. 

CRIANÇAS À PROVA

Até ao momento, o novo coronavírus tem poupado as crianças mais pequenas. O médico Jorge Sales Marques fundamenta a incidência diminuta com a estimulação frequente do sistema imunológico através de vacinas nos primeiros 18 meses de vida, seguida pelo reforço da vacinação entre os 5 e os 6 anos, e entre os 10 e os 13, assim como a sujeição frequente a infecções virais durante a infância, nos infantários e nas escolas. Nos adultos, apesar de tanto as infecções virais como a sujeição a vacinas serem frequentes, a memória imunológica é menor.



JIANGMEN

O elo de ligação entre a Grande Baía e a diáspora chinesa

Jiangmen, uma das cidades centrais da zona ocidental do Delta do Rio das Pérolas, é conhecida como a primeira cidade natal dos chineses ultramarinos da China, dado que mais de quatro milhões emigrantes têm ali raízes. No âmbito da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, a cidade tem como missão transformar-se num centro de transportes tanto rodoviário como ferroviário, de modo a promover uma melhor conexão entre os recursos de Macau e Hong Kong na zona oeste da província de Guangdong

Texto | José Luís Sales Marques

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

Jiangmen (ou “Kong Mun” em cantonês) é considerada a capital da diáspora chinesa. O seu nome significa a “porta do rio” e deve-se à configuração natural que resulta do enquadramento dado pelos montes Penglai e Yandun ao leito do rio Xijiang (Rio do Oeste). A margem ocidental do Delta do Rio das Pérolas está povoada de diversas cidades e aldeias onde os mais antigos recordam histórias sobre a emigração dos seus cantarrâneos para os quatro cantos do mundo. Todavia, Jiangmen lidera disparada, já que conta com cerca de quatro milhões de chineses ultramarinos que reclamam as suas raízes ancestrais a esta cidade.

Esses números, e a tessitu-

ra relacional que representam, são ainda reforçados pela presença física de imenso património edificado no seu território cuja origem está na emigração. Os “diaolou” (碉樓), impressionantes conjuntos habitacionais e comunitários mandados construir por chineses ultramarinos, emergem como sentinelas nas vastas planícies de arrozais da bela e singular paisagem natural de Jiangmen. Kaiping, onde se encontra a mais importante aglomeração desses edifícios, é, por isso, muito justamente, classificada como património mundial pela UNESCO, desde 2007. Essa classificação foi justificada tendo como argumento a complexa e extravagante fusão entre formas estruturais

e decorativas chinesas e ocidentais.

Os “diaolou” são edifícios multipisos, edificados em forma de torres defensivas, que representam a importância da migração originada em Kaiping no desenvolvimento da Ásia do Sul, Australásia e América do Norte. Essas torres assumem três formas distintas: torres comunitárias, mandadas construir por diversas famílias e que servem de refúgio em tempos de perigo; torres residenciais, propriedade de famílias abastadas e usadas como residências fortificadas, e torres de vigilância. Os edifícios estão perfeitamente enquadrados na paisagem rural circundante, de arrozais e suaves colinas, e apresentam um conjunto de

A cultura de Jiangmen é a de Lingnan, com elementos de fusão que resultam do rico intercâmbio cultural que os seus emigrantes tiveram com outras culturas

perfeito equilíbrio entre o ser humano e a natureza. A sua construção foi desencadeada pelo ambiente de insegurança que se viveu na região, particularmente durante os finais do século XIX e início do século XX, provocados pelo banditismo e pelas frequentes inundações.

Geografia e população

Jiangmen fica situada no centro sul da província de Guangdong, na confluência entre os rios Xijiang (Rio do Oeste) e Pengjiang. Fica equidistante dos eixos Cantão-Foshan e Shenzhen-Hong Kong, dos quais dista cerca de 100 quilómetros. É bordejada pelo Mar do sul da China, tendo uma zona costeira de 420 quilómetros. A cobertura florestal chega a 46,29 por cento de todo o território. Foshan e Yunfu ficam a norte, Yangjiang a oeste e Zhongshan e Zhuhai a leste. Possui uma área total de 9506 quilómetros quadrados e uma população de apenas 4,59 milhões de habitantes, de que resulta uma das densidades mais baixas da Área da Grande Baía, com apenas cerca de 430 habitantes por quilóme-



tro quadrado. Por consequência, a taxa de urbanização é igualmente baixa, ocupando apenas um sexto da sua área total. É rica em recursos naturais, sendo considerada uma cidade de topo para o turismo ambiental e cultural, além de ser também considerada cidade jardim de nível nacional bem como um exemplo em protecção ambiental. Possui uma vasta área disponível para a expansão urbana de qualidade e para a construção de parques industriais para

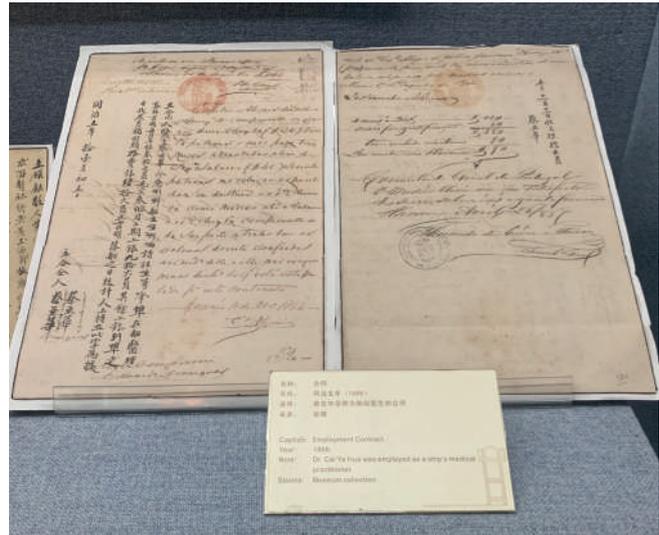
implantação de indústrias com tecnologia moderna.

Dotada de excelentes comunicações fluviais, Jiangmen é um mercado importante e centro fornecedor de produtos agrícolas para toda a região. Uma das suas principais funções é servir como plataforma de distribuição das redes de transporte por toda a zona oeste da Grande Baía e da província de Guangdong.

A prefeitura tem jurisdição sobre três distritos: Pengjiang, o centro político, económico e

JIANGMEN É RICA EM RECURSOS NATURAIS, SENDO CONSIDERADA UMA CIDADE DE TOPO PARA O TURISMO AMBIENTAL E CULTURAL

Visto passado a um chinês
pelas autoridades portuguesas
em Macau em destaque no
Museu da Diáspora



cultural, com uma área de 321 quilómetros quadrados e quase 765 mil habitantes; Jianghai, com uma área de 109 quilómetros quadrados e a população de cerca de 272 mil residentes; e, Xinhui, o bairro histórico, com existência desde as Dinastias Sui e Tang, com 1354 quilómetros quadrados e uma população de 875 mil habitantes. Para além destes distritos, conta ainda com as municipalidades de Taishan, estabelecida em 1499 na Dinastia Ming; Kaiping, fundada em 1649 e Heshan, criada em 1732, ambas durante a Dinastia Qing; e, por último, Enping, estabelecida no distante ano de 220, durante a Dinastia Han do Leste. Essas quatro municipalidades concentram quase 2,7 milhões de habitantes.

A faixa a oeste do Rio das Pérolas, que se manteve afastada do eixo central do desenvolvimento regional durante décadas, viveu prolongados períodos de instabilidade e incerteza económicas, agravados pela frequência anual de tufões e inundações, que provocaram a insegurança de pessoas e bens. Foi, por isso, terreno fértil para a emigra-

ção. Assim, existem actualmente cerca de quatro milhões de chineses pelo mundo cujas raízes se encontram em Jiangmen.

A emigração, que passou a registar-se em escala considerável sobretudo desde meados do século XIX, tendo como destino a América do Norte e Central, a Austrália e o Sudeste Asiático, levou à participação de centenas de milhares de trabalhadores chineses na construção de linhas de caminho-de-ferro e estradas, exploração de minas de ouro na Califórnia, trabalho de sol-a-sol em plantações diversas, edificação de várias cidades e, ainda, no pequeno comércio. Esses emigrantes criaram comunidades em várias cidades, incluindo Macau e Hong Kong. Segundo estimativas, existem nas duas regiões administrativas especiais, 1,55 milhões de pessoas e 93 associações de ajuda mútua e cívicas com ligações a Jiangmen. A Associação de Conterrâneos de Kong Mun de Macau, por exemplo, tem uma forte presença na vida associativa e política da RAEM.

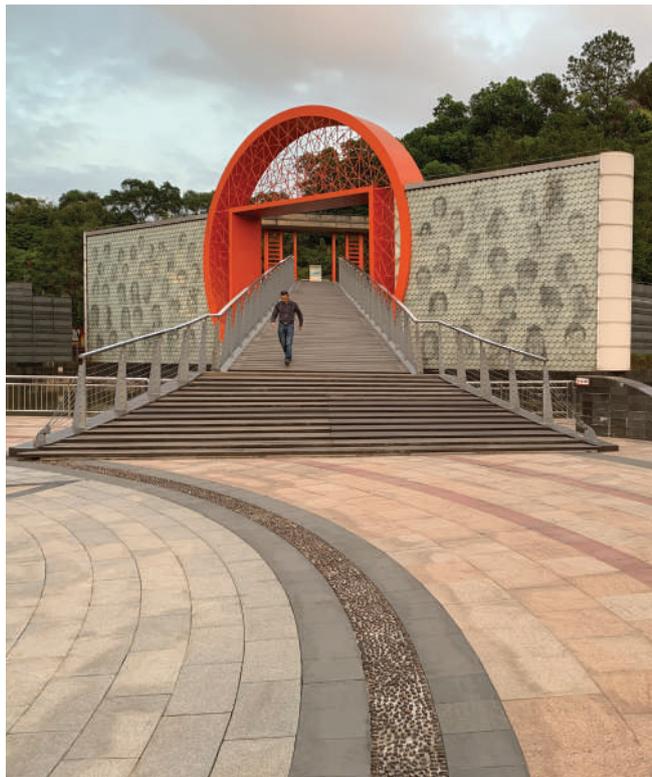
Jiangmen também benefi-



cia do apoio dos seus conterrâneos ultramarinos, cujos investimentos e doações representam um capital importante para a economia e a vida comunitária do município. Reportando a final de 2018, dados oficiais do governo municipal apontam para valores de 7721 mil milhões de dólares de Hong Kong em doações e 28.217 milhões de dólares norte-americanos em investimentos. Várias personalidades mundialmente conhecidas têm as suas raízes na região, incluindo o famoso cantor e actor Andy Lau, o político e ex-embaixador dos Estados Unidos na China Gary Locke e o anterior Chefe do Executivo da RAEM Chui Sai On.

As redes das comunidades chinesas com raiz em Jiangmen são, indubitavelmente, um forte elemento de ligação

VÁRIAS PERSONALIDADES TÊM AS SUAS RAÍZES NA REGIÃO, INCLUINDO O CANTOR ANDY LAU, O EX-EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS NA CHINA GARY LOCKE E O ANTERIOR CHEFE DO EXECUTIVO DA RAEM CHUI SAI ON



Parque Memorial das Estrelas de Cinema de Jiangmen

da Área da Grande Baía com o mundo e um instrumento importante para a projecção internacional desta megalópole.

História

O porto de Jiangmen foi um centro importante de comércio, durante os séculos XIII e XIV nas Dinastias Yuan (1206-1368) e Ming (1368-1644). Foi aberto ao comércio externo em 1904, como um dos Portos de Tratado. O seu crescimento foi mais lento do que os de Cantão e Hong Kong e sofreu com a depressão de 1931. A linha férrea Taishan-Doushan, a primeira construída na China com capital privado, foi destruída durante a II Guerra Mundial, quando toda a região foi ocupada pelos japoneses. Essa zona testemunhou violentas batalhas entre o inimigo ocupante e a resistência local. Essa linha férrea, conhecida como a Linha Xinning, foi mandada construir pelo emigrante Chen Yixi, que após 40 anos de trabalho nos Estados Unidos decidiu regressar à sua terra natal e contribuir para o seu desenvolvimento com esse empreendimento, cujo financiamento foi angariado junto a sino-americanos.

Jiangmen foi declarada cidade em 1951 e município com o nível de prefeitura em 1983. A região onde se encontra Jiangmen começou a ser povoada há cerca de três milénios, quando o povo Yue, originário do baixo Yangtze, rumando a sul aí se estabeleceu, dedicando-se à cultura do arroz e à pesca. Após o período Qin-Han (225 AC-220), chineses Han das planícies centrais deslocaram-se lentamente para aquela área, dominando-a progressivamente. Os habitantes viviam em proximidade e praticavam uma economia

de subsistência. Cultivavam tradições originárias das planícies centrais, como as corridas de barcos-dragão. Na Dinastia Ming (1368-1644), a área era dominada por piratas e a segurança geral das populações era muito precária.

A ilha de Shangchuan (São João), onde faleceu São Francisco Xavier a 2 de Dezembro de 1552, faz parte do município de Jiangmen. Recorde-se, aqui, um trecho da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, referente àquela ilha: "...e partindo a nau aquela madrugada do porto de Malaca, em 23 dias de viagem foi surgir no porto de Sanchão, que é uma ilha de 26 léguas da cidade de Cantão, onde naquele tempo se fazia o trato com a gente da terra".

Educação e cultura

A prefeitura de Jiangmen é dotada de uma universidade, a de Wuyi, fundada em 1985 e que conta actualmente com 24 mil alunos. Existem vários institutos e escolas dedicadas à formação. O Colégio Politécnico de Jiangmen conta com cerca de 13 mil alunos. Também existem várias escolas bilingues.

A cultura de Jiangmen é a de Lingnan (do Sul da China), com elementos de fusão que resultam do rico intercâmbio cultural que os seus emigrantes tiveram com outras culturas. Os "diaolou" são a expressão mais notável dessa fusão. Mas existem outros exemplos, como é o caso da vila de Chikan, onde existem cerca de 600 "qilou", típicos da arquitectura de fusão de Lingnan, incorporando elementos chineses e ocidentais. Parte da cidade foi transformada num estúdio de cinema devido à grande concentração desses edifícios, que ainda se vêem em



Macau, no Porto Interior e um pouco por todo o Sudeste Asiático, onde se fez sentir a presença de chineses do Sul.

Economia

As nove cidades da Grande Baía encontram-se ligadas por uma densa rede de estruturas viárias, linhas ferroviárias e de transporte marítimo e unidas por intensas relações de negócios e de conexões familiares e pessoais. A essas características há que acres-

centar a proximidade cultural plasmada na língua comum – o cantonês – e, nas tradições culturais de Lingnan.

Jiangmen é um dos elos dessa rede de cidades, mas com algumas características singulares, que a tornam diferente das outras. A sua localização geográfica, excêntrica em relação ao eixo principal de crescimento na margem oeste do Delta do Rio das Pérolas constituído por Cantão-Foshan-Zhongshan e Zhuhai,

proporciona-lhe a mais baixa densidade populacional da região e um índice de urbanização relativamente pequeno. Por outro lado, apesar da sua importância económica durante vários séculos, a sua economia não acompanhou os níveis de crescimento das economias vizinhas de Foshan e Cantão, entrando em prolongado declínio. Mesmo depois da fundação da República Popular da China e da abertura empreendida por Deng Xiao-

ping, o crescimento de Jiangmen continuou a ser afectado pela sua localização periférica.

Os sectores industrial e de construção civil são os mais importantes da economia, representando 48,5 por cento do PIB. O sector terciário tem um peso de 44,5 por cento, enquanto que o primário é de sete por cento. O crescimento é, sobretudo, impulsionado pelo sector secundário. No entanto, o sector terciário de serviços vem crescendo ra-

pidamente, aumentando a sua participação na economia em dez pontos percentuais na última década. Prevê-se a sua contínua expansão sob a égide dos planos de desenvolvimento da Grande Baía, principalmente em áreas como a saúde, os serviços para a terceira idade e o comércio electrónico.

As indústrias tradicionais, de têxteis, alimentar, de materiais de construção e produção de pasta de papel e impressão, foram sendo complementadas pela manufactura de equipamento, petroquímica, ferro e fundição de aço. Foram identificadas como áreas de expansão as indústrias de electrónica e de informação, produtos químicos, materiais novos e a produção de equipamentos de transporte. Quanto a este último sector, encontra-se em curso a formação de um cluster para produção de material circulante para caminhos-de-ferro, em colaboração com a CRRC Rail Transit Equipment, o maior fornecedor mundial desses equipamentos. A existência de abundantes recursos hídricos proporciona oportunidades para o desenvolvimento de indústrias de óptica, de novas energias e de novos materiais. A prefeitura possui também uma notável e completa cadeia de produção de motociclos, tendo fabricado 3,03 milhões de unidades em 2017, 40 por cento do número total de viaturas similares produzidas na província de Guangdong durante esse mesmo ano. As viaturas e componentes são comercializados no Interior do País e exportadas para o estrangeiro.

O PIB do município para 2019 foi de 314,66 mil milhões de yuans, com uma taxa de crescimento anual de 4,3 por cento.



A economia de Jiangmen exporta muito mais do que importa, como atestam as estatísticas de comércio externo disponíveis para 2019. Segundo dados oficiais dos Serviços de Estatística e Censos de Jiangmen, as importações e exportações de Jiangmen para o ano de 2019 atingiram 4,25 mil milhões e 16,68 mil milhões de dólares norte-americanos, respectivamente. Estes números colocam o município numa posição relativamente secundária na hierarquia das cidades da Grande Baía, não obstante registar um excedente comercial significativo. Uma das empresas mais notáveis da região é a Jiangmen Kanhoo, produtora e distribuidora de materiais e equipamento fluorescente e pilhas de lítio, considerada uma das empresas globais deste sector.

Hong Kong e Macau têm sido os principais parceiros comerciais e de investimento naquele município da Grande Baía, onde 73 por cento do investimento directo do exterior, em 2018, foi proveniente de Hong Kong. No que diz res-

△ Como capital da diáspora chinesa, Jiangmen dispõe de um Museu que conta a história dessa importante corrente migratória

A FAIXA A OESTE DO RIO DAS PÉROLAS VIVEU PROLONGADOS PERÍODOS DE INSTABILIDADE, AGRAVADOS PELA FREQUÊNCIA ANUAL DE TUFÕES E INUNDAÇÕES, QUE PROVOCARAM A INSEGURANÇA DE PESSOAS E BENS. FOI, POR ISSO, TERRENO FÉRTIL PARA A EMIGRAÇÃO

peito a investimentos cruzados entre Jiangmen e Macau, a balança é claramente desfavorável a esta no sentido de que a RAEM exporta mais capitais para aquele município do que recebe dos seus investidores.

Com a implementação do plano da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, o governo municipal de Jiangmen promove estratégias para o desenvolvimento do oeste do Delta do Rio das Pérolas. Este plano, compreende o reforço da produção de equipamentos avançados, a actualização da capacidade industrial e a expansão do sector privado. Além do mais, procura aprofundar o empreendedorismo das pequenas e microempresas, apostando na inovação e na atracção de talentos. Este objectivo, conhecido por “estratégia 132”, assenta no propósito de fixar no município 100 académicos e técnicos de topo, com cerca de 45 anos de idade, 300 líderes académicos e técnicos com menos de 40 anos e dois mil jovens profissionais e técnicos para servir de espinha dorsal ao desenvol-

vimento tecnológico. Foram já criadas várias incubadoras para jovens empresários de Guangdong, Hong Kong e Macau para incentivar a inovação.

O desenvolvimento científico e tecnológico aplicado à agricultura é outra das áreas prioritárias segundo aquele plano. Uma terceira componente estratégica é o desenvolvimento das conectividades regionais e infra-estruturas de transportes. Assim, o esforço passa por fazer de Jiangmen a placa giratória na região oeste do Delta do Rio das Pérolas com dois centros, constituídas por duas estações, servindo linhas férreas e três corredores: a do sul, ligando Hong Kong a Taishan e à zona oeste de Guangdong, tirando partido da nova ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau; a ligação de Shenzhen a Jiangmen através de Zhongshan, que passará a ser efectuada através da ponte Shenzhen-Zhuhai, cuja construção teve início em finais de 2019; e a ligação Cantão-Jiangmen.

O porto de Jiangmen fica nas margens do Rio Xi, à entrada do Delta do Rio das Pérolas, a cerca de 65 quilómetros do Porto de Cantão. É o segundo porto fluvial mais importante da província de Guangdong e está vocacionado para o transporte de produtos agrícolas. Os portos de Xinhui e Taishan são portos de carga de categoria 1.

Turismo

O sector de turismo contribui com cerca de 6,5 por cento para o PIB do município, com crescimentos anuais na ordem dos 20 por cento. O número de visitantes com pernoita em 2018 foi de cerca de 28 milhões. A aldeia de Kaiping e suas redondezas, com as torres

“diaolou” (Património da Humanidade pela UNESCO), é um forte chamariz para turistas chineses e internacionais. É um destino também muito apreciado pelos residentes de Macau. Acresce, ainda, o turismo de saudade, integrando este conceito o regresso à terra natal de emigrantes, seus familiares e amigos. Para reforçar a promoção de Jiangmen nesta dimensão da “saudade”, o município organiza eventos especiais dirigidos aos chineses ultramarinos. Assim, eventos como o Festival de Chineses Ultramarinos e o Congresso Mundial de Jovens de Jiangmen servem para promover o município e atrair visitantes ansiosos por reverem a terra natal dos seus antepassados e prestar-lhes culto, conforme a tradição confuciana.

Jiangmen na Grande Baía

Jiangmen é uma cidade nodal da Grande Baía, com uma função complementar às das cidades nucleares da região, Cantão, Shenzhen, Hong Kong e Macau. A sua localização na margem ocidental do Delta do Rio das Pérolas com uma posição de charneira en-

tre as províncias de Guangdong e Guangxi, estabelece como prioridade a criação de um centro de transportes e mobilidade para a zona oeste da região.

A nível cultural, Jiangmen terá oportunidade de desenvolver ainda mais a sua função de plataforma cultural e de cooperação com chineses ultramarinos.

No Plano de Desenvolvimento da Grande Baía está prevista a cooperação de Hong Kong e Macau no desenvolvimento do da Zona Económica da Baía de Daguang, em Taishan. Esta área, que se estende por 15,5 quilómetros de costa, possui excelentes condições para a construção de um porto de águas profundas.

O processo de integração regional na Área da Grande Baía e a construção de uma megalópole de nível mundial será, doravante, uma alavanca para o desenvolvimento de Jiangmen. Os muitos milhões de chineses que encontram nesta terra as suas raízes ancestrais serão mais um factor importante para estimular e garantir que esse processo se realize com sucesso. M



◀ Monumento em homenagem aos artistas nascidos em Jiangmen



Fortaleza recebe encontro de negócios em língua portuguesa

• O 10.º Encontro de Negócios em Língua Portuguesa está programado para se realizar em Fortaleza, capital do estado do Ceará, no Brasil, no final do mês de Abril. A língua portuguesa será o principal elo de ligação entre os participantes no encontro, projectado para os dias 29 e 30 de Abril. Com o tema “Laços que geram valor”, o evento será essencialmente uma oportunidade para negócios internacionais. A programação oferece a possibilidade de negócios e networking com empresários de variados sectores que vão desde a agricultura ao turismo, passando pela gastronomia, meio ambiente, inovação e economia do mar, entre muitos outros. De acesso gratuito, o evento será, de acordo com a organização, “um importante espaço multissectorial para a criação de um diálogo entre empreendedores de pequeno, médio e grande porte e de um frutífero ambiente internacional de negócios”. O encontro deverá reunir grande parte dos representantes das 60 câmaras portuguesas, instaladas em 41 países dos cinco continentes, e contará também com a participação de profissionais liberais, autoridades diplomáticas e políticas, investidores e outros profissionais dos mais diversos ramos.

• A Administração-Geral de Alfândegas da China (GACC, na sigla em inglês) anunciou ter aprovado a importação de melão do Brasil, na sequência do acordo alcançado entre os dois países em Novembro de 2019, informou o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil. A China é o maior mercado consumidor mundial de melão no mundo, com cerca de metade da produção mundial, o equivalente a 17 milhões de toneladas em 2017. Uma comitiva de técnicos da GACC inspeccionaram, em Janeiro, explorações agrícolas produtoras de melão no Rio Grande do Norte e no Ceará, os dois Estados do Brasil que mais fruta produzem. Em 2018, o Brasil exportou cerca de 200 mil toneladas de melão para diversos mercados como os Estados Unidos, Chile, Argentina, Uruguai, Rússia e União Europeia.

Nova associação quer promover turismo chinês em Portugal

• Foi criada em Fevereiro a Associação do Turismo Chinês em Portugal, que quer ajudar a indústria portuguesa a preparar-se para receber mais visitantes da China. Liang Yong, responsável da nova associação, acredita que Portugal “tem condições para atrair mais de um milhão de turistas chineses” por ano e que haverá “um crescimento exponencial” dos visitantes. O turismo tem sido “uma parte importante” das relações bilaterais entre a China e Portugal, disse Xu Zhida, Chefe de Missão da Embaixada chinesa em Lisboa.



Fabricantes chineses vendem mais telemóveis em Portugal

• As vendas dos fabricantes chineses de telemóveis TCL Corp e Xiaomi Corp dispararam em Portugal no último trimestre do ano passado, segundo dados divulgados pela empresa de consultoria IDC. Nos últimos três meses de 2019 a TCL vendeu mais de 60 mil telemóveis em Portugal, um aumento de quase 70 por cento em relação a igual período do ano anterior. Já a Xiaomi, vendeu mais de 42 mil telemóveis entre Outubro e Dezembro, uma subida de 42,3 por cento em comparação com o mesmo trimestre de 2018. A TCL e a Xiaomi aparecem em quarto e quinto lugar, respectivamente, entre as marcas de telemóveis mais populares em Portugal em 2019, uma lista liderada pela sul-coreana Samsung e pela chinesa Huawei.



Morreu o professor catedrático e linguista Malaca Casteleiro •

O linguista João Malaca Casteleiro, figura central na elaboração do novo Acordo Ortográfico, morreu em Fevereiro, aos 83 anos, em Lisboa. O académico, natural da Covilhã, licenciou-se em Filologia Românica, em 1961, tendo obtido o doutoramento pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1979, com uma dissertação sobre a sintaxe da língua portuguesa. Professor catedrático naquela faculdade desde 1981 e membro da Academia das Ciências de Lisboa, Malaca Casteleiro foi o principal responsável na elaboração do novo Acordo Ortográfico de 1990, acordo esse que só entrou em vigor em Portugal mais de uma década depois (2009). Malaca Casteleiro foi, durante mais de 20 anos, professor visitante da Universidade de Macau e foi examinador externo do Instituto Politécnico de Macau, tendo dado um importante contributo para a difusão da língua portuguesa na China.



Gonçalo Lobo Pinheiro



Universidade de Lisboa ajuda a desenhar nova universidade chinesa •

A Universidade de Lisboa (ULisboa) está a ajudar a desenhar o campus de uma nova universidade na ilha de Hainão e vai ainda apoiar a instituição na formação em desporto. O presidente da Faculdade de Arquitectura, Dias Coelho, esteve na província chinesa para a cerimónia de lançamento da construção do Colégio Internacional de Hainan, a 17 de Dezembro. Além de ajudar com a arquitectura das novas instalações, também a Faculdade de Motricidade Humana da ULisboa vai apoiar a universidade chinesa e o Governo de Hainão “em termos de tecnologia e ciências do desporto”. O Colégio Internacional de Hainão faz parte da Universidade de Desporto de Pequim (BSU, na sigla inglesa), instituição que tem uma parceria com a ULisboa. O Sport Lisboa e Benfica estabeleceu também em Dezembro uma parceria para ajudar o Colégio Internacional de Hainão na formação de futebolistas. O protocolo prevê a criação de um polo científico de investigação e inovação no campus do colégio de Hainão, com uma dimensão prevista de 12 quilómetros quadrados, sublinhou então o clube.

Cadeia de restaurantes portugueses aposta em Guangdong •

Uma parceria entre um gestor português, um chef lisboeta e um empresário turco pretende criar uma cadeia de restaurantes portugueses na província chinesa de Guangdong. O projecto arrancou em Fevereiro, com a abertura de um restaurante piloto, o Lusitano, num clube exclusivo de Foshan. A parceria vai abrir também nos próximos meses um segundo restaurante, em Cantão, e, até ao final do ano, conta abrir um terceiro, na mesma cidade. A partir daí, novos restaurantes serão abertos em regime de *franchising*.

Sector bancário de Macau aumenta activos nos mercados lusófonos •

O sistema bancário de Macau tinha 1,6 por cento dos seus activos no exterior colocados nos países de língua portuguesa no final do ano passado, mais uma décima percentual do que em Setembro. Segundo a Autoridade Monetária de Macau, a maioria destes activos situava-se em Portugal, que detinha 1,2 por cento do total, uma quota semelhante à registada no terceiro trimestre de 2019. O sistema bancário de Macau terminou o ano passado com activos internacionais no valor de 1,72 biliões de patacas, mais 2,4 por cento do que no final de Setembro.



Exportações de alimentos brasileiros para a China dispararam em 2019 •

As exportações brasileiras de alimentos e bebidas para a China aumentaram 61,2 por cento em 2019, atingindo 5,3 mil milhões de dólares norte-americanos, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA). A China é actualmente o principal mercado externo para o Brasil, tendo importado no ano passado cerca de 248,8 mil toneladas de alimentos e bebidas de produtores brasileiros. Segundo os dados, o aumento deveu-se sobretudo a uma maior procura por carne de porco na China.





Chineses estimulam aumento das exportações brasileiras de carne

• As exportações brasileiras de carne devem aumentar este ano, graças a uma maior procura da China, prevê o Foreign Agricultural Service do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla inglesa). Num relatório divulgado em Fevereiro, a instituição refere que as exportações brasileiras de carne bovina para a China subiram nos primeiros dois meses de 2020, mesmo durante a epidemia do Covid-19. A USDA acredita que as exportações brasileiras de carne bovina irão aumentar 10 por cento este ano, atingindo um novo recorde de 2,5 milhões de toneladas, sobretudo devido a vendas para a China e Hong Kong.

Huawei cria centro de inovação em Angola

• A Huawei Angola está a construir um Centro de Inovação e Formação em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), disse Ryan Li, director-executivo da subsidiária angolana do gigante tecnológico chinês Huawei Technologies Co. Ltd. O responsável revelou que o centro dedicado à formação em TIC, tanto presencial como através da Internet, representa um investimento de 60 milhões de dólares norte-americanos. O centro terá uma área de oito hectares e será inaugurado no final de 2021 em Talatona, nos arredores de Luanda.



Carnaval do Rio de Janeiro celebra cultura chinesa

• A escola de samba Unidos de Vila Maria levou uma actuação inspirada na China à segunda e última noite do desfile de Carnaval de São Paulo. O grupo de samba, que conta com cerca de 2600 membros, começou o seu espectáculo com uma encenação teatral do Rei Macaco, uma das principais personagens da novela “Viagem ao Ocidente”, do século XVI. Muitos chineses originários da província de Hunan participaram numa secção da actuação, que representava as 56 etnias chinesas, “para demonstrar a unidade da China”, explicou Yang Xiang, um dos participantes no desfile. Thomas Law, director-presidente do Instituto Sócio-cultural Brasil-China, sublinhou que o desfile mostrou não apenas a cultura ancestral chinesa, mas também a China moderna, incluindo o papel do país na exploração espacial.



Canoístas chineses treinam em Portugal a pensar nos Olímpicos

• A selecção chinesa de canoagem está a estagiar em Portugal desde meados de Novembro e vai continuar no país europeu até ao início de Abril, para preparar a participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio, no Verão. A comitiva chinesa, composta por 60 pessoas, prolongou a estadia no Centro de Alto Rendimento da Nelo, na Barragem da Agueira, em Mortágua, devido ao surto de coronavírus na China. “Este é um sítio fantástico e estou a gostar de estar cá. O tempo está quente e está a correr tudo bem”, disse Liu Hao, campeão mundial em título na categoria C2 em mil metros.



China ajuda a combater paludismo em São Tomé e Príncipe

• Uma missão técnica chinesa lançou em Março uma campanha de fumigação nocturna na capital de São Tomé e Príncipe, no âmbito de um programa de luta conta o paludismo. Li Mingqiang, responsável do Gabinete Consultivo Chinês do programa Áreas Contra o Paludismo, disse que o programa inclui ciclos de pulverização no interior das casas, tratamento dos infectados e colocação de mosquiteiros. As zonas escolhidas, Oquel-del-rei, Bairro da Liberdade e Campo de Milho, são as mais afectadas pela doença.





China apoia expansão do aeroporto de São Tomé

Os governos da China e de São Tomé e Príncipe assinaram em Fevereiro um acordo para as obras de expansão da pista do aeroporto de São Tomé em mais 600 metros, sendo 300 metros construídos sobre o mar. O projecto, financiado pela China, prevê ainda a requalificação e melhoria do terminal de passageiros e dos serviços de navegação e controlo aéreo. O acordo foi assinado pelo ministro são-tomense das Obras Públicas, Infra-estruturas, Recursos Naturais e Ambiente, Osvaldo Abreu, e o Embaixador chinês em São Tomé, Wang Wei. O projecto “é o resultado da excelente cooperação entre a China e São Tomé e Príncipe”, disse o diplomata chinês.

CTM assina memorando com Angola Cables

A Companhia de Telecomunicações de Macau (CTM) e a Angola Cables assinaram um memorando de entendimento que visa aumentar as oportunidades de negócios entre Macau, o Interior do País e os países de língua portuguesa. Em comunicado, a operadora informou que o memorando visa igualmente promover estratégias e oportunidades para estabelecer uma ligação entre o projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e os países de língua portuguesa. A Angola Cables possui uma rede de cabos submarinos que liga os continentes da região atlântica, possui centros de dados em Angola e no Brasil e está a promover a plataforma digital do sul do Atlântico.



Brasil aposta em arroz híbrido ao gosto chinês

O Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA) está a tentar desenvolver uma variedade de arroz híbrido que seja do agrado dos consumidores chineses e possa ser exportada para a China, avançou a Xinhua. De acordo com a agência noticiosa estatal chinesa, desde 2003 que o IRGA, situado no Rio Grande do Sul, o principal estado produtor de arroz no Brasil, trabalha neste projecto em conjunto com especialistas do Instituto de Pesquisa de Arroz de Hunan, no Sul da China. Segundo Ivo Mello, investigador do IRGA, “o nosso tipo de arroz é diferente do que os consumidores chineses preferem. É por isso

que queremos desenvolver um arroz híbrido no Brasil, para que possamos fornecer esse grão à China”. Caso o projecto tenha sucesso, a exportação de arroz híbrido brasileiro poderá ser “um grande negócio”, disse Ivo Mello. “Os negócios do futuro estão realmente na China”, acrescentou o investigador.



China financia novo sistema de captação de água em Angola

Um novo sistema de captação e distribuição de água potável na província do Huambo, Angola, vai entrar em funcionamento este ano, revelou o presidente do Conselho de Administração de Águas e Saneamento, Adolfo Elias Gomes. O novo sistema, financiado por uma linha de crédito da China e pelo Banco Mundial, tem capacidade para bombear 46 mil metros cúbicos de água por dia. O projecto tem um custo estimado em cerca de 163,6 milhões de dólares norte-americanos. Cerca de 95 por cento dos 600 quilómetros de condutas do novo sistema de captação de água já estão concluídos. O financiamento para o projecto destina-se também à instalação de 41 mil novas ligações domiciliárias na cidade angolana.

Pequim recebe Festival do Fado

Pequim é uma de 18 cidades que irão receber este ano o Festival de Fado, organizado pelo Governo português para celebrar o centenário do nascimento da fadista Amália Rodrigues. O evento de promoção da música portuguesa é um dos destaques do Programa de Acção Cultural Externa para 2020, apresentado em Lisboa, em Fevereiro. O calendário do programa inclui a passagem, entre 7 e 11 de Julho, pela cidade chinesa de Xangai, do navio-escola português Sagres, numa viagem de comemoração dos 500 anos da circum-navegação de Fernão de Magalhães. O programa inclui ainda 1594 acções entre colóquios, exposições, concertos e participação em feiras e festivais internacionais, em 84 países, distribuídos por cinco continentes.



Energia solar brasileira atrai empresas chinesas • A Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar) prevê que o investimento em geração distribuída triplique este ano, atingindo 16 mil milhões de reais (US\$3,64 mil milhões) e impulsionando as importações vindas da China. A unidade brasileira do BYD Co. Ltd está a trabalhar quase 20 horas por dia para responder às encomendas. A Associação Brasileira de Geração Distribuída estima que haja 17 mil empresas a trabalhar em projectos deste género, entre fabricantes de equipamentos, distribuidores e instaladores. Incentivos financeiros tornam a energia solar muito mais barata do que a electricidade pública no Brasil, permitindo recuperar em apenas quatro anos o investimento num projecto de geração distribuída.



Embraer vende 100 aviões a companhias chinesas • A Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) revelou que já vendeu 100 aviões a empresas e companhias aéreas chinesas. Desse total, 90 aparelhos já foram entregues, com mais dez aviões 195-E2 encomendados pelo Banco Industrial e Comercial da China. A Hainan Airlines é a empresa aérea chinesa que detém na sua frota o maior número de aviões da Embraer, com 50 aeronaves do modelo E190 e 20 do modelo E195. Também a China Southern Airlines, com 20 E190, a Colourful Guizhou Airlines, com nove E190, e a Henan Airlines, com cinco E190, operam aviões da Embraer. A empresa brasileira entregou 198 aviões em 2019, mais nove por cento do que no ano anterior, sendo 89 aeronaves comerciais e 109 no segmento de aviação executiva.



Empresa portuguesa exporta purificadores para a China • A fabricante portuguesa Airfree Produtos Eletrónicos SA anunciou que está a exportar milhares de aparelhos purificadores de ar todas as semanas para Hong Kong e o Interior da China. De acordo com informação divulgada pela empresa, a epidemia do Covid-19 levou a um aumento das vendas para a China de purificadores, que foram instalados nos consultórios e salas de isolamento para a fase inicial de avaliação dos pacientes. A tecnologia utilizada pelos aparelhos da empresa portuguesa filtram o ar a temperaturas de até 200 graus Celsius, levando a que o coronavírus se torne inativo.

Embaixada chinesa concede bolsas a 50 estudantes timorenses

• A Embaixada da China em Díli concedeu bolsas de estudo a 50 estudantes da Universidade Nacional de Timor-Leste, de acordo com um comunicado da Embaixada. O embaixador da China em Timor-Leste, Xiao Jianguo, disse que o actual programa de atribuição de bolsas visa incentivar estudantes de comunidades carenciadas a continuar os estudos e a obter graus académicos universitários. Xiao Jianguo acrescentou que as bolsas de estudo podem também contribuir para que os estudantes timorenses aprendam mais sobre a China, ajudando a reforçar os laços de cooperação entre os dois países. Desde 2006, a China concedeu bolsas de estudo a mais de 200 estudantes timorenses, de acordo com o comunicado da Embaixada da China.



Empresa chinesa vai explorar mármore em Timor-Leste

• O grupo chinês Elegant Marble Granite Ltd (EMG) assinou em Março um contrato com as autoridades de Timor-Leste para a exploração de mármore no país. A empresa chinesa tem agora 18 meses para confirmar a viabilidade comercial e técnica do projecto no município de Manatuto, a leste de Díli. O presidente da Autoridade Nacional de Petróleo e Minerais (ANPM) de Timor-Leste, Gualdino da Silva, disse que há “milhões de toneladas” de mármore por explorar na região de Laclo. Caso a exploração seja viável, será assinado um acordo comercial, que garante ao Estado timorense 40 por cento dos lucros nos primeiros 25 anos de exploração e 45 por cento nos 25 anos seguintes. O processamento e transformação do mármore em blocos, peças e azulejos será feito em Timor-Leste, permitindo que o país “beneficie da cadeia de valor e da componente industrial”, sublinhou Gualdino da Silva.

Fórum de Macau aprecia relatório dos 15 anos de actividade

O Fórum de Macau apreciou o relatório elaborado pela Academia de Ciências Sociais da China sobre a actividade da instituição nos seus 15 anos de existência, segundo informação do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente da organização. Presentes na reunião, que decorreu em Macau nos dias 16 e 17 de Janeiro, estiveram a secretária-geral do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, Xu Yingzhen, e todos os membros do Secretariado Permanente, do corpo diplomático dos países de língua portuguesa em Pequim, especialistas para avaliação das partes envolvidas, bem como a equipa de avaliação da Academia de Ciências Sociais da China. A avaliação externa teve como objectivo avaliar de forma global o processo de desenvolvimento dos 15 anos do estabelecimento do Fórum de Macau e apresentar propostas para o desenvolvimento futuro do mesmo.

A secretária-geral disse esperar que o relatório de avaliação permita que mais pessoas adquiram conhecimento sobre a história de evolução do Fórum de Macau e das relações económicas e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa e que disponibilize mais experiência e sugestões de referência para o futuro desenvolvimento da organização.



中國－葡語國家經貿合作論壇（澳門）常設秘書處
SECRETARIADO PERMANENTE DO FÓRUM PARA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL
ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (MACAU)



Técnicos chineses apoiam projecto musical em Cabo Verde

Três técnicos chineses estiveram na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, para apoiar o arranque do projecto de música e entretenimento Mindel Floating Music Hub. O apoio desses profissionais chineses teve a ver com a montagem de parte do equipamento na capital de São Vicente, Mindelo. O projecto, que vai abranger um espaço de 50 metros de comprimento na marginal da cidade, tem como objectivo principal promover o intercâmbio entre músicos cabo-verdianos e estrangeiros. O Mindel Floating Music Hub inclui a construção de um estúdio de gravação com equipamentos modernos, uma escola de música, uma sala de espectáculos e uma zona de diversão aberta ao público.

Empresa sino-brasileira envia material médico para Wuhan

A empresa chinesa Xuzhou Construction Machinery Group Co. Ltd. (XCMG) anunciou que a sua subsidiária brasileira enviou dez mil artigos médicos, incluindo máscaras cirúrgicas e roupa de protecção, para apoiar a luta contra a epidemia do Covid-19. A XCMG, actual líder da Associação Brasileira de Empresas Chinesas, diz que apelou a todas as empresas que pertencem à associação a se juntarem à luta contra a epidemia do novo coronavírus. Segundo o comunicado, mais de 329 máquinas fabricadas pela XCMG, incluindo guias, escavadoras, rolos compressores, carregadores e betoneiras, foram enviadas para ajudar na construção de hospitais e alas de urgência em oito cidades chinesas.

Distribuidor automóvel angolano aposta em marca chinesa

O grupo Autostar, um dos maiores distribuidores automóveis angolanos, passou a representar, em Março, a marca chinesa Wuling no país africano. O grupo vendeu 2709 automóveis chineses em 2019, um aumento de 20 por cento. No entanto, as vendas continuam longe do pico de quatro mil viaturas por ano, registado antes da actual crise económica e financeira que afecta Angola. A empresa, que trabalha há mais de 20 anos na importação, reparação e assistência de veículos em Angola, tem um parque de venda de mais de mil viaturas e duas oficinas que podem receber em simultâneo 70 veículos.

Número de hóspedes chineses em Portugal sobe

O número de hóspedes chineses nos hotéis portugueses subiu 16 por cento no ano passado, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). A China foi o segundo mercado que mais cresceu em 2019, atrás dos Estados Unidos, que aumentou 20,2 por cento. Num comunicado, o Governo português sublinhou que o país acolheu 27 milhões de hóspedes em 2019, uma subida de 7,3 por cento e um novo máximo histórico. O sector do turismo emprega mais de 400 mil pessoas, nove por cento do total do emprego em Portugal.



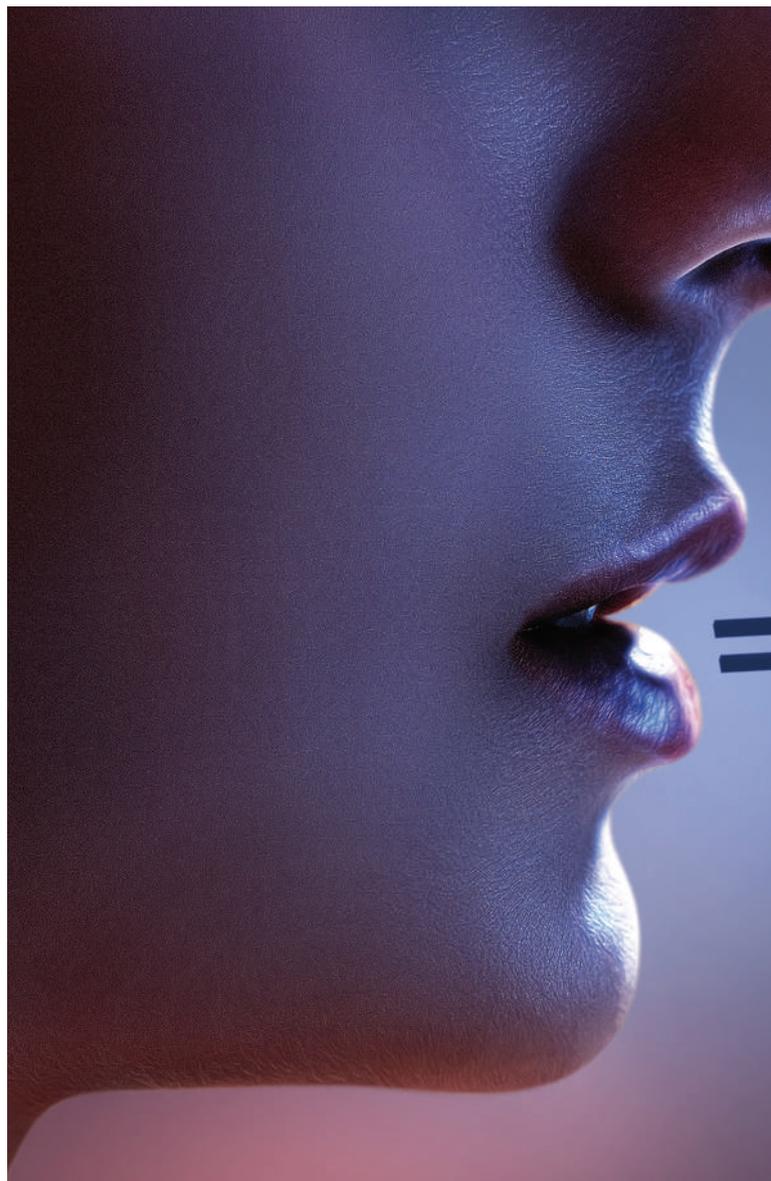
DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Camões mais global

Exposições, publicações de livros e outras actividades estão programadas para o Dia Mundial da Língua Portuguesa, que será celebrado pela primeira vez, a 5 de Maio, por decisão da UNESCO. A Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa e o Instituto Camões prepararam um programa completo que se associa a escolas e a toda a sociedade civil

A decisão da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) de ratificar, em Novembro do ano passado, a celebração do Dia Mundial da Língua Portuguesa a 5 de Maio trouxe um novo fôlego à forma como se celebra um idioma cada vez mais falado e ensinado no mundo.

A proposta aprovada em Paris fez referência ao facto de o português ser “a língua de nove estados-membros da UNESCO, a língua oficial em três organizações continentais e da Conferência Geral da UNESCO, ser falada por mais de 265 milhões de pessoas, sendo uma das mais faladas no hemisfério sul”. O facto de o idioma ter feito parte da primeira vaga da globali-



zação também pesou na decisão. É esperado ainda que a língua portuguesa tenha um forte crescimento, prevenendo-se que, no final do século, serão 500 milhões a falá-la, tornando-a uma língua cada vez mais global.

Esta foi a primeira vez que uma língua não oficial da organização é distinguida com um dia mundial. A proposta foi apresentada por todos os

países lusófonos em Outubro e foi apoiada por mais 24 países como Argentina, Chile, Geórgia, Luxemburgo ou Uruguai, o que resultou numa aprovação por unanimidade no conselho da UNESCO, a 12 de Novembro.

Segundo o embaixador de Portugal na UNESCO, António Sampaio da Nóvoa, este será um dia celebrado em grande nos corredores da sede



da organização, com iniciativas musicais e literárias, mas que espera também ter impacto internacional. “Entra nos calendários internacionais, o que significa que ganha projecção do ponto de vista internacional e que pode ter consequências nos mais variados planos”, frisou.

Nesse sentido, tanto Camões – Instituto da Cooperação e Língua, I.P., entidade

ligada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Portugal, como a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP) prepararam várias actividades para celebrar um dia especial para o idioma de Camões.

Luís Faro Ramos, presidente do Camões I.P., revelou à MACAU tudo o que está a ser pensado para a celebração desta efeméride. “Haverá uma

É ESPERADO AINDA QUE A LÍNGUA PORTUGUESA TENHA UM FORTE CRESCIMENTO, PREVENDO-SE QUE, NO FINAL DO SÉCULO, SERÃO 500 MILHÕES A FALÁ-LA



A proposta foi apresentada por todos os países lusófonos em Outubro e foi apoiada por mais 24 países, o que resultou numa aprovação por unanimidade no conselho da UNESCO, a 12 de Novembro

atenção especial às comemorações na rede diplomática e consular. No estrangeiro, através das redes externas do Camões, I.P. e no âmbito das acções integradas nos planos de actividades de 2020, prevê-se para já a realização de mais de 90 acções de diversas áreas disciplinares em 58 países, a promover em articulação com as embaixadas dos países de língua portuguesa acreditadas naqueles países.”

Além disso, Luís Faro Ramos denota que “nos últimos anos, as actividades então alusivas ao Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, efectivamente realizadas, têm sido superiores às planeadas”.

Francisco Ribeiro Telles, secretário-executivo da CPLP, disse à MACAU que o tema para as comemorações é “A Língua Portuguesa no Mundo: Dimensões e Perspectivas”. “Temos um vasto programa,

com a inscrição de actividades literárias, artísticas, cinematográficas, musicais, debates académicos e outras, que integram iniciativas do Secretariado Executivo da CPLP, dos Estados Membros, dos Observadores Associados, dos Observadores Consultivos, das diásporas lusófonas e da sociedade civil”, frisou.

No cartaz proposto pela CPLP consta uma cerimónia solene na sede da organi-



Luis Faro Ramos, presidente do Camões I.P., afirmou que a celebração desta efeméride está a ser preparada. “Haverá uma atenção especial às comemorações na rede diplomática e consular”



DR

zação, em Lisboa, no dia 5 de Maio, bem como a realização de um programa comemorativo na sede da UNESCO, em Paris, promovido pelo Grupo de Embaixadores e representantes permanentes dos países da CPLP acreditados junto daquela organização internacional, entre os dias 5 e 19 de Maio.

Haverá ainda actividades coordenadas pelo Camões I.P., em parceria com a rádio das

Nações Unidas (ONU News Português), em Lisboa, igualmente a 5 de Maio, bem como a publicação de uma obra literária infanto-juvenil sobre a cidade de Brasília, com textos dos embaixadores dos Estados Membros da CPLP naquela capital.

O programa fica completo com a promoção do áudio-livro *Contos tradicionais da CPLP*, junto das comunidades escolares, bem como a reali-

zação da exposição “O Futuro Aposta na CPLP”, nas escolas secundárias dos países-membros.

Um merecido reconhecimento

Para Francisco Ribeiro Telles, a decisão tomada em Paris em Novembro “traduz o reconhecimento da importância da língua portuguesa e contribui de forma inequívoca para sua maior projecção e visibilidade na escala internacional”. Além disso, o secretário-executivo da CPLP considera que “fortalece a percepção da língua portuguesa como uma importante matriz identitária no contexto global e como património cultural comum dos povos que a têm como sua língua oficial, materna, segunda ou de herança”.

Na visão do representante máximo da CPLP, o facto de se celebrar o idioma de Camões a 5 de Maio constitui

NO CARTAZ PROPOSTO PELA CPLP CONSTA UMA CERIMÓNIA SOLENE NA SEDE DA ORGANIZAÇÃO, EM LISBOA, BEM COMO A REALIZAÇÃO DE UM PROGRAMA COMEMORATIVO NA SEDE DA UNESCO, EM PARIS

“uma renovada oportunidade de celebrar a vocação internacional da língua portuguesa no que ela tem de comum, mas também suas peculiaridades e especificidades nacionais e regionais, que reflectem a diversidade das sociedades e das culturas que constituem o universo dos falantes do português”.

Já na opinião de Luís Faro Ramos, “trata-se de uma decisão que foi adoptada pela UNESCO por iniciativa de todos os Estados-membros da CPLP”, a qual “representa, ao mesmo tempo, uma enorme satisfação e uma enorme responsabilidade”.

“A partir deste ano a dimensão das comemorações terá que ser necessariamente diferente. É uma decisão que surge num momento em que a língua portuguesa é cada vez mais uma língua pluricêntrica

e global. Nunca é tarde, e o caminho não está ainda completo”, concluiu o presidente do Camões I.P.

Uma nova estratégia?

Francisco Ribeiro Telles recorda que não é de agora que se pensa a projecção da língua portuguesa no contexto da CPLP e, sobretudo, na dimensão global que o idioma pode ter. “O ciclo de Conferências sobre a Língua Portuguesa no Sistema Mundial, aberto em Brasília em 2010 e que teve continuidade em Lisboa em 2013 e em Díli em 2016, testemunham desta preocupação, e os planos de acção adoptados em cada uma dessas conferências já oferecem uma estratégia sólida para a promoção e a projecção da língua portuguesa (cabe observar que está prevista para este ano a realização de uma quarta Conferência).”

Segundo o embaixador de Portugal na UNESCO, António Sampaio da Nóvoa, este será um dia celebrado em grande nos corredores da sede da organização, com iniciativas musicais e literárias



DR



DR



A oficialização da data foi testemunhada por uma delegação portuguesa composta pelo primeiro-ministro, António Costa, pela ministra da Cultura, Graça Fonseca, pela secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Berta Nunes, e pelo Embaixador de Portugal na UNESCO António Sampaio da Nóvoa



CPLP



Para Francisco Ribeiro Telles, secretário-executivo da CPLP, a decisão “traduz o reconhecimento da importância da língua portuguesa e contribui de forma inequívoca para sua maior projecção e visibilidade na escala internacional”

A LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO

+250 MILHÕES DE FALANTES

6.^a LÍNGUA MUNDIAL

8 PAÍSES COM LÍNGUA OFICIAL + MACAU

NÚMERO DE INDIVÍDUOS FALANTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

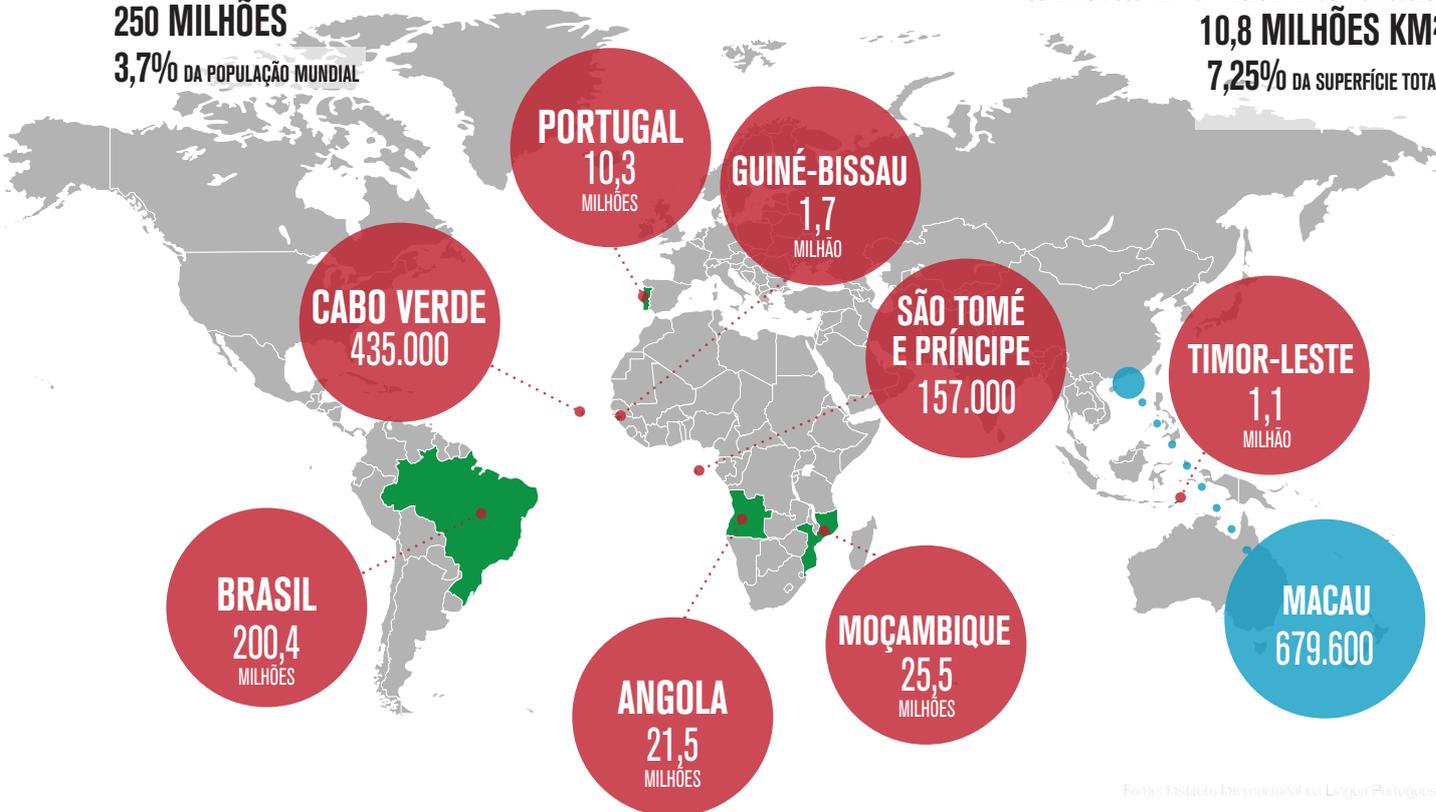
250 MILHÕES

3,7% DA POPULAÇÃO MUNDIAL

SUPERFÍCIE OCUPADA POR PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

10,8 MILHÕES KM²

7,25% DA SUPERFÍCIE TOTAL



Fonte: Instituto Internacional da Língua Portuguesa

A decisão de estabelecer o Dia Mundial da Língua Portuguesa “oferece uma oportunidade, mais do que uma exigência, de intensificar e aprofundar os esforços para a implementação da estratégia estabelecida nos referidos planos de acção”.

Francisco Ribeiro Telles destaca pontos como “a promoção e o fortalecimento da língua portuguesa nos próprios países da CPLP”, bem como a “promoção da língua portuguesa junto às comunidades originárias de países lu-

sófonos em terceiros países”. É também importante, segundo o responsável, fazer a “projectão da língua portuguesa como língua estrangeira na escala internacional”, além de apostar na valorização do idioma como língua de ciência e conhecimento.

Para que todas estas acções sejam uma realidade, o secretário-executivo da CPLP defende que deve ser abordado “um aspecto essencial”, que é a necessidade de fortalecimento do Instituto Internacional da Língua Portuguesa

(IILP), com sede na Cidade da Praia, em Cabo Verde, que tem como vocação desenvolver projectos para a promoção e a projectão internacional da língua portuguesa.

O presidente do Camões I.P. acredita que tem de ser aproveitada a “oportunidade para dar uma dinâmica acrescida e porventura mais densidade à estratégia que já vimos pondo em prática”. “Essa estratégia é verdadeiramente global e passa, designadamente, por alargar públicos e geografias”, rematou.





VARZIELA

A “China Town” do norte de Portugal

É em Varziela, concelho de Vila do Conde, no norte de Portugal, que existe uma “China Town” onde cerca de dois mil chineses fazem o seu negócio de importação e revenda de produtos para lojas e clientes individuais. Mas Varziela é mais do que um entreposto comercial: é também um lugar onde há escolas para os filhos dos imigrantes aprenderem chinês aos fins-de-semana, cafés e supermercados étnicos. Eis a vida num lugar que há décadas dá o sustento a uma importante fatia da comunidade chinesa em Portugal

Texto e Foto | Andreia Sofia Silva, em Portugal

As ruas têm números, e cada número corresponde a um artigo que depois é vendido para uma loja ou feira. No caso da rua 10, são roupas, muitas roupas, malas e sapatos que depois se vendem em vários pontos do país. Por ali vagueiam comerciantes, clientes, crianças. O dia-a-dia habitual continua a acontecer, apesar de ser fim-de-semana.

O lugar em questão fica em Varziela, no concelho de Vila do Conde, muito perto da cidade do Porto. É ali que habita, há vários anos, uma grande fatia da comunidade chinesa a residir em Portugal, onde cerca de duas mil pessoas têm os seus negócios e as suas vidas, tendo sido necessário criar uma rede de serviços adjacente ao negócio que habita nos armazéns.

Y Ping Chow, que vive no país desde criança e preside à Liga dos Chineses em Portugal, acompanha-nos nesta viagem por um sítio peculiar. Ali quase todos são de Zhejiang, a província chinesa de onde é oriunda a maior parte dos chineses que residem em Portugal. É o caso de Sofia Chang, que vive no país há 20 anos, depois de ter deixado o clima frio da Holanda. No seu armazém vende de tudo um pouco, desde artigos de plástico a produtos eléctricos que depois revende para lojas.

Em português, Sofia Chang explica que é na zona de Varziela que gosta de viver, caso contrário já se teria ido embora. “Vim com a minha família, estivemos na Holanda e depois viemos para cá. Gosto mais daqui, na Holanda faz muito frio. Já tínhamos amigos cá. Aqui sabemos que há muitos armazéns de revenda mais baratos e viemos.”



Em Varziela quase todos se queixam que o negócio já esteve bem melhor. “Está a correr assim-assim. Tem sido normal. Temos alguns clientes portugueses e chineses também, mas há mais portugueses. São muito bons clientes”, assegura Sofia.

Quem também se queixa da consequência da crise económica vivida em Portugal na primeira metade da década passada é Jing, que fornece as lojas de produtos turísticos com vários artigos, incluindo os que são feitos com a famosa cortiça portuguesa. Ainda assim, Jing nota algum cres-

cimento nas vendas. “Estou aqui há quase 25 anos. O negócio tem estado difícil, no ano passado foi pior. Está mais ou menos. Agora vendemos mais para lojas de turismo. Em Portugal o turismo subiu muito, e sentimos um aumento nas vendas. Vendemos muitos produtos feitos de cortiça, porta-chaves, vendemos de fábricas portuguesas e também da China.”

Em Varziela, 85 por cento do espaço está ocupado por armazéns, e é difícil encontrar novos terrenos para comerciantes que acabam de chegar. Jing assegura que, há uns anos, che-

OS NÚMEROS OFICIAIS INDICAM QUE PORTUGAL TEM CERCA DE 25 MIL CHINESES. DESSES, PELO MENOS 2000 TÊM NEGÓCIOS INSTALADOS NA ZONA INDUSTRIAL DA VARZIELA, EM VILA DO CONDE



◁ A cada três meses funcionários da Embaixada da China prestam serviços consulares num dos espaços comunitários da Varziela, para que os imigrantes chineses não tenham de se dirigir a Lisboa para tratar das formalidades

gavam mais chineses para fazer negócio em Vila do Conde.

“Esta zona já existe há mais de 20 anos, e as coisas correm bem. Somos amigos. Nos últimos dois ou três anos notamos menos pessoas a chegar.”

Um lugar com “maturidade”

Y Ping Chow não tem dúvidas. A “China Town” de Varziela “atingiu uma fase de maturidade”, pois “existe há quase 20 anos”. “Queremos desenvolver mais, mas não há espaço, praticamente todos os terrenos estão ocupados. Está esgotado nas zonas mais mo-

vimentadas, mas ainda há espaço em zonas menos movimentadas, para onde vão os novos comerciantes. Obviamente que aí há menos procura”, assegura.

Jing gostava de pagar menos impostos, pois em Portugal o Imposto de Valor Acrescentado (IVA) é de 23 por cento, enquanto que na China paga 17 por cento. “Só trabalhamos e ganhamos dinheiro. Temos tudo direitinho (em relação aos impostos), mas são pesados, é muito. É mais difícil ganhar dinheiro.”

Uma das mudanças implementadas nos últimos tempos,

ao nível do negócio desenvolvido pela comunidade chinesa, prende-se com a contratação de portugueses para ajudarem nas lojas, para garantir um melhor contacto com o cliente. Por Varziela observam-se muitos cartazes que dizem “Precisa-se de empregada/o”. No caso de Jing, tem um total de 11 portugueses a trabalhar para ele.

Apesar dos anúncios visíveis por toda a parte, Y Ping Chow garante que não é assim tão fácil encontrar empregados portugueses. “Há a preocupação de criar novas empresas (no sentido de diversificar o investimento), mas depois há o pro-

QUASE TODOS OS RESIDENTES
DESTA LOCALIDADE
PORTUGUESA SÃO DA
PROVÍNCIA CHINESA DE
ZHEJIANG

blema da mão-de-obra, porque mesmo com uma empresa grande não é fácil encontrar recursos humanos. Há desemprego, mas isso não quer dizer que as pessoas tenham capacidade de trabalhar.”

Jing é, tal como Sofia Chan, de Zhejiang, tendo chegado a Portugal nos anos de 1990. A família veio consigo e hoje os filhos estudam numa escola que lhes garante o ensino do mandarim, português e inglês.

O futuro pode passar por Portugal, assegura. “É igual. Tenho os meus filhos cá, todos vivem aqui e a vida na China é igual à daqui. Não é mau.” A decisão de muitos membros da comunidade chinesa de ficarem em Portugal ou regressarem ao seu país de origem é, acima de tudo, um comportamento geracional, assegura Y Ping Chow, responsável pela abertura do primeiro restaurante chinês no Porto. “Quem cá está há 50 anos já não regressa. Aliás a nossa família já tem dois jazigos. Já não há o problema das campas. Mas há pessoas com cerca de 40 anos, que vieram com os pais

e ainda têm uma relação com a China. Há também os vistos dourados, pessoas que estão cá casualmente, de passagem. Há muita gente que fica cá porque aqui há um bom sistema de saúde.”

— Aprender chinês ao fim-de-semana

Andamos umas ruas mais à frente e descobrimos um coro de vozes que corta o silêncio de Varziela naquele sábado à tarde. É uma escola para os filhos dos imigrantes chineses que já nasceram em Portugal e que ali têm aulas para não perderem o contacto com a língua e a cultura chinesas.

Vasco Qu é um desses casos. Nasceu em Portugal e com um sotaque tão típico do norte de Portugal responde que os pais “trabalham aqui à beirinha, na rua 10”. “Nunca fui à China, mas gostava de ir. Gosto de viver cá, de jogar futebol e ténis de mesa.” Escolheu não ser do Futebol Clube do Porto, o clube da região onde vive e um dos maiores em Portugal, mas sim do Rio Ave. Para ele, os sentidos invertem-se no que à



△ Por detrás de um dos armazéns foi criado um campo de basquete para entreter os filhos dos comerciantes



língua diz respeito. “No início é difícil aprender chinês, mas depois torna-se fácil. Estudo uma hora e meia por dia.”

Ao seu lado, está aquele que é considerado o melhor aluno da turma. É André Hu, de 14 anos de idade, e é o melhor, por já conhecer mais de 6000 caracteres chineses. “Comecei a aprender a língua há oito anos. A minha família trabalha nas lojas, os meus pais são empresários.” Ambição é coisa que não lhe falta. “Quero ser engenheiro mecânico ou técnico. Quero trabalhar com carros, mas gosto de computadores também. Se calhar mudo de país, vou para os



EUA, para Harvard ou Londres, se me aceitarem.” A família também é de Zhejiang e já o levou a conhecer a China, ao contrário de Vasco Qu.

Ana Zhou, professora, dá aulas em Varziela há cerca de um ano. “Os meus alunos têm algumas dificuldades na leitura porque não conseguem perceber muito bem o som que nós produzimos e depois confundem na escrita. Têm aulas noutras escolas e este espaço funciona como centro de estudo porque é difícil para eles aprenderem português com uma professora portuguesa.” Ali, os pais que fazem transporte de mercadorias chegam

a deixar os filhos nos centros de estudo por umas horas enquanto trabalham.

Na “China Town” há ainda espaço para supermercados e uma escola de danças chinesas que, de três em três meses, recebe funcionários da Embaixada da China que ali vão tratar de documentos consulares com os emigrantes, para que estes não tenham de se deslocar a Lisboa. A uns metros de distância, bem perto da rua 10, há um café que vende os típicos dumplings chineses com um cheiro a genuíno, mesmo que na montra haja refrigerantes de marcas portuguesas. **M**





△ O empresário Jing fornece produtos às lojas de produtos turísticos

Sofia Chang esteve a viver na Holanda antes de optar por mudar-se com a família para a Varziela. E já lá vão 20 anos



Ana Zhou dá aulas de português aos chineses que se estabeleceram na zona



Portugal, a casa de 35 mil chineses

Ao fazer as contas sobre o número de chineses que actualmente residem em Portugal, Y Ping Chow revela que cerca de 25 mil estão registados no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), mas haverá mais. “Há muitas crianças que nasceram cá e outros que se naturalizaram, e não entram nas contas do SEF. Apontamos para cerca de 35 mil chineses em Portugal.”

O empresário considera que

a política dos vistos dourados “é uma forma mais interessante para os chineses”, pois, na maior parte dos casos, “o chefe de família nunca está”. “Em Portugal fica a esposa e ficam os filhos a estudar, enquanto o marido está na China a fazer os seus negócios. Haverá sempre um pequeno crescimento [da comunidade emigrante], pois enquanto a política dos vistos dourados se mantiver há sempre empresários chineses que querem vir cá”.

A COMUNIDADE É REPRESENTADA POR CERCA DE 40 ASSOCIAÇÕES QUE FAZEM DE TUDO UM POUCO, DESDE APOIAR EMPRESÁRIOS A ORGANIZAR ACTIVIDADES CULTURAIS

Wang Suoying, professora universitária radicada em Portugal, contou à MACAU que a comunidade chinesa “faz parte de uma nação que trabalha muito”, mas que, com o passar dos anos, soube diversificar as áreas de actividade em que actua. “Antes os portugueses tinham a ideia que os chineses só trabalhavam em restaurantes ou em lojas, mas hoje em dia já não é assim. Hoje os chineses fazem todo o tipo de trabalho. A comunidade chinesa não é apenas composta pelos grandes investidores, mas há também emigrantes. Temos uma grande empresa em Portugal que trabalha na área do média e há agentes desportivos que trabalham na área do futebol, que enviam os treinadores de futebol para a China e trazem jogadores para cá”, exemplificou.

A comunidade é representada por cerca de 40 associações que fazem de tudo um pouco, desde apoiar empresários a organizar actividades culturais que fazem os emigrantes manter um contacto próximo com o seu país.

Décadas depois da chegada dos primeiros chineses a Portugal, Wang Suoying nota que há uma maior ligação entre portugueses e chineses. “Há menos discriminação e desconfiança por parte dos portugueses. Antes poucos [chineses] falavam português, porque a maior parte trabalhava nas cozinhas dos restaurantes e não precisava de falar a língua. Mas hoje em dia as pessoas aprendem português e vão a eventos organizados pelos portugueses. Os chineses e portugueses estão mais íntimos. Como agora fazem todo o tipo de trabalho, há mais diálogo”, assegura. 🍷

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes, tabletes e computadores disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.





CIDADE

Luís de Camões: Um jardim, três comunidades

Ocupa um lugar central no imaginário colectivo do povo português, reveste-se de uma importância legitimadora para a comunidade macaense, albergou um dos mais importantes e mais completos jardins botânicos do continente asiático e continua a pontificar entre os refúgios favoritos da população local. O Jardim Luís de Camões é um espaço de convívio, de contemplação e de lazer, mas também de encontro com a história e com a matriz civilizacional de Macau. Em poucos locais a vivência quotidiana e o encontro de culturas e de modos de vida foi, é e será tão tangível e tão evidente. A MACAU visitou o mais emblemático dos jardins do território e conta-lhe o que aprendeu

A cidade desperta aos poucos de um sono ligeiro. No relógio que se alça no largo fronteiro à entrada do Jardim Luís de Camões, os ponteiros caminham sem pressa para as seis da manhã. Os portões, de uma robustez antiga, permanecem fechados, mas nos bancos que os ladeiam já há quem se entretenha a sorver frugalmente o primeiro cigarro do dia, a olhar para as gordas dos jornais debaixo de uma luz sintética ou a desenhar, contra a claridade difusa da aurora, gestos inefáveis de tranquilidade em rituais com tanto de metódico como de secular.

Raros terão sido os dias ao longo dos últimos 130 anos em que a sábia graciosidade dos exercícios e o convite à reflexão e ao equilíbrio a eles

inerente não roubaram um espaço de admiração a quem visita o espaço. Ainda imponente no coração de uma cidade que se agigantou, o Jardim abre portas às seis da manhã, mas fervilha de vida muito antes disso: à respiração cadenciada de quem se despede da madrugada com a sólida disciplina do *tai-chi* juntam-se os ecos de diálogos mantidos quase em surdina, o estertor dos autocarros que chegam e largam com uma cada vez maior regularidade e, de dentro do jardim, dos ramos cimeiros de uma canforeira ou de uma figueira-do-pagode, emerge o estrepitoso canto de um mainá, antecipando um dia quente e soalheiro.

Francisco Vizeu Pinheiro não estranha a madrugadora e precoce afluência aos par-

ques da cidade por entender que, para uma boa parte dos residentes, os jardins, parques e espaços verdes são uma extensão do espaço doméstico. “Com a habitação de dimensões cada vez mais reduzidas, as casas estão transformadas em arrecadações sem espaço para convidar amigos, sem zonas condignas para a convivência familiar. A alternativa são os jardins”, entende o arquitecto e professor da Universidade de São José. “Posto de uma forma simples, os jardins de Macau são pequenos oásis no meio de uma floresta de cimento. São os pulmões da cidade, onde o ar se afigura mais puro. Não é possível imaginar uma cidade sem ligação ao meio natural, à paisagem.”

Dos 34 jardins e parques espalhados pela cidade, nenhum

Texto | Marco Carvalho
Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro



outro tem a dimensão histórica, cultural e antropológica de que se reveste o Jardim Luís de Camões. Quase 140 anos depois de se ter transformado em jardim público – o segundo de Macau, atrás apenas do Jardim de São Francisco, na alçada nascente da Praia Grande – continua a pontificar entre os favoritos de quem tem Macau como casa e a atrair visitantes dos quatro cantos do mundo que procuram, por entre o frondoso arvoredo, ecos e testemunhos dos encontros e desencontros que ao longo de quase cinco séculos fizeram de Macau um exemplo único de interculturalidade e cosmopolitismo.

“É um jardim com grande significado histórico e antropológico para chineses e portugueses, mas não só. É um espaço de vital importância para ingleses e até para os coreanos, por ter sido local de recolhimento para André Kim Taegon, o primeiro sacerdote coreano que estudou em Macau”, atesta Francisco Vizeu Pinheiro.

**DOS 34 JARDINS E PARQUES
ESPALHADOS PELA CIDADE,
NENHUM OUTRO TEM A
DIMENSÃO HISTÓRICA,
CULTURAL E ANTROPOLÓGICA
DE QUE SE REVESTE O JARDIM
LUÍS DE CAMÕES**

Em Macau, como defende Joana Pinto Brum na tese que lhe valeu em 2011 o grau de mestre em arquitectura paisagística, os jardins são o espelho de uma cultura, uma montra para o agir e o pensar da população que deles usufrui.

São oito da manhã e de ambos os lados da alameda que rasga ao meio a entrada do Jardim, há grupos concentrados na ligeireza dos movimentos lentos do *tai chi*. Na falange mais pequena, constituída sobretudo por mulheres de meia idade, há leques que se seguram com a candura de quem procura manter intacto um dente-de-leão no olho de uma tempestade: a trupe sincroniza os gestos, esvoaça com a delicadeza de uma borboleta e o tempo parece prolongar-se enquanto o ténue ritual se alonga. Ali ao lado, um idoso esguio tenta pendurar uma gaiola de madeira num dos ramos mais baixos de uma figueira-de-goá.

O Jardim Luís de Camões excede o estatuto de “espelho de cultura” que Joana Pin-

to Brum evoca na sua tese de mestrado, por potenciar também uma incursão pela história da cidade e pela própria dimensão ontológica das comunidades que ao longo dos séculos se foram instalando no sul da China. O Camões é um jardim de pelo menos três comunidades: a chinesa, a macaense e a portuguesa.

A comunidade portuguesa encontra na ligação entre o espaço e o vate como que uma premissa legitimadora não só da sua multiseular presença, mas também da própria matriz cultural de Macau, ao ponto de Joana Brum considerar que o espaço é dos poucos locais públicos que é alvo de apropriação cultural e emocional por parte das comunidades portuguesa e macaense. Para a arquitecta paisagista, uma tal apropriação confere ao Jardim Luís de Camões um sentido de proximidade e um sentido de história que não se manifesta em relação a outros espaços similares.

“É quase desde há um século o palco escolhido pela comunidade para as comemorações oficiais ligadas à celebração de Portugal e das comunidades portuguesas. A memória do lugar, ligada a esta presença, real ou imaginada, do poeta Camões, dão a este Jardim uma ligação, um sentido de proximidade e um sentido de história à comunidade portuguesa e macaense”, defende.

Uma história que recua às origens de Macau e que tem como protagonista um poeta guerreiro, com tanto de genial como de proscrito: Luís Vaz de Camões.

Os penedos do poeta

Desde cedo associado à memória e à obra do mais celebrado dos poetas portugueses, o Jar-

dim Luís de Camões situava-se nos limites do que veio a ser a cidade. A passagem do poeta pela região não é consensual e o diferendo entre os que rejeitam a possibilidade – como o escritor Miguel Torga – e os que a defendem tem dado azo a apaixonados debates desde há mais de um século.

Tenha ou não escrito parte da sua obra na cidade, a Macau que Camões terá encontrado, retrata Vizeu Pinheiro, não era mais do que um frágil ancoradouro. “No período em que é dada como certa a passagem do poeta por Macau não existia o Jardim enquanto tal. Existiam alguns penedos, um local deserto, bem ventilado e com vistas panorâmicas para o Interior do País e para o ancoradouro dos barcos no Porto Interior, a poucos metros de distância”, esclarece o arquitecto. “Neste período ‘camoniano’, chamemos-lhe assim, não havia casas permanentes, pelo que não eram garantidos o sucesso futuro e a sobrevivência de Macau enquanto entreposto comercial. A situação, tanto de Camões como de Macau, nesse período era incerta. O Jardim Camões é uma homenagem ao começo de Macau, à transformação de uma península deserta, como referem os relatórios dos capitães portugueses, para ser um porto de abrigo no Sul da China.”

Eduardo Ribeiro argumenta que a passagem de Camões por Macau era, até ao dealbar do século XVIII, um dado adquirido para a população local e que dela ninguém duvidava. O jurista – e conhecido defensor da errância do poeta em Macau – alude a um documento descoberto na Biblioteca da Ajuda por Jordão de Freitas em que a referência ao poeta e às fragas onde terá escrito par-



△
Os jardins de Macau são pequenos oásis no meio de uma floresta de cimento

O terreno onde hoje se situa o Jardim passou para as mãos do Leal Senado em 1762, que colocou em andamento as transformações que estão na génese do actual parque



te da sua obra é inequívoca.

Jordão de Freitas infere que o documento teria sido redigido no início do século XVIII por João Álvares, no âmbito de uma reedição dos textos relativos à gestão do Colégio de São Paulo nos primeiros anos da presença dos Jesuítas no território. Para Eduardo Ribeiro, a relação, apesar de não versar factualmente sobre os dias que Luís Vaz passou na cidade, prova circunstancialmente que o poeta se acoitou em Macau. “O documento atesta que quando os missionários jesuítas, no início do século XVII, querem relacionar documentalmente os seus bens de raiz, há uma sua propriedade, sita no cimo do Outeiro do Patane, que confina com os ‘penedos de Camões’”, explica Ribeiro. “Esse documento prova duas coisas: primeiro que era pacífi-

co e publicamente notório que tinha sido naqueles Penedos que Camões se havia acoitado, segundo a memória que o povo tinha disso. Por outro lado, e dado que o documento remonta ao início do século XVII, essa memória pública e colectiva é contemporânea, quase coeva do poeta, reforçando a credibilidade da certeza histórica”, infere o investigador.

Em Fevereiro de 1907, João Frick, num artigo assinado sob o pseudónimo de Gonçalo da Gama, nega pela primeira vez a presença histórica de Camões em Macau, numa tomada de posição polémica que deixou inflamados os letrados. Em “A tradição não é história”, Frick sustenta que à data da suposta passagem de Camões por Macau (1557), o entreposto português ainda não tinha sido criado.

O outro jardim das artes

O Jardim Luís de Camões foi desde cedo alvo de intervenções que procuraram exponenciar a sua beleza natural. Uma das primeiras – e mais significativas – reporta-se à edificação, por volta de 1866, da gruta onde se abriga o busto de bronze esculpido por Manuel Maria Bordalo Pinheiro. O espaço é formado por três grandes rochas dispostas numa posição quase megalítica. Debaixo delas o busto do poeta e um pedestal granítico onde estão inscritas as três primeiras estrofes do primeiro canto de *Os Lusíadas* e a respectiva tradução em língua chinesa.

Antes disso, em 1787, já o explorador naval francês Jean-François de Galaup, conde de Lapérouse, tinha obtido por parte das autoridades locais autorização para construir um miradouro no ponto mais alto do Jardim, para ali conduzir estudos astronómicos, numa altura em que as frotas francesas ancoravam com frequência ao largo da ilha da Taipa.

Lugar de cultura e também de ciência, o Jardim Luís de Camões foi-se tornando ao longo dos anos um dos espaços mais ricos de Macau também em termos de estatuária e arte pública. Na parte central do Jardim, está a escultura “Abraço”, da autoria de Irene Lisboa. A obra foi concebida em 1996, sensivelmente ao mesmo tempo em que foram instalados, no início da escadaria de Pedra que leva à Gruta de Camões, os painéis temáticos em calçada portuguesa que retratam vários episódios de *Os Lusíadas*. Os painéis foram adaptados por Jorge Estrela a partir dos desenhos de Lima de Freitas e aludem a cada um dos cantos da obra, retratando episódios como o Adamastor ou a ilha dos Amores.

Santo André Kim Taegon, sacerdote coreano que estudou em Macau entre 1837 e 1842, tornou-se o primeiro mártir cristão coreano quando regressou ao seu país natal, tendo sido martirizado quatro anos depois de se ter despedido. A estátua que o homenageia, situada frente a uma cascata artificial que escorre a partir de dois grupos de rochedos naturais, foi doada pela Igreja Católica à Diocese de Macau em 1986.

Para além dos conjuntos artísticos, o Jardim tem uma pequena biblioteca, um parque infantil e aparelhos de manutenção física e foi há seis anos alvo de uma intervenção significativa: “O Jardim Camões é datado, sem dúvida. O esforço para o tornar mais aberto ao público foi reforçado em 2012, com a remodelação do largo que lhe é fronteiro, deslocando a zona onde estão situados os caixotes de lixo e concentrando as paragens de autocarros. A iniciativa libertou espaço para a zona pública do largo, que agora se prefigura como um complemento ao próprio Jardim”, explica Vizeu Pinheiro.

O manuscrito descoberto por Jordão de Freitas na Biblioteca da Ajuda contradiz, no entender de Eduardo Ribeiro, o negacionismo que tem no texto de João Frick a sua tese primogénita. O texto, cuja origem remonta a metade do século XVIII tem por base documentos bem mais antigos, na perspectiva de Ribeiro, autor de obras como *Camões em Macau – Uma Verdade Histórica* e *Camões no Oriente*. O jurista defende que a passagem onde são referidos “os penedos de Camões” terá sido escrita entre 1632 e 1639, período em que o Colégio de São Paulo foi liderado pelo Padre António Francisco Cardim, clérigo referenciado no mesmo documento em que aparece o nome de Camões.

Dada a receptividade com que a primeira edição de *Os Lusíadas*, datada de 1572, é acolhida, não seria de estranhar que os padres da Companhia de Jesus – com quem Camões terá privado de perto durante a breve permanência no Sul da China – quisessem homenagear o poeta, designando o “chão de patane” onde se erguiam as fragas frequentadas por Luís Vaz com a afetuosa designação de “penedos de Camões”: “Só a partir da publicação – e divulgação rápida, muito rápida, mesmo no Oriente – do ‘Poema Épico’, é que a comunidade lusíada deseja, orgulhosa, enaltecer o facto e colher também alguns dos louros com que o poeta começara a ser honrado, honrando-se também, dessa maneira, com a presença histórica, ainda muito presente na memória colectiva, do autor de *Os Lusíadas*”, sustenta Eduardo Ribeiro.

Defende Eduardo Ribeiro, de resto, que se o propósito da toponímia fosse apenas o de ho-

menagear alguém, uma tal distinção provavelmente não teria recaído sobre Camões, mas sobre alguns dos clérigos influentes que exerceram funções em Macau nos primeiros anos da cidade cristã – o bispo Belchior Carneiro, por exemplo – ou então sobre alguns dos influentes mercadores, como Bartolomeu Vaz Landeiro, Diogo Pereira ou Pedro Quintero.

De coutada eclesiástica, o terreno onde hoje se situa o Jardim passou para as mãos do Leal Senado em 1762, que colocou em andamento as transformações que estão na génese do actual Jardim, ao permitir, por volta de 1770, a construção de uma imponente mansão.

A vivenda, desde sempre associada a Manoel Pereira (um rico mercador que fez fortuna em Goa e que se tornou no final dos anos 1700 uma das mais influentes figuras da sociedade local), chegou aos nossos dias transfigurada pela vicissitude dos tempos. Pereira – que terá adquirido a casa e o terreno contíguo por volta de 1815 – é o primeiro proprietário conhecido do que viria a ser, no final do século XIX, o Jardim Luís de Camões, mas não é de todo o primeiro residente da mansão hoje como “Casa Garden”.

Situada numa zona resguardada de ventos e intempéries, a propriedade foi alugada nos anos finais do século XVIII à Companhia Britânica das Índias Orientais, funcionando durante largos anos – até pelo menos 1833 – como residência do presidente do Select Committee da British East India Company. E com os britânicos o Jardim floresceu. Literalmente.

Uma casa, um império e um jardim

O mais ilustre dos hóspedes

britânicos que habitaram o palacete da Quinta da Gruta de Camões terá sido Lord George Macartney, que ultimou a histórica embaixada que o levou a Pequim e à corte do Celeste Império, em 1793. Destinava-se a legação comandada por Macartney a persuadir o “filho do Céu” a abrir as portas ao comércio internacional sem que fosse necessária a intermediação quer dos portugueses em Macau, quer dos mercadores chineses em Cantão. Mas George Macartney regressa a Macau de mãos vazias, alongando-se na cidade por mais algum tempo.

Os quase dois anos pelos quais se prolongou a missão diplomática à China estão amplamente documentados no diário de Sir George Staunton, seu secretário pessoal. Na obra, que documenta sobretudo a dinâmica das relações entre as potências europeias e a China imperial, não faltam referências à tradição que dá conta da passagem de Luís Vaz de Camões por Macau. “É chamada de Gruta de Camoens, ao abrigo de uma tradição corrente no Povoado e que conta que o poeta português de tal graça, que certamente residiu durante um período considerável de tempo em Macau, escreveu o seu celebrado poema *Os Lusíadas* no local”, escreve Staunton em *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*.

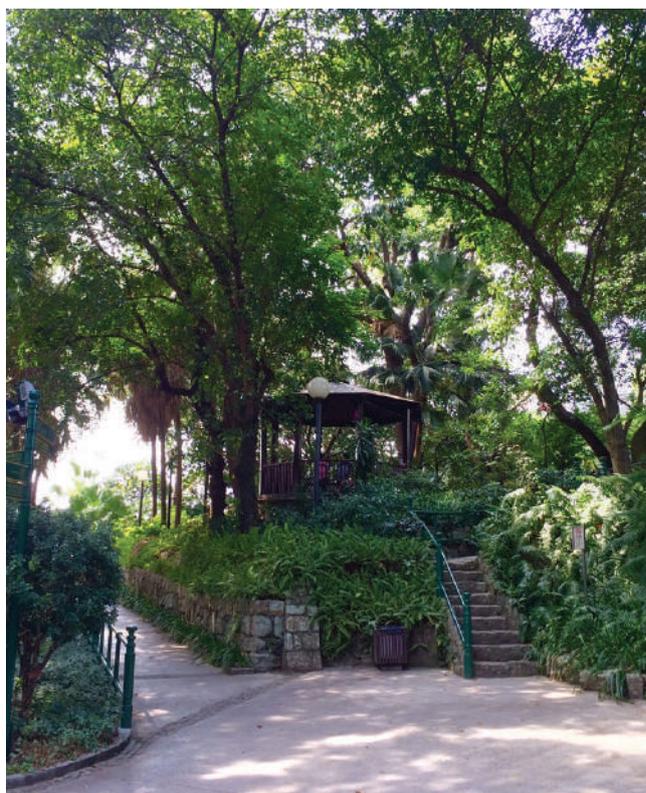
A intervenção britânica no outeiro do Patane sistematizou-se e ganhou uma dimensão científica durante os anos em que a chamada Quinta da Gruta de Camões permaneceu alugada à British East India Company, até 1833. Durante o período em causa (provavelmente entre meados da década de 1780 e 1833), jardineiros,

botânicos e boticários vindos de Inglaterra trataram de ali plantar e adaptar uma série de plantas, arbustos e árvores recolhidas por todo o continente asiático, transformando o terreno naquele que foi efetivamente o primeiro jardim botânico do continente asiático. Em 1794, ano em que Lord Macartney dá por encerrada a Embaixada à China e regressa a Londres, o botânico David Stornach faz um levantamento das espécies ali existentes.

Menos de 10 anos depois, em 1803, William Kerr, botânico real em Kew Gardens, é enviado à China por Sir Joseph Banks com o propósito de recolher e enviar para Inglaterra o maior número de espécimes possível. Durante os oito anos que permaneceu em Macau, Kerr introduziu em Inglaterra exemplares de 238 plantas que recolheu em vários pontos do Extremo Oriente. Entre as espécies que foram cultivadas com sucesso nos Reais Jardins Botânicos de Kew e que foram depois transmitidas a outros jardins europeus estão o bambu sagrado (*Nandina domestica*), a andromeda japonesa (*Pieris japonica*) ou a rosa de Banks (*Rosa banksiae*), espécime baptizado em homenagem à esposa do seu patrão e mentor, Joseph Banks.

Nos viveiros da Casa da Quinta da Gruta de Camões, William Kerr foi sucedido por Thomas Beale, botânico que durante 18 anos deu seguimento à obra do seu antecessor, recolhendo mais de dois milhares de plantas exóticas, algumas de extrema raridade. “Em termos históricos é importante salvaguardar a importância do trabalho desenvolvido pela Companhia das Índias Orientais a nível botânico, com a recolha de várias

No dia 10 de Junho, o cerne das cerimónias do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas celebra-se no Jardim, sendo colocadas coroas de flores junto ao busto de Camões





espécies da China, que foram estudadas e devidamente tratadas e depois enviadas para a Europa. A deslocação do botânico real inglês a Macau por um período de sete anos é um bom exemplo dessa importância”, ilustra Joana Pinto Brum.

Graças ao trabalho desenvolvido primeiro por Kerr e depois por Beale, Macau passou a dispor de um dos mais importantes jardins botânicos do mundo. O espaço serviu de viveiro a plantas que acabaram disseminadas um pouco por toda a Europa e a circunstância ainda hoje se reflecte na própria morfologia do espaço. “A sua importância permitiu que chegasse aos dias de hoje, o que não aconteceu com outros espaços verdes da época que, numa cidade em constante mutação, acabaram por dar lugar a espaços com outras funções”, defende Joana Pinto Brum. “A própria vivência deste lugar acaba por acontecer à sombra de uma vegetação que se vê bem estabelecida e que, novamente, incita a esta memória do lugar.”

Da devoção ao poeta ao jardim público

A entrada em cena de Manoel Pereira, que terá adquirido a propriedade por volta de 1815, em nada prejudicou o trabalho desenvolvido pela British East Asia Company. Uma parte do espaço acabou alienado para que ali se construísse o cemitério protestante no qual permanecem sepultados alguns grandes nomes da história de Macau, como é o caso do pintor George Chinnery. O campo sacro e a capela protestante ali erguida por Robert Morrison,

em 1821, são hoje Património da Humanidade, a exemplo do que sucede com o palacete da Quinta da Gruta de Camões, hoje conhecido pela designação de Casa Garden.

Apesar de ser um dado adquirido que em 1815 o edifício já pertencia a Manoel Pereira, tudo leva a crer que o conselheiro nunca chegou a viver na mansão. O influente mercador morreu em 1826, 11 meses depois da sua futura herdeira – Maria Ana Josefa Cortela Pereira – ter nascido. Maria Ana foi a única filha de Manoel Pereira e da sua terceira mulher, Antónia Vicência Baptista Cortela.

Em 1838, com 13 anos incompletos, a herdeira de Manoel Pereira contraiu matrimónio com um primo 15 anos mais velho, Lourenço Caetano Marques. Enquanto o palacete e a quinta da Gruta de Camões pertenceram ao casal, ali estiveram hospedados, entre outros, o presidente dos Estados Unidos Ulysses S. Grant, o duque de Alançon (herdeiro do trono francês), o príncipe do

LUGAR DE CULTURA E TAMBÉM DE CIÊNCIA, O JARDIM LUÍS DE CAMÕES FOI-SE TORNANDO AO LONGO DOS ANOS UM DOS ESPAÇOS MAIS RICOS DE MACAU TAMBÉM EM TERMOS DE ESTATUÁRIA E ARTE PÚBLICA

Sião e vários governadores de Hong Kong.

Nos anos em que a propriedade esteve nas mãos de Lourenço Marques acentuou-se a ligação da propriedade do Patane a Luís Vaz de Camões, com o proprietário a ordenar a construção de uma gruta onde foi colocado, em 1840, um busto de greda da autoria de artesãos chineses. Descrito por Artur Levy Gomes no livro *Esboço da História de Macau 1511-1849*, o primeiro monumento “sustinha em tosco pedestal um frágil busto do poeta, moldado em greda pelos chinsas, desgastado pelo tempo e mutilado pelo vandalismo da população inculta que frequentava o jardim”.

Os danos causados à effigie do poeta terão levado à instalação, no início da década de 1850, de um segundo busto – de cor bronzeada “e tirado em greda por artistas chinsas” – inspirado no retrato de Camões dado à estampa no frontispício da edição de *Os Lusíadas* publicada em 1815, em Paris, pelo padre Tomás José de Aquino.

Em 1887, e segundo escreve o Conde de Arnoso, o busto que evoca a memória e o génio do poeta é já de bronze, feito por Manuel Maria Bordalo Pinheiro (o pai do ceramista homónimo) e fundido no Arsenal do Exército em 1861. A ser verdadeira a informação legada por Bento de França, a peça a que se refere Arnoso terá sido substituída cinco anos depois, em 1866, por um novo busto, mais denso e realista, também da autoria de Bordalo Pinheiro.

Em 1883, dois anos antes dos “penedos de Camões” serem adquiridos pelo Governo a mando do governador Tomás de Sousa Rosa, o Jardim encarna na perfeição as ideias e a estética do romantismo tardio. É um espaço de opulência

e de decadência, de escapismo e de encontro com a natureza, de fuga para um glorioso passado ainda próximo. É assim que Adolpho Loureiro descreve a terna degradação do espaço: “No abandono em que a propriedade tem jazido, as plantas, as admiráveis plantas d’aquela pais e de tão favorável clima, desenvolveram-se livre e caprichosamente, e, (...) as ruas do parque estão intransitáveis e cheias de limos e musgos (...). É belo tudo aquilo”.

Cinco anos depois de João Scarnichia, capitão do Porto de Macau, ter aconselhado o Governo a adquirir o espaço, o governador Tomás de Sousa Rosa – grande responsável pelo processo de arborização das colinas de Macau – paga 35 mil patacas a Lourenço Marques pela propriedade quando soube que o Comendador estaria a negociar a venda da quinta a uma ordem missionária francesa. “Mais do que ser criado, o Jardim foi adquirido em 1885, numa altura em que o ordenamento decidido pela East Asia Company era ainda muito evidente. No entanto, com os britânicos este era um jardim fechado ao público, localizado no extremo da cidade, no então denominado Campo de Santo António, onde também se situava uma das portas da cidade”, recorda Francisco Vizeu Pinheiro.

Consumada a aquisição do espaço por parte do Governo, numa altura em a população chinesa já conhecia o local por Pak Kap Chau (Jardim do Ninho das Pombas Brancas), não faltaram vozes a defender a manutenção dos resquícios do Jardim Botânico, a advogar a construção de um Jardim Zoológico ou a defender a transformação do palacete – bastante danificado por



△
A mansão hoje conhecida por “Casa Garden” foi construída em 1770 e pertenceu a Manoel Pereira, rico mercador que fez fortuna em Goa

um tufão em 1874 – num museu. A recomendação só seria acatada mais de meio século depois, com a transferência, em 1937, do Museu Comercial e Etnográfico Luís de Camões para a Casa Garden, onde permaneceu até 1989.

Pelo meio, uma data de relevo: em 1923, o Governador Rodrigo Rodrigues institui uma tradição que ainda hoje se mantém. No dia 10 de Junho, o cerne das cerimónias do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas celebra-se no Jardim, sendo colocadas coroas de flores junto ao busto de Camões por crianças de vários estabelecimentos de ensino, que declamam também – em português e em chinês – os versos do poeta.

Mais do que comemorar o homem, sustenta Eduardo Ribeiro, a celebração evoca o humanismo do poeta e é um hino

à humanidade comum às três comunidades que ao longo dos séculos transformaram o mais emblemático dos Jardins de Macau. “Camões foi o primeiro escritor europeu a cruzar o Equador e a ‘experimentar’ em primeira mão a África, a Índia e a China. Em contacto com outros povos e outras nações e outras culturas, teve a ocasião de perceber cedo a diversidade do outro”, defende o jurista e investigador. “Camões condenou a opressão sobre os outros povos e a escravatura; condenou a ganância, a corrupção e a guerra; advogou a compreensão do outro e a tolerância entre os povos; celebrou a dignidade de outras raças e culturas. Tudo isto são valores universais que, na sua época, não eram tão comumente apreciados como são hoje. Era um homem à frente, muito à frente do seu tempo.” M



MERCADO EDITORIAL

União pela promoção da cultura de leitura

Publica-se, em média, mais do que um livro em Macau por dia. O desafio é fazer com que estas obras encontrem os seus leitores. Editores portugueses falam no desejo de promover o interculturalismo e na dificuldade em manter uma actividade contínua. O Instituto Cultural diz fazer um esforço contínuo para “promover uma cultura de leitura em Macau” e também para apoiar o desenvolvimento do sector editorial local

Texto | Paulo Barbosa

Mudam-se os tempos, mudam os perfis dos leitores e as formas de ler. Macau é um local profícuo em editores, que publicam centenas de livros por ano. Sem ter livrarias de grande dimensão, a região possui uma rede de bibliotecas públicas vasta e frequentada por pessoas de todas as idades. Mas que tipo de livros se publicam na região? Será que a leitura continua a ser um hábito cultural numa era de *smartphones* e de rotinas pessoais cada vez mais aceleradas?

Os dados fornecidos à MACAU pelo Instituto Cultural (IC) indicam que, em 2019, existiam 954 editores registados em Macau no sistema de Número Padrão Interna-

cional de Livro – ISBN. Nesta caracterização de editores estão incluídas escolas, departamentos governamentais e organizações não governamentais, entre muitas outras entidades que não têm como actividade principal a edição de obras literárias.

A verdade é que grande parte das editoras registadas não está activa. Um relatório recente sobre o estado da publicação livreira em Macau indica que, nos últimos cinco anos, a média anual de editores que publicam livros é de 200. Estes levaram à chance-la um total de 601 obras em 2018. Segundo as estatísticas das obras publicadas de Macau entre 2017 e 2018 recolhidas pelo IC, os livros em língua chinesa são maioria

**O REGISTO DE EMPRÉSTIMOS
DAS BIBLIOTECAS MOSTRAM
QUE OS LIVROS PUBLICADOS
LOCALMENTE MAIS POPULARES
SÃO OS DE HISTÓRIA**

riamente de âmbito artístico, seguindo-se os livros de ciências sociais e de língua e literatura. Já os livros publicados em línguas estrangeiras são sobretudo de aprendizagem de idiomas e literatura, seguindo-se os livros de ciências sociais, artes, entretenimento, lazer e desporto.

Outro dado revelador do acervo livreiro disponível em Macau é que as bibliotecas públicas tinham, no seu conjunto em 2019, 807.968 volumes. Em 2018, foi emitido um total acumulado de 165 mil cartões de leitor e os serviços bibliotecários foram utilizados 2.895.467 vezes. Já no ano passado, registaram-se 494.271 empréstimos de livros e 35.044 empréstimos de materiais audiovisuais. Só em 2019, segundo estatísticas oficiais, as bibliotecas de Macau receberam mais de 3,3 milhões de visitantes.

De acordo com o registo de empréstimos das bibliotecas,



os livros publicados localmente mais populares são os de história, seguindo-se os livros do âmbito jurídico.

Desafios de quem edita em português

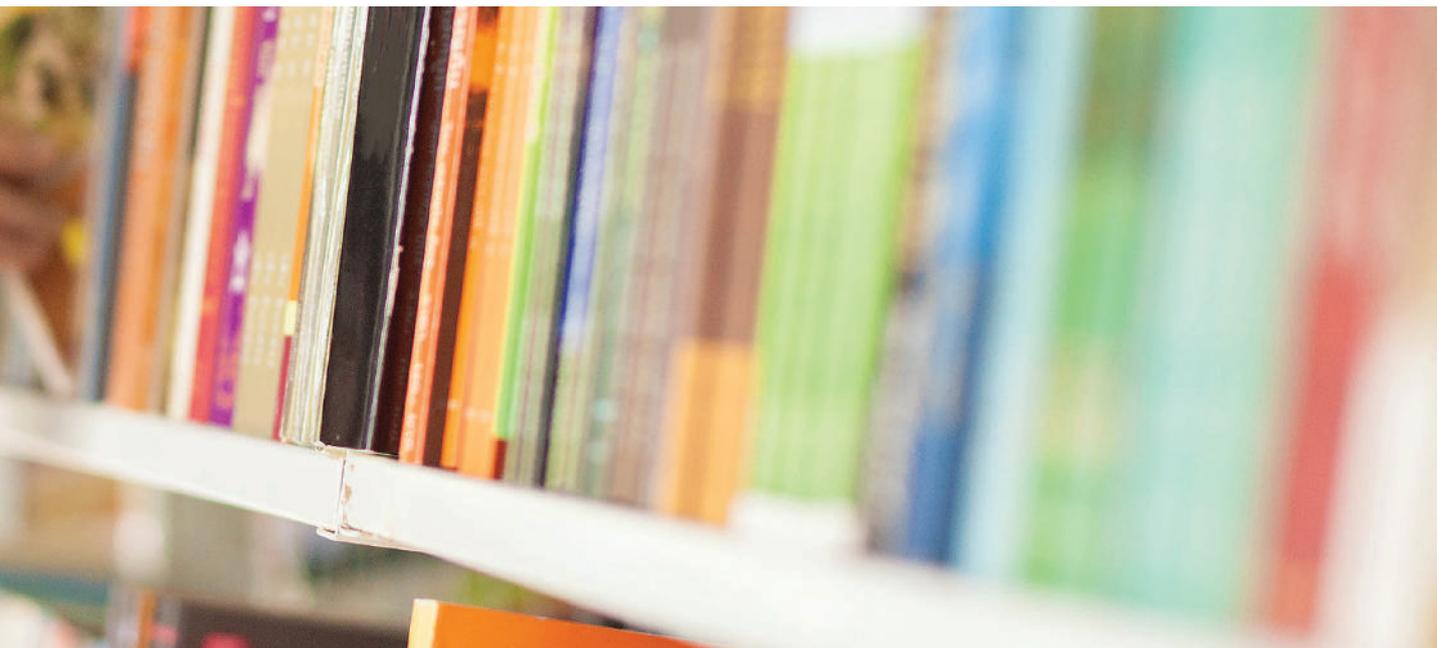
Os dados fornecidos pelo IC parecem indicar que o interesse pela leitura em Macau está bem e recomenda-se. Mas será que as novas gerações acompanham o hábito de ler livros que muitos dos cidadãos mais velhos de Macau mostram ter? Ricardo Pinto, director do jornal *Ponto Final*, fundador do Festival Literário de Macau – Rota das Letras e gestor da Livraria Portuguesa desde 2011, refere à MACAU que a mudança de hábitos de leitura é um fenómeno global. “Lê-se muito mais agora na Internet do que em livros impressos. E na Internet a leitura dirige-se muito mais às redes sociais e a sites informativos do que a obras literárias disponíveis online. Daí a relevância de um

evento como o festival literário; daí também a importância de continuarmos a lançar romances ou obras de não ficção sobre Macau, cuja maior proximidade dos leitores ajuda a sedimentar novos públicos”, enumera. “Daí, enfim, a importância da existência de uma Livraria Portuguesa bem no centro de Macau, onde todas as semanas são apresentadas as novidades literárias dadas à estampa dias antes em Portugal, e onde se podem encontrar livros para todos os gostos. Os livros, como alguém disse, são amigos constantes, conselheiros sábios, professores pacientes. Se lidos, naturalmente.”

O editor e agente literário Hélder Beja, também ele fundador do festival literário local, argumenta que o trabalho de estimular o gosto da leitura entre os jovens passa pelas escolas, mas não só: “Devia haver um programa claro do livro e da leitura para as escolas de Macau – mas também

Ricardo Pinto, director do jornal *Ponto Final*, fundador do Festival Literário de Macau – Rota das Letras e gestor da Livraria Portuguesa desde 2011





com entidades externas que possam visitar as escolas, levando livros e autores até aos alunos, levando na verdade histórias em qualquer suporte viável. Parece-me evidente, para quem vive na cidade, que não se lê muito nos transportes, nos cafés, etc. Mas também é verdade que as bibliotecas de Macau estão quase sempre cheias. Há, depois, a leitura nos telemóveis, mas trata-se de qualquer coisa muito mais fragmentada, que duvido que tenha ou possa vir a ter muito que ver com livros e literatura. Os livros e a literatura quase nunca foram fenómenos de massas, com exceções. Hoje, muito menos. Seja como for não é por isso que deixam de ter o seu espaço e importância. O livro, a meu ver, continuará a ser relevante”, afirma Hélder Beja.

Ricardo Pinto é também o detentor da PraiaGrande Edições, editora que há quase 30 anos leva à estampa o jornal *Ponto Final*. Desde o início da

sua actividade, a editora publicou livros esporadicamente. Foi o caso, por exemplo, de romances de Henrique Senna Fernandes, Rodrigo Leal de Carvalho, João Aguiar e João Paulo Meneses, publicados em fascículos no *Ponto Final* por ocasião do 5.º aniversário da RAEM e posteriormente editados em formato de livro.

No caso da PraiaGrande Edições, a publicação de livros tornou-se regular através do envolvimento na organização do Festival Literário de Macau. Desde a primeira edição do festival, em 2011, livros de contos ou romances sobre Macau têm tido a chancela da editora, que se mantém activa fora do âmbito do festival. “Editámos, por exemplo, um livro trilingue sobre os restaurantes portugueses de Macau, uma obra também trilingue com os cartoons de Rodrigo publicados no *Ponto Final*, e a última aventura de Michel Vaillant em Macau, esta pela primeira vez em in-

glês e chinês”, conta Ricardo Pinto. “Estamos a desenvolver esforços para garantir que [estas obras] estejam disponíveis noutros mercados, embora não seja fácil consegui-lo sem apoios de outras instituições”.

Segundo o IC, existem 115 mil livros em língua portuguesa no catálogo das bibliotecas públicas, 76 mil destes editados em Macau. Apesar de haver um certo recrudescimento da actividade editorial, o desafio de publicar em português na RAEM mantém-se. Ricardo Pinto fala em dificuldades na fase de distribuição dos livros e num número potencial de leitores reduzido.

Opinião comungada pelo escritor e jornalista Carlos Morais José, outro dos editores que há mais tempo lança livros no mercado local. A sua editora COD procura publicar o melhor que se escreve em português sobre Macau e também traduzir para a língua portuguesa obras emblemáticas da literatura e da poesia

**GRANDE PARTE DAS EDITORAS
REGISTADAS NÃO ESTÁ ACTIVA.
UM RELATÓRIO RECENTE
INDICA QUE, NOS ÚLTIMOS
CINCO ANOS, A MÉDIA ANUAL
DE EDITORES QUE PUBLICAM
LIVROS É DE 200**



Gonçalo Lobo Pinheiro



O editor e agente literário Hélder Beja considera importante uma aposta na promoção dos hábitos de leitura junto dos mais jovens

chinesa. Foi através da COD que foram republicadas as obras completas de Wenceslau de Moraes, com os seus retratos inesquecíveis de Macau e do Japão pelo fim do século XIX. Foi também a COD que publicou, em 2009, a edição bilingue dos poemas intemporais de Han Shan, traduzidos para português pelo sinólogo António Graça de Abreu.

Mas Carlos Morais José, ele próprio um poeta e romancista com vários livros publicados, admite que é “basicamente impossível” manter uma actividade editorial contínua em língua portuguesa em Macau. “Implica sempre um grande esforço pessoal e não há uma estrutura que permita manter as coisas a funcionar, dar emprego a pessoas, tornar isto uma indústria.”

Há, no entanto, luz ao fundo do túnel. Morais José iden-

tifica outros campos – para além do económico – em que Macau pode ter um papel de plataforma. “Macau tem muitas possibilidades. Uma delas é ser lugar de tradução da cultura chinesa para língua portuguesa. O segundo é divulgar escritores de Macau, em língua inglesa e portuguesa. Eventualmente divulgá-los também fora de Macau. E em terceiro lugar ter um centro de debate e construção literária, quer em língua portuguesa, quer noutras línguas”, defende. Para o autor *d’O Arquivo das Confissões: Bernardo Vasques e a Inveja*, é essencial que seja delineada uma estratégia para divulgar a cultura chinesa em língua portuguesa.

— Medidas de apoio à leitura

Em declarações à MACAU, o IC afirma que “tem vindo a promover desde sempre uma cultura de leitura em Macau

e de apoio ao desenvolvimento do sector editorial local”. O organismo cita como parte da sua estratégia de promoção do livro iniciativas como a “Semana da Biblioteca de Macau”, que inclui palestras temáticas, visitas guiadas pela cidade e *workshops*. As actividades mais populares deste evento decorrem no edifício do Antigo Tribunal, no centro da cidade, e consistem na venda, a preços módicos, de revistas que foram adquiridas ao longo do ano anterior pela rede de bibliotecas públicas e na troca livre de livros entre participantes.

Para os mais novos, o IC organiza todos os sábados e domingos sessões de leitura para crianças e famílias, que pretendem cultivar o hábito de ler desde tenra idade através da narração de histórias, de jogos e de trabalhos manuais.

A nível do apoio ao sector editorial local, a Agência do ISBN de Macau foi criada no ano 2000, sendo responsável pela promoção do ISBN na RAEM, por forma a ajudar os editores locais a integrar-se no sistema de uniformização internacional.

Com o objectivo de incrementar o número de canais de distribuição de publicações culturais locais, o IC lançou, em Junho de 2018, o “Plano de Distribuição das Publicações Culturais de Macau no Exterior”, que permite que publicações locais cheguem a mercados como o de Hong Kong, entre outros.

Em colaboração com a Fundação Macau, o IC tem participado em feiras do livro de diferentes regiões, expondo e comercializando várias publicações locais no Pavilhão de Macau. O IC tem igualmente apoiado a organização de feiras do livro locais, participando anualmente na Feira do Livro da Primavera, na Feira do Livro de Macau e no Festival Cultural de Livros do Outono.

O instituto destaca também o protagonismo que tem vindo a ganhar o Festival Literário de Macau, que descreve como “o primeiro grande evento de intercâmbio literário e artístico de sempre entre a China e os países de língua portuguesa, contando anualmente com a participação de escritores, cineastas, músicos e artistas de todo o mundo”.

Ricardo Pinto, defende também que o evento que dirige “tem tido um impacto bastante significativo no reavivar do interesse pela literatura em Macau e, designadamente, pela literatura de Macau”. Segundo Pinto, o festival incentiva também a que se escreva mais sobre Macau,

através de concursos de contos e de convites aos participantes para que o façam a seguir a cada edição. Ao proporcionarem contacto directo entre o público e algumas das mais importantes personalidades do mundo das letras, tanto das nações lusófonas como da China e de muitos outros países, os organizadores do festival pretendem gerar um maior interesse pelas obras em foco e pela literatura em geral.

Ricardo Pinto destaca ainda o impacto das visitas dos autores participantes a escolas de todos os níveis de ensino. E acredita que este esforço será “particularmente importante na formação de novos leitores e talvez mesmo de futuros escritores”. M

A editora liderada por Carlos Morais José procura publicar o melhor que se escreve em português sobre Macau e também traduzir para a língua portuguesa obras emblemáticas da literatura e da poesia chinesa



Gonçalo Lobo Pinheiro

Uma livraria que é montra da cultura portuguesa

Texto | Paulo Barbosa

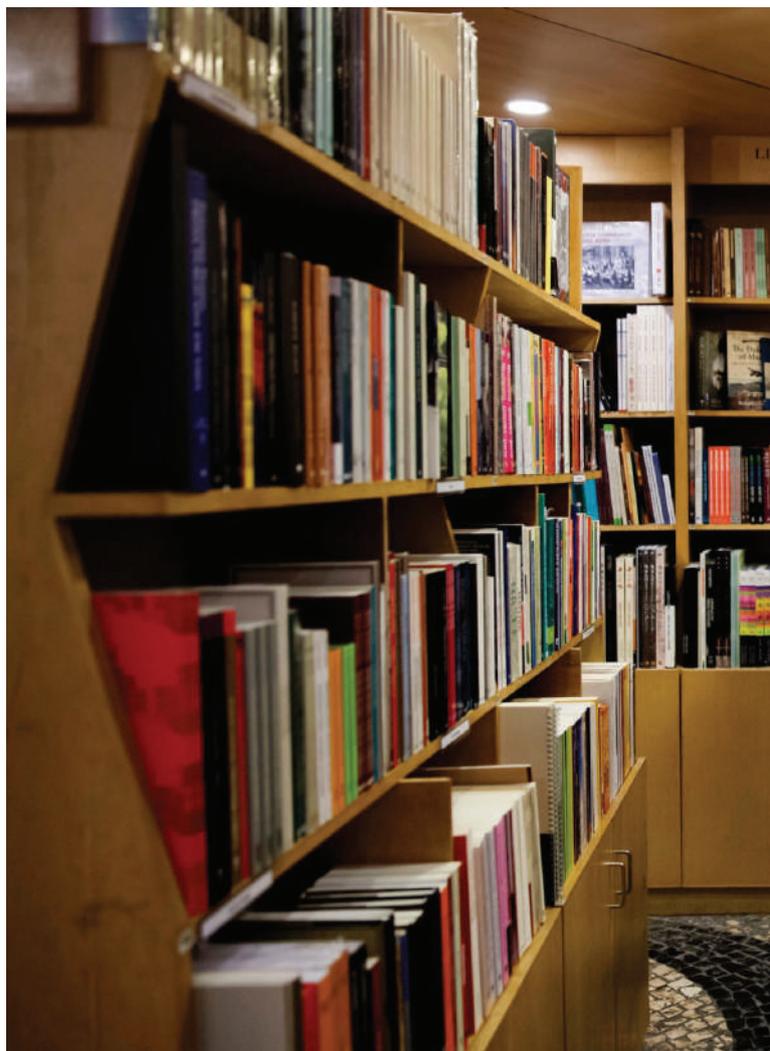
Detida pelo Instituto Português do Oriente (IPOR), a Livraria Portuguesa de Macau é uma das grandes montras da cultura portuguesa no território. Para além de funcionar como local de venda de livros e de outros produtos culturais, são organizadas regularmente no espaço situado na Rua de São Domingos sessões de apresentação de livros e exposições.

A livraria tem uma galeria na cave que está aberta para a realização de todo o tipo de eventos por instituições ou particulares, por regra ligados à comunidade portuguesa. “É para nós muito importante que a livraria responda às expectativas da comunidade portuguesa – ou melhor, de todos os falantes de português em Macau –, mas temos procurado atrair um público mais vasto, de residentes de Macau que não dominam a língua portuguesa e também de turistas”, conta o gestor do espaço, Ricardo Pinto. “Daí uma maior diversidade de produtos, e daí também que algumas das iniciativas que temos levado a cabo na livraria tenham sido

da responsabilidade de pessoas ou instituições sem qualquer ligação à comunidade portuguesa.”

Questionado pela MACAU sobre o tipo de livros mais vendidos, o gestor revela que os livros escolares e os livros de ensino da língua portuguesa estão entre os mais vendidos. Quanto aos critérios para a importação de livros, o gestor explica que “é procurado um equilíbrio entre lançamentos recentes e obras clássicas, entre ficção e não ficção, entre obras literárias de natureza mais erudita e outras mais populares. A Livraria Portuguesa, até por ser a única com estas características em Macau, não pode ser uma livraria de nicho; tem de garantir uma oferta muito diversificada, para acorrer aos interesses e às necessidades de públicos muito variados.”

Pinto enumera os muitos problemas relacionados com a importação de livros a partir de Portugal: “Desde logo, o facto de não haver voos directos entre Lisboa e Macau. Isso faz com que a importação custe cerca de quatro euros por quilo, quando entre Lon-





DR

OS LIVROS ESCOLARES E OS MANUAIS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA SÃO OS LÍDERES DE VENDA



DR



DR

dres e Hong Kong, por exemplo, esse valor é de apenas um euro por quilo. Depois, há que contar com o preço elevado dos livros em Portugal; a pulverização da edição por muitas grandes e pequenas editoras; as dificuldades sentidas pelas distribuidoras em Portugal; a circunstância de ter de se pagar um despacho de exportação por cada fornecedor, e não por cada transporte; o facto de, dada a distância e o custo do transporte, não se poder trabalhar em regime de consignação com a maioria dos fornecedores, o que obriga a um grande investimento em livros que, numa pequena ou maior parte, jamais serão vendidos. Procuramos ser criteriosos na escolha dos livros importados, mas é natu-

ralmente impossível garantir que haverá clientes para todas as obras seleccionadas.”

Dadas estas dificuldades, seria possível ter em Macau uma livraria que vendesse essencialmente livros portugueses sem apoio institucional? Pinto está convencido que tal projecto seria inviável. “As livrarias estão em crise em todo o mundo; uma livraria em Macau, a milhares de quilómetros de distância de Portugal, debatendo-se com todos os problemas relacionados com a importação de livros já mencionados, e vendendo essencialmente livros em português para um mercado bastante exíguo, terá seguramente imensas dificuldades em afirmar-se como um projecto economicamente viável”, resume. M

PIN-TO LIVROS & MÚSICA

O livro como objecto artístico

Um livreiro independente fala na sua paixão pelos livros e como a vontade de a partilhar com amigos levou à abertura da Pin-to Livros & Música. Anson Ng acredita que há um ressurgimento do interesse pelos livros impressos e muito público com interesse no que é publicado em chinês sobre Macau. Yvonne Yu, editora da revista *Livros e a Cidade*, refere a importância do marketing para o sucesso de um lançamento livreiro

Texto | Irene Sam

Para os cidadãos urbanos, o tempo passado no trabalho ocupa uma grande parte da vida quotidiana. Na sociedade chinesa, onde a prosperidade financeira é da maior importância, as pessoas trabalham longas horas e não têm muito tempo disponível para a leitura. “Os áudio-livros são populares actualmente e vendem muito bem, porque quando alguém está a conduzir ou a fazer trabalhos domésticos, a sua mente está livre e podem ouvir histórias”, diz Yvonne Yu, editora da revista *Livros e a Cidade*, que é distribuída nas bibliotecas locais.

“Hoje em dia, a actividade de publicar livros está relacionada com a criação de propriedade intelectual”,

UMA PEQUENA LIVRARIA COMO A PIN-TO LIVROS & MÚSICA NÃO TEM A CAPACIDADE DE ADQUIRIR MUITOS LIVROS E NÃO PODE SER COMPARADA A VENDEDORES ONLINE DE GRANDE DIMENSÃO

acrescenta Yu, que também é editora de vários livros de estilo de vida. “Um livro serve para contar uma história, mas pode ser criado *merchandising* relacionado com as personagens ou a história do livro. O aspecto comercial tem que ser muito forte porque as pessoas envolvidas [no negócio da edição] querem ter o máximo lucro possível. É interessante observar que os leitores chineses dão importância aos aspectos de *marketing* que rodeiam o lançamento de um novo livro, o que é muito entusiasmante para as indústrias criativas”.

Partilhando a mesma opinião que Yu, o dono e curador da Pin-to Livros & Música, Anson Ng, acredita que o desafio de gerir uma livraria e de



publicar hoje em dia está para lá do espaço físico da livraria e tem a ver com algo mais espiritual.

“A beleza do espaço físico de uma livraria pode atrair leitores para se deslocarem lá e comprarem livros. Comprar um livro é uma experiência.



DR

No Interior do País, há mesmo prémios e listas sobre “as mais belas livrarias”. Os leitores afluem a esses espaços apenas para desfrutar e sentir a atmosfera. Essas visitas a um destino específico também se aplicam a bibliotecas. É algo de quase espiritual”, explica.

O RESSURGIMENTO DOS ZINES

Enquanto a indústria editorial está gradualmente a tornar-se digital, os *zines* (pequenas revistas independentes), por outro lado, estão a entrar no mercado de publicações impressas. Apesar de não terem um grande volume de publicações e produção, o seu *design* único tem atraído uma série de novos leitores. Enquanto produto experimental que visa revolucionar a indústria editorial tradicional, o *zine* rompe os limites da edição e volta o foco para as mensagens que os criadores de conteúdo querem transmitir, destacando-se como um defensor da livre expressão artística e criativa. A empresa local Something Moon Design, de Cheang Chi Wai, é uma das que tem apostado na produção de *zines* como *The Protagonist is Always in the Middle* e *Do U Want Me to Describe the Place I Live*, por considerar que há um nicho de mercado interessante. Todos os *zines* de Cheang são impressos e encadernados manualmente por ele e cada publicação tem menos de 50 cópias impressas para venda. Depois de esgotadas as cópias, não há uma segunda edição, o que gera ainda mais interesse dos leitores que gostam de guardar as publicações como parte de uma colecção. “As publicações em formato de *zines* têm um *design* fantástico e parecem incríveis. Mas ter conteúdo significativo é o que impulsiona o desenvolvimento a longo prazo.”

A CLIENTELA DO LIVREIRO TEM VINDO A SEDIMENTAR-SE DESDE 2003, QUANDO A PIN-TO LIVROS & MÚSICA ABRIU NUM DISCRETO SEGUNDO ANDAR DO LARGO DO SENADO E RAPIDAMENTE SE TORNOU NUM ESPAÇO DE CULTO, VENDENDO LIVROS E TAMBÉM CD NOVOS E EM SEGUNDA MÃO

A beleza estética tem um papel enorme no espaço físico no qual alguém lê. O aspecto de um livro é também razão para explicar a preferência por uma obra por comparação a uma versão digital. “A textura do papel, a encadernação, os espaços entre as palavras, o *design* da capa e muitos outros elementos definem a existência de um livro. Em qualquer perspectiva com que se pense nisto, um livro trata-se de uma obra de arte”, diz Ng.

“O que fizeram os editores após a versão digital dos livros se ter tornado popular? Eles começaram a melhorar o lado estético das publicações. Muitos livros são itens de colecionador. Mas ter livros é um luxo, porque é preciso espaço para os guardar”, continua.

Para um leitor voraz como Ng, ser dono de uma livraria também significa que há que perscrutar as mentes dos clientes e perceber que tipo de obras tem potencial de venda e saber que livros não vendem. Uma pequena livraria como a Pin-to Livros & Música não tem a capacidade de adquirir muitos livros e não pode ser comparada a vendedores *online* de grande dimensão. Isto

significa que Ng tem que ser selectivo quando encomenda livros.

“Tenho grupos nas redes sociais com os quais troco informações sobre livros. O meu critério é que cada foto que tiro de um livro tem que ser bonita. A Amazon pode vender mais livros do que eu, mas eu dou a conhecer livros que os clientes da minha livraria provavelmente desconhecem. Por isso, de certa forma, estou a influenciar o que as pessoas lêem e sou uma espécie de curador”, indica Ng.

A clientela do livreiro tem vindo a sedimentar-se desde 2003, quando a Pin-to Livros & Música abriu num discreto segundo andar do Largo do Senado e rapidamente se tornou num espaço de culto, vendendo livros e também CD novos e em segunda mão. Quando o espaço abriu, Ng tentava ir ao encontro dos amigos, que são todos apreciadores de livros. “Há 16 anos, os meus amigos e eu não conseguíamos encontrar os livros de que gostamos nas livrarias existentes na cidade, por isso decidimos abrir o nosso próprio espaço”, conta.

“Com a passagem do tem-

po, descobrimos que há uma procura pelos livros que eu e os meus amigos lemos. Mesmo que o digital esteja a ficar mais proeminente nas vidas de muitos de nós, os livros impressos não vão desaparecer. Na história da humanidade, os livros têm sido um *media* importante para guardar conhecimento e informação. A forma como um livro se abre ou apenas o acto de virar as páginas já está enraizado em muitas gerações.”

“Os livros têm feito companhia aos humanos por muito mais tempo do que os aparelhos digitais, e quando pesquisamos informação do passado, continuamos a lidar com livros impressos. Só a informação mais recente está armazenada em formato digital ou aspira a isso. Há também um mundo de livros antigos e em segunda mão onde apreciar a mestria do editor ou o método de impressão constituem, em si mesmos, descobertas. Há muito a discernir no mundo dos livros e na base de tudo isto está o facto de eu ter uma paixão por livros. A alegria de partilhar está para lá de ter um espaço comercial”, partilha.

Ng admite que a margem

de lucro no negócio dos livros não é alta. Observa que amigos que detêm outras livrarias sentem a pressão das rendas e do custo crescente com a contratação de trabalhadores. Para a maior parte dos leitores, a leitura online ocupa quase todo o tempo de leitura e pouco sobra para apreciar um livro impresso. No entanto, Ng está optimista em relação à existência de livros impressos no futuro.

“Houve uma altura em que o digital se impôs e muitos declararam que o livro impresso estaria morto. Mas a verdade é que neste momento há mais pessoas a voltarem a ler livros, particularmente em países europeus. Está muito na moda abrir livrarias independentes, tanto na sociedade chinesa como na europeia”, refere.

Na Pin-to Livros & Música, agora a funcionar nas imediações do hospital Kiang Wu, são organizados eventos regulares onde escritores de Macau e da Ásia apresentam o seu trabalho ao público. “Temos um fórum de discussão no Facebook onde participam mais de mil pessoas e temos para lá de 10 mil seguidores. Adicionalmente à livraria, estas redes

sociais são uma plataforma de intercâmbio com indivíduos de regiões como Macau, Taiwan e o Interior do País. Isto ajuda os escritores de Macau a chegarem ao exterior e aparentemente há pessoas muito interessadas na cultura de Macau”, aponta Ng. M



BOOKCROSSING

Livros que saem das estantes para ganhar novos leitores

Texto | Paulo Barbosa

Com o objectivo de transformar os locais mais improváveis numa biblioteca, o conceito de *BookCrossing* tem milhões de adeptos e está também em Macau desde o ano passado

Calcula-se que milhões de livros, um pouco por todo o mundo, já tenham sido trocados desde que o conceito de *BookCrossing* começou a tomar forma no início do século. A prática consiste em deixar um livro num local público para que outros o encontrem e leiam, sendo esperado que os recipientes se tornem, por sua vez, doadores de livros. O conceito ganhou força online através do site *bookcrossing.com*, que tem cerca de dois milhões de membros registados.

Em Macau, o Instituto Cultural (IC) tem vindo a introduzir pontos de troca de livros em cerca de dez bibliotecas públicas geridas pelo instituto ou pela Direcção de Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), incluindo as de maior dimensão, como as bibliotecas Central, Sir Robert Ho Tung, Patane, Ilha Verde e da Taipa.

A actividade foi lançada pelo IC no dia 23 de Abril de





ICM



ICM

2019. Em resposta à MACAU, o instituto referiu que o seu objectivo é “promover a leitura e a partilha de livros”. Quem quiser levar um livro para casa pode participar da maneira mais simples. Basta passar pelas estações de troca e levar um livro que tenha o autocolante com a inscrição “Read Me” (“Leia-me”).

Os doadores devem levar os livros a uma das bibliotecas aderentes. Se esses livros forem considerados apropriados para a actividade (têm que obedecer a vários critérios, como não estarem desactualizados devido ao seu conteúdo técnico, ou não serem proselitistas ou obscenos), são colocados nas estações de troca, onde podem ser levados para casa por qualquer pessoa.

Os dados fornecidos pelo IC indicam que até Dezembro do ano passado, cerca de dez mil livros foram doados e aproximadamente a mesma quantidade de livros foi levantada por participantes.

Semana da Biblioteca

Também com o objectivo de promover uma cultura de leitura, todos os anos o IC, a DSEJ, a Biblioteca da Universidade de Macau e a Associação de Bibliotecários e Gestores de Informação de Macau co-organizam a “Semana da Biblioteca de Macau”, que geralmente decorre entre Abril e Maio.

Esta iniciativa inclui um evento de troca de livros, que tem decorrido ao longo de vários dias nas instalações no Antigo Tribunal, onde será construída a futura Biblioteca Central desenhada pelo arquitecto Carlos Marreiros.

De acordo com Lo Chi Keong, chefe da Divisão de Prestação e Promoção de Serviços aos Leitores do Departamento de Gestão de Bibliotecas Públicas, a troca de livros “foi recebida com entusiasmo pelos leitores”.

Este sistema de troca funciona de forma diferente do *BookCrossing*. Os leitores recebem pontos por cada obra

QUEM QUISER LEVAR UM LIVRO PARA CASA PODE PARTICIPAR DA MANEIRA MAIS SIMPLES. BASTA PASSAR PELAS ESTAÇÕES DE TROCA E LEVAR UM LIVRO QUE TENHA O AUTOCOLANTE COM A INSCRIÇÃO “READ ME”



TCM



A Biblioteca do Patane abriu portas em finais de 2016 e ocupa sete edifícios históricos que passaram por uma profunda remodelação para albergar os livros e os seus leitores



TCM

dada, que é avaliada tendo em conta uma estimativa do seu preço comercial e o estado de conservação. Esses pontos podem depois ser usados para trocar por livros previamente oferecidos por outros leitores.

O IC disse à MACAU que na Semana de Biblioteca de 2018 foram trocados 9300 livros. No ano passado esse número decresceu para 7800 volumes. As obras que trocam de mãos abrangem muitos géneros literários, entre os quais o ensaio, o romance e a literatura infantil.

A maioria dos livros disponíveis está escrita em chinês, mas há também uma ampla oferta de obras em inglês e ocasionalmente surgem títulos em língua portuguesa e noutros idiomas.

A “Semana da Biblioteca de Macau”, que geralmente decorre entre Abril e Maio, inclui um evento de troca de livros

SEMANA DA BIBLIOTECA

Venda de revistas e periódicos

+ de 6600
2018

+ de 4600
2019

SEMANA DA BIBLIOTECA

Troca de Livros

+ de 7800
2019

+ de 9300
2018

Paralelamente à actividade de troca de livros, decorre também a venda de publicações periódicas que o IC compra e inicialmente disponibiliza na rede de bibliotecas. Todos os anos, o IC revende a preços módicos revistas de todos os géneros e para todos os gostos. Mais uma vez, o objectivo enunciado pelos respon-

sáveis do instituto para justificar esta actividade é a “boa utilização dos recursos e a promoção da leitura”.

Por preços que podem ser tão baixos como cinco patacas por exemplar, o leitor pode levar para casa números de revistas como a *Monocle*, a *Time* e a *Economist*, ou as versões inglesa e chinesa de grandes títulos internacionais, como a *Vogue China* ou a *Esquire*.

Na Semana da Biblioteca de 2018, foram vendidos 6600 periódicos, mais 2000 do que no ano transacto.

Falta já pouco tempo para a Semana de Biblioteca de 2020: pode começar a preparar os livros que quer dar, ou a arranjar espaço na estante para os livros e revistas que vai levar para casa. Boas leituras. M

A MAIORIA DOS LIVROS
DISPONÍVEIS ESTÁ ESCRITA EM
CHINÊS, MAS HÁ TAMBÉM UMA
AMPLA OFERTA DE OBRAS EM
INGLÊS E OCASIONALMENTE
SURGEM TÍTULOS EM LÍNGUA
PORTUGUESA E NOUTROS
IDIOMAS.



ICM



ICM



ICM



Macau Film Production



Macau Film Production



Naty Torres



Naty Torres



MACAENSES

Jovens da diáspora recuperam origens

Há um ressurgimento do interesse pela cultura macaense entre os mais jovens. Esta é a principal conclusão de uma sondagem feita em 2019 no âmbito do “Projecto de Estudos Portugueses e Macaenses” da Universidade de Berkeley

Texto | Paulo Barbosa

Os resultados preliminares do estudo “Projecto de Estudos Portugueses e Macaenses”, pela Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, demonstram que cerca de 65 por cento dos respondentes são adultos em idade activa (entre 19 e 64 anos de idade), uma percentagem superior àquela que foi obtida em sondagens semelhantes feitas em 2012 e 2013, quando 70 por cento daqueles que participaram tinham idade igual ou superior a 70 anos.

O académico Roy Xavier tem vindo a estudar sistematicamente a diáspora macaense ao longo dos últimos sete anos. Em entrevista à MACAU, considera que os mais novos mostram crescente empenho em não perder as suas raízes cul-

turais. “Tenho visto a actual geração a tentar preservar e documentar as suas histórias familiares e estabelecer ligações digitais com outros em diversos países que partilham raízes étnicas, culturais e históricas”, diz.

Segundo o investigador da Universidade de Berkeley, a dimensão e características da comunidade macaense em termos globais continuam a não ser bem conhecidas e estudadas. “Esta pesquisa tenta compreender como esta cultura continua a desenvolver-se entre as gerações mais novas, que cresceram tomando contacto com ela através de familiares radicados, na maior parte dos casos, fora de Macau e da Ásia. Permite também estimar o tamanho mundial da população e perceber como aprenderam



a cultura e como continuam em contacto com ela embora estejam longe de Macau e das raízes familiares”, conta Roy Xavier.

“Descobri que cada família tem pelo menos um membro que recolhe fotografias e materiais, escreve ou grava entrevistas com parentes mais velhos, guarda certificados de nascimento e outra informação. Muitos também estudam árvores genealógicas ou estão activamente envolvidos em associações culturais para partilhar informação. Antigamente recolhiam esses materiais apenas para uso dos seus filhos e familiares. Mas agora estão a usar as redes sociais para disseminar e recolher mais informação”, enfatiza o investigador.

Comunidade online

A Internet gera sentimentos globais de pertença e a comunidade macaense reflecte essa tendência. Cerca de 90 por cento dos participantes na pesquisa usa o Facebook para manter a ligação com outros membros da comunidade, havendo pelo menos 27 grupos de macaenses criados naquela rede social, mais 14 do que em 2013. Serviços de mensagens instantâneas estão também generalizados.

Para Roy Xavier, o surgimento da Internet veio ajudar a manter ou a reforçar um sentido de comunidade entre pessoas que estão dispersas em vários pontos do mundo, mas que partilham origens. “Antes de ter aparecido a Internet, e em particular as redes sociais, era praticamente impossível manter tais contactos. (...) A minha pesquisa demonstra que um alto grau de coesão cultural pode ser alcançado pelos luso-asiáticos e pelos macaenses, especialmente porque a proactividade é característica do uso das redes sociais, e as interacções online provocam respostas enviadas por smartphones e outros aparelhos digitais”.

Espalhados pelo mundo

Mais de 72 por cento dos sondados afirmaram ter relações familiares com Macau, enquanto 52 por cento referiram ter antepassados em Portugal. Cerca de 33 por cento dos respondentes têm origens em Xangai e há também quem tenha ligações a Goa, Cantão, Malásia, Singapura e Timor-Leste. No total, foram referidos 35 países como locais de origem familiar.

De acordo com os resultados preliminares da pesquisa,



Naty Tôres

DOCUMENTOS HISTÓRICOS DOADOS À UNIVERSIDADE DE BERKELEY

Mais de metade dos participantes na pesquisa mostrou interesse em contribuir para o projecto de estudos portugueses e macaenses que está a ser conduzido pela Universidade de Berkeley. Roy Xavier revela que a maioria dos documentos que tem sido enviada são cópias digitais, embora também haja doações de originais e de livros. “Muitas pessoas enviam cópias de fotografias e de artigos que escreveram, alguns contendo relatos familiares, registos de entrevistas com familiares mais velhos, árvores genealógicas, certificados de nascimento e outra documentação”, refere Roy Xavier. O académico também tem contactos com várias associações macaenses espalhadas pelo mundo e está a concluir um livro sobre a história dos luso-asiáticos, ao qual vai dar o título Crónicas Macaenses. Está também envolvido na recolha de informação para a “Galeria Portuguesa”, do Museu de História de Hong Kong, que tem abertura prevista para 2021.

△
Cerca de 50 jovens
provenientes das
13 Casas de Macau
espalhadas pelo mundo
têm participado nos
encontros da comunidade

cerca de 66 por cento dos entrevistados vivem nos Estados Unidos e apenas 1,7 por cento em Macau. Para Roy Xavier, é um facto histórico que a comunidade macaense sempre foi minoritária na sua própria terra. A tendência é cada vez mais notória.

“Há provavelmente menos de três mil macaenses a viver em Macau, e talvez menos de dois mil em Hong Kong. Há muitos mais nos EUA e em cerca de 35 países por todo o mundo. Podemos confiar na fiabilidade destes números, que resultam de uma análise à informação disponível online”, afirma Roy Xavier. “Há comunidades no Canadá, Austrália, Brasil e Portugal, assim como outras mais pequenas na Malásia, Tailândia, Índia, Japão, Filipinas e Timor. É mais rigoroso historicamente chamar a este grupo ‘lusó-asiático’, visto que muitos provêm de Goa. Os macaenses são parte deste grupo mais vasto e partilham muitas das suas origens culturais.”

Identidade macaense

Em termos de identidade cultural, todos os participantes na pesquisa referiram ser portugueses de origem asiática, enquanto 61 por cento

se identificaram como macaenses. Vinte por cento disseram ser euro-asiáticos e 17 por cento afirmaram ser portugueses.

A sondagem demonstra a grande dispersão geográfica da comunidade. As respostas bastante díspares quando à origem dos participantes “podem ser um reconhecimento do multiculturalismo que existe nas suas famílias, que é uma consequência da abertura histórica de Macau a muitos grupos étnicos”.

Para Roy Xavier, os elementos que definem a identidade da diáspora macaense têm profundas raízes históricas. “Vários grupos vieram comerciar e estabelecer-se em Macau, resultando numa sociedade multifacetada que se desenvolveu ao longo de quase 500 anos”, explica o académico. “Há várias características únicas que definem a cultura macaense: o catolicismo romano, um patuá que já não se fala mas continua a ser culturalmente relevante, a centralidade da família (imediate, não extensiva), a cultura associativa fundada em tempos ancestrais e que persiste, um talento para os negócios e o empreendedorismo e a mundialmente famosa cozinha macaense”.



Naty Tôres

△
O primeiro Encontro da Comunidade Juvenil Macaense aconteceu em 2009, tendo-se repetido em 2012 e 2015

Roy Xavier é professor na Universidade de Berkeley e tem dedicado a sua investigação académica ao tema dos macaenses

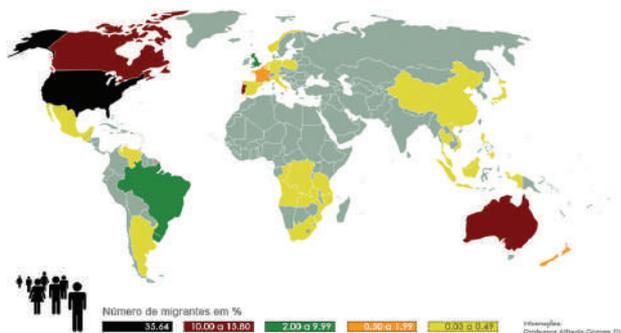


DR

DE OLHO NOS NEGÓCIOS

Devido ao crescimento robusto da economia chinesa, há também um maior interesse por parte de membros da comunidade macaense em fazer negócios na China. Mais de 37 por cento dos entrevistados afirmaram já ter familiares envolvidos em investimentos em território chinês. E 59 por cento disseram ter interesse em saber de oportunidades profissionais relacionadas com os “portugueses da Ásia”, ou em fazer turismo cultural relacionado com a comunidade lusófona.

PAÍSES DE RESIDÊNCIA DOS MIGRANTES MACAENSES (1995)





“A nostalgia nem sempre limpa o passado. Permanece uma certa tristeza à deriva, violentamente perturbadora. Esses fragmentos emocionais são peças difíceis de colocar no lugar. Algumas coisas são muito subtis e silenciosas, mas permanecem no tempo. O que faço pretende atender esses sentimentos, provocar uma resposta psicológica nos que a observam que dure além de meras reacções ópticas.”

É assim que Crystal Chan, ou Chan Wai Man, se apresenta na sua página cargocollective.com/crystalwman, onde guarda pinturas e fotografias daquele que já é um espólio vasto apesar da juventude. A arte sempre esteve no horizonte, mas durante algum tempo foi a paixão que trancou numa gaveta por limitações financeiras. Crystal Chan recorda que o interesse começou cedo, ainda miúda, quando teve artes plásticas como actividade extracurricular na escola primária.

Pintar, diz à MACAU, é no que se sente mais confortável, ainda que se dedique a outras vertentes artísticas. “Pintar é aquela que considero ser a principal, mas é verdade que o meu interesse é transversal a todas as expressões artísticas”, realça.

Além da tela, Crystal Chan também se dedica à fotografia e vídeo. Aos 15 anos comprou a primeira câmara com o dinheiro que foi juntando das explicações que dava a alunos mais novos e assim deu os primeiros passos noutra profissão no qual se profissionalizou: as artes visuais. Ao leque junta ainda a escrita e a música: canta, toca guitarra, dança e compõe. “Ainda assim, sinto que pintar é aquilo que faço de forma mais intuitiva, de forma mais expressiva. Por mais que me dedique a outras artes, desenhar é sempre àquela que volto. Pintar e desenhar sempre foram os meios que usei para perceber o mundo, que me fazem sentir segura. É ao que dedico mais tempo.”

O trabalho que tem desenvolvido, continua, vai beber muito à ideia de afastamento, bem presente na vida. Originários da província de Guangdong, os pais seguiram as pisadas de tantas outras famílias do Interior do País e migraram para Macau à procura de uma vida melhor. Seguiu-se um período de instabilidade que os obrigou, assim como à filha, a viver em vários sítios até terem uma morada fixa. Em criança, viveu com a família no abrigo da Ilha Verde; foram obrigados a abandonar a área depois de um incêndio que causou grande devastação. “Depois foi-nos concedida uma residência temporária de habitação pública. Antes dos meus oito anos, já tinha vivido em cinco locais diferentes pelo menos. E nos

CRYSTAL CHAN

A artista dos cinco ofícios

O turismo chegou a ser uma hipótese, mas a vida acabou por levá-la pelo caminho que desde muito cedo sentiu que era o seu: o das artes. Crystal Chan é hoje um dos nomes incontornáveis da geração de jovens artistas locais. Há cinco anos em Nova Iorque, onde estuda e trabalha na área, quer voltar a Macau para deixar marca e partilhar o que aprendeu lá fora. Pintar e desenhar é o que mais gosta de fazer, ainda que guarde talento para muitas outras expressões artísticas

Texto | Catarina Brites Soares

Foto | Crystal Chan

Pintura em acrílico
da colecção Akuma



“COM O AVANÇO DA NOVA TECNOLOGIA E FACE AO INTERESSE DAS PESSOAS EM NOVAS FORMAS ARTÍSTICAS, É DIFÍCIL DIZER QUE SE É PINTOR, QUE SE TRABALHA DE MODO TRADICIONAL”

10 anos que seguiram, voltámos a mudar pelo menos duas vezes de casa.”

“Sempre tive uma sensação de que não pertencia a Macau. Muita gente diz que Macau é a sua terra, mas nunca tive essa sensação em pleno. Estivemos sempre numa situação um pouco inconstante e instável. Cresci e fui vivendo em diferentes sítios, e isso também contribuiu para essa sensação de afastamento que acho que está relacionada com o facto de estar longe das minhas raízes, o que faz com que me sinta distante das pessoas e dos sítios. É isso que procuro expressar nos meus trabalhos”, resume.

Os quadros assinados pela artista de 34 anos retêm outras marcas pessoais como emoções que marcaram a infância, como a tristeza, a raiva e a falta de esperança. “Sei que são sentimentos muito opostos. A tristeza é um sentimento de passividade, enquanto que a raiva é um sentimen-

to agressivo. Existem juntos ao mesmo tempo e eu procuro transmiti-los nos meus quadros, por exemplo através das cores.” A ambivalência que sente face ao colonialismo, questões de género, identidade e a família – com a experiência da imigração – são outros temas que trabalha.

Novo mundo

Nova Iorque, onde vive há cinco anos, teve um papel determinante no percurso de Crystal Chan, que diz ter encontrado o que procurava: uma cidade vibrante e muito artística, onde se respira cultura nos sítios mais óbvios, como museus e galerias, mas também fora deles. “Em Nova Iorque a arte faz parte da vida, discute-se, vê-se, e viver aqui fez-me pensar que caminho queria seguir e de que forma queria que o meu trabalho chegasse às pessoas. A cidade tem sido muito importante para perceber que abordagem quero ter”, explica à MACAU.

A bolsa de Estudos Culturais e Artísticos atribuída pelo Instituto Cultural, que recebeu de 2015 a 2017, abriu o caminho que durante muitos anos acreditou estar vedado. “O aspecto financeiro foi sempre a minha preocupação. Venho de uma família com poucas possibilidades, os meus pais tiveram bastantes dificuldades en-

quanto cresci, e, portanto, ganhar esta bolsa foi uma enorme oportunidade de estudar arte e no estrangeiro.”

Começou por uma licenciatura em Belas Artes, na School of Visual Arts, por onde passaram Elizabeth Peyton, KAWS, Keith Haring, Sol LeWitt, Yuko Shimizu – hoje nomes incontornáveis no panorama mundial da arte contemporânea. “Tinha dinheiro para um ano, mas preocupava-me o que faria nos seguintes. Decidi então que ia e se não conseguisse prosseguir, paciência, voltava depois de terminar o primeiro ano.”

E assim foi. Diz que a sorte voltou a estar do seu lado e os receios foram só isso, receios. Conseguiu financiamento até ao fim do curso, que começou em 2015 e terminou em 2018. Ainda antes de terminar a formação, venceu o prémio Will Barnet Show, em 2017, do National Arts Club, uma competição que junta todos os estudantes de artes de Nova Iorque. Isso também lhe valeu a primeira exposição individual na cidade, num dos célebres espaços artísticos nova-iorquinos. A esta seguiu-se outra mostra individual no Chinese American Arts Council, e logo a oportunidade de trabalhar com o artista nipónico Takashi Murakami, no estúdio que tem na cidade.

Regressou a Macau, mas por pouco tempo. Recebeu novamente uma bolsa do Governo para continuar a estudar e decide-se pelo mestrado em Artes Visuais, na Purchase College, da State University of New York, onde está desde finais de 2019, depois de ter passado dois meses no Japão.

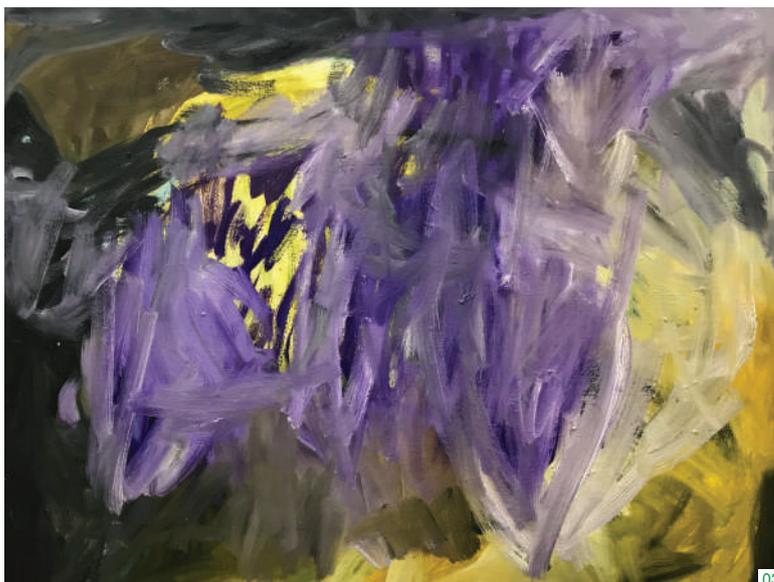
Outros caminhos

Para trás ficaram outros caminhos. Foi em Macau, onde nasceu a 26 de Fevereiro de 1986, que estudou até aos 18 anos, altura em que deixou a cidade pela primeira vez. “Sempre quis estudar artes desde que era pequena, mas Macau não era o sítio certo para isso. Nessa altura, por volta dos anos 2000, a região ainda não tinha um sector cultural forte e o que existia estava limitado a um círculo reduzido e fechado, não era uma área que abrangesse o público em geral e também não havia por parte da cidade uma valorização da arte.”

Taiwan foi o primeiro destino que escolheu para estudar Design de Interiores, em 2004, na Chung Yuan Christian University, em Taoyuan, perto de Taipé. “Acabei por desistir, depois do primeiro ano, porque não era o que procurava. Apesar disso, Taiwan foi muito importante como ponto de viragem na minha vida. Havia muita oferta cultural, música, exposições, livrarias. Foi uma cidade onde aprendi muito sobre arte e que me nutriu bastante.”



02



03



04

1. "Ghost Stone"
2. "Hazardous Journey"
3. "Raging Waves"
4. "Night Meeting"



“PINTAR É AQUILO QUE FAÇO
DE FORMA MAIS INTUITIVA,
DE FORMA MAIS EXPRESSIVA. POR
MAIS QUE ME DEDIQUE A OUTRAS
ARTES, DESENHAR É SEMPRE
À QUE VOLTO”

É então que volta ao território com a certeza de que queria estudar. Desta vez, opta por Gestão Hoteleira no Instituto de Formação Turística por considerar que seria “uma rede importante” que lhe iria assegurar emprego e abrir portas para a outra grande paixão: viajar.

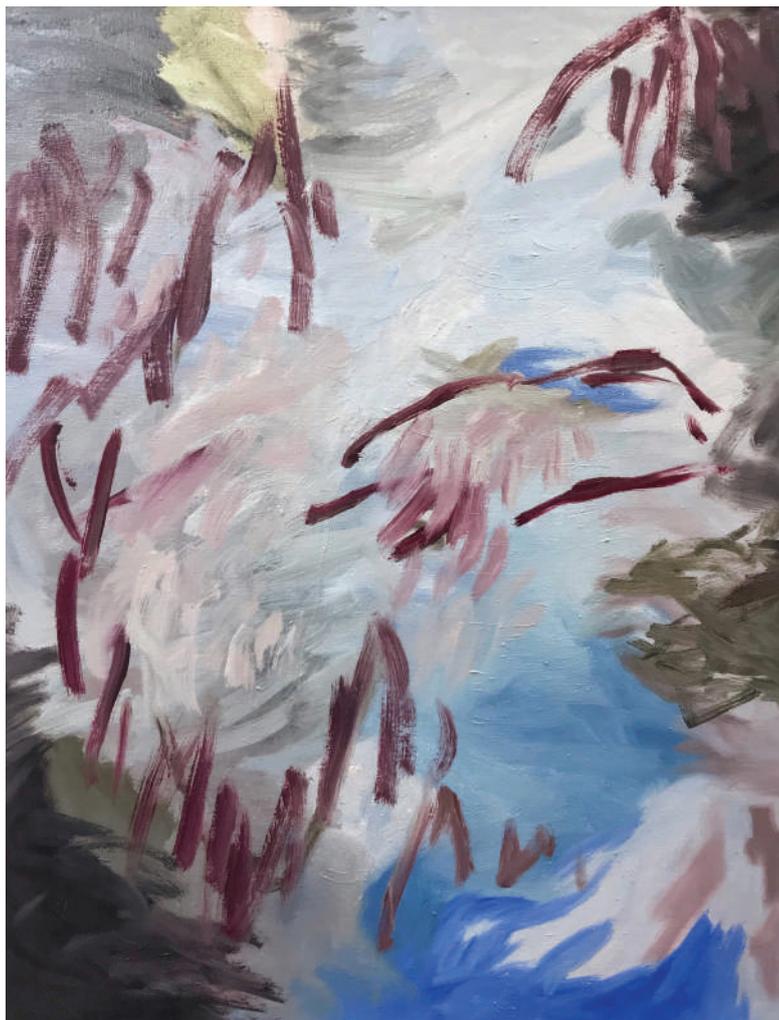
No terceiro ano, rumou à Grécia, onde fez um estágio. “Foi uma experiência espectacular, aprendi muito. A mentalidade das pessoas e como vêem o mundo. Cresci em Macau e nunca tinha tido um contacto muito próximo com os portugueses. Não tinha a mínima consciência de como a Europa funcionava.” O interesse pelo continente leva-a a prolongar a estadia e fica para viajar cerca de dois meses. “Conheci muitos artistas: fotógrafos, ilustradores, pessoas da área do cinema, pintores. E esse contacto fez-me começar a perceber do que gostava.”

Ainda assim não foi logo que escolheu seguir o que sempre quis. Quando voltou a Macau, confessa, ainda estava um pouco perdida, e, por isso, retomou a tempo inteiro o trabalho num resort integrado que tinha em regime de *part-time* da altura em que era uma estudante.

Depois de outra viagem à Europa paga com as poupanças, surge a oportunidade de trabalhar na publicação bilingue *Macau Closer*. Foi também convidada para se juntar à equipa da primeira edição do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, em 2012, e expor os seus trabalhos numa das mostras do evento.

O acolhimento favorável e o incentivo de James Chu, na altura presidente da associação Art for All (AFA), motivaram-na a dedicar-se de forma mais séria à pintura. Tornou-se membro da AFA e começou então a integrar mais exposições colectivas, numa altura em que a associação local estava a lançar-se além-fronteiras. Hong Kong, Austrália e Singapura foram algumas das paragens onde a associação foi para promover a arte local. Nova Iorque foi outro dos destinos, escolhido pela AFA em 2013, que, depois de conseguir financiamento público, pôde assegurar parte das despesas dos artistas. Crystal Chan decidiu ir. “Ver o meu trabalho na feira de arte foi um enorme incentivo. Em Macau, sentia que as pessoas gostavam do que eu fazia porque me conheciam. Em Nova Iorque senti que gostavam, sem saber quem eu era. Passei algum tempo na cidade, fui a galerias, exposições, museus, e gostei mesmo.”

Hoje não só não lamenta como sente que a decisão de escolher estudar em Nova Iorque teve um impacto enorme na carreira. “Um dos meus professores, um grande pintor, disse-me uma vez: ‘Se és pintora, se é essa a tua área, não tenhas vergo-



“A OPORTUNIDADE QUE MACAU CONCEDE AOS RESIDENTES LOCAIS, COMO EU, DE ESTUDAR É IMPORTANTE, E É ALGO QUE QUERO RETRIBUIR, POR EXEMPLO PARTILHANDO O QUE APRENDI”



nha em assumi-lo. É isso que tu és'. Com o avanço da nova tecnologia e face ao interesse das pessoas em novas formas artísticas, é difícil assumir que se é só pintor, que se trabalha do modo tradicional. Esta experiência aqui ajudou-me muito a perceber como posso ser pintora e fazê-lo sem complexos.”

Entre outras mostras, os trabalhos assinados por Crystal Chan estiveram na 1.ª Bienal Internacional de Mulheres Artistas de Macau e no estúdio do famoso fotógrafo londrino Nick Knight. Exposições a solo conta com várias no currículo. A primeira, em 2014, na Livraria Portuguesa, com o título *Living in the Memories of the Future Self*, seguiram, em 2015, *Forever Someone Else*, na Art For All de Pequim, e *I Am My Own Landscape*, no Albergue SCM. Mais tarde, em 2018, inaugura mais duas: *I Am My Own Landscape*, no New

York Chinese American Arts Council, e no New York National Arts Club, depois de ganhar o Will Barnet Award Solo Exhibition. No ano passado, voltou a mostrar os trabalhos na exposição individual *Idle hands are the devil's playthings*, na Macau Art For All Society.

Voltar a casa está nos planos, sobretudo agora que reconhece que Macau está muito diferente. “O desenvolvimento económico ajudou bastante. “O oportunidade que concede aos residentes locais, como eu, de estudar é importante, e é algo que quero retribuir, por exemplo partilhando o que aprendi”, afirma. “A minha família está em Macau e será sempre uma cidade à qual vou voltar. Agora que já passei cinco anos em Nova Iorque sinto que também terei sempre um espaço aqui. Mesmo voltando, sinto que serei sempre uma cidadã do mundo.”

We wish: uma história feita de desejos

Um livro onde todas as páginas surgem furadas pode parecer uma inutilidade. Porém, não é o caso de *We Wish*, a segunda obra infantil da Macau House of Childhood – uma associação local destinada à promoção da educação cultural e artística de jovens e crianças de Macau

Texto | Catarina Mesquita

Foto | Cuchi Cuchi Bookstore

Com ilustração e texto de Benny Lau, artista baseado em Hong Kong, a obra lançada no final de 2019 permite uma maior interactividade por parte dos leitores que podem dar vida aos personagens usando os seus próprios dedos que encaixam na perfeição nos “buraquinhos” destas páginas. *We Wish* fala de desejos e dá asas à criatividade. “Tudo pode ser o que se deseja”, explica Benny Lau.

“O livro foi também para nós a conquista de um desejo”, explica Loretta Chang, parceira de Benny Lau na concretização dos sonhos da Macau House of Childhood. O casal de artistas já tinha lançado um livro para crianças intitulado *Where are you going?* e deu agora à luz o seu segundo livro.

Um elefante sem tromba, ursos que se abraçam sem braços ou até mesmo um buraco para uma lagarta espreitar são algumas das ilustrações que convidam os dedos dos pequenos leitores e dos seus pais a entrarem neste mini teatro impresso. “Mesmo os pais que não saibam como contar a história, o livro traz no final um pequeno guia de instruções”, recorda Loretta Chang.

Além do lançamento da obra, a Macau House of Childhood planeia durante este ano criar ações de leitura da obra por Macau, assim como convidar as crianças a participarem nos seus workshops criativos na vila de Coloane, local onde a associação se estabeleceu.

Mais obras estão entre os desejos

dos fundadores da Macau House of Childhood, no entanto, ainda sem datas definidas. Para já ficam agendadas sessões de expressão criativa inspiradas no artista italiano Bruno Munari que “quem sabe pode dar novas ideias a novas obras”, como afirma Benny Lau.

We Wish

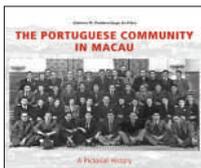
Estória e ilustração de Benny Lau

Macau House of Childhood

MOP 180



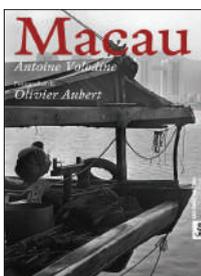
PARA LER



The Portuguese Community in Macau

António M. Pacheco Jorge da Silva | Instituto Internacional de Macau | 2019

Na sequência dos dois volumes lançados dedicados à comunidade portuguesa em Hong Kong, António Jorge da Silva reuniu agora imagens e histórias que contam a presença da comunidade portuguesa em Macau. A obra, editada pelo Instituto Internacional de Macau, reúne fotografias e pequenos textos dedicados não só a quem está retratado nas páginas deste livro assim como aos seus descendentes.



Macau

Antoine Volodine | Sextante Editora | 2012

Antoine Volodine é o pseudónimo mais conhecido de um dos mais destacados escritores franceses contemporâneos que viu em Macau inspiração para um dos seus romances cheios de detalhes e que permitem ao leitor que se embrenhe na atmosfera de cheiros intensos e misturados, húmidos e característicos de uma cidade outrora de juncos semeados rio a fora.



Lições de Procedimento Legislativo no Direito Parlamentar de Macau

Edição de autor | Paulo Cardinal | 2019

De forma a oferecer suporte aos alunos de ciências da legislação, produção legislativa e similares, o jurista Paulo Cardinal reuniu, em 450 páginas, descrições e análises do procedimento legislativo de Macau conferindo à obra um cariz académico mas simultaneamente prático. Na obra podem ser encontradas também extensas referências bibliográficas e de jurisprudência, assim como relatórios e pareceres da Assembleia Legislativa que sustentam o trabalho do autor.



Viagem a Macau: Uma Relíquia de Portugal no Oriente

Vítor Callixto | Instituto Internacional de Macau | 2019

Publicada pela primeira vez em 1978, a obra Viagem a Macau: Uma Relíquia de Portugal no Oriente vê agora uma nova edição. Em 2019, o relato de Vítor Callixto da sua primeira visita a Macau foi objecto de um novo lançamento relembrando aos leitores a Macau do final dos anos 70 do século passado. Autor de mais de 50 obras, Vítor Callixto foi jornalista e escritor, dedicando-se em grande parte a dar a conhecer o automobilismo e aviação em Portugal.



Património Cultural Imaterial de Macau

Instituto Internacional de Macau | 2019

A riqueza cultural de Macau estende-se além do seu património materializado no seu centro histórico. As tradições, os eventos religiosos, os festivais, o artesanato e algumas artes performativas que aqui ganham palco são inspiração para a compilação de várias fotografias que constituem a obra Património Cultural Imaterial de Macau, editada pelo Instituto Internacional de Macau.

Mercado Vermelho



Foto | Álbum Macau 1844-1974, Fundação Oriente, 1989

O Mercado Vermelho, situado nas avenidas Almirante Lacerda e Horta e Costa, foi projectado pelo arquitecto Júlio Alberto Basto, em 1934, e é um dos equipamentos construídos para responder ao acelerado crescimento populacional de Macau entre os anos de 1920 e 1930.

Como se vê nesta foto tirada nos primeiros tempos de funcionamento do complexo, em 1936, o edifício estava bastante isolado e foi erguido naquelas que eram as novas áreas de Macau. As zonas adjacentes estavam repletas de hortas e eram pouco povoadas, com algumas residências de famílias abastadas ou de altos funcionários públicos. Foi desde sempre pensado para servir de ponto de comércio de vegetais e carnes frescas.

O edifício tem três pisos, definindo o quarteirão a partir das quatro torres situadas em cada esquina. Foi projectado segundo dois

claros eixos de simetria, com a torre do relógio no centro, enquadrando a entrada principal, e as restantes em cada esquina. A entrada principal é marcada por uma ampla abertura, que se conjuga com o corpo da torre do relógio, mais alta e recuada em relação ao plano da fachada.

Oficialmente chama-se Mercado Municipal Almirante Lacerda, mas o seu revestimento em tijolo aparente, que confere ao edifício a cor vermelha, criou a alcunha que sempre acompanhou o edifício. Ainda hoje oferece uma grande variedade de produtos frescos distribuídos pelos seus vários pisos e é, para além de um edifício reconhecido pelo seu valor patrimonial, um espaço fundamental para a afirmação da vida corriqueira de Macau. Funciona das 7h30 às 19h30 e alberga também, desde 2012, uma biblioteca com seis mil títulos que funciona até às duas da manhã. 



SENTIR **MACAU**
Ao Seu Estilo 



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo

Colección Selos de Macau

澳 門 郵 票 收 藏

Collect Macao's Stamps



澳門郵電 CTT



地區藥用植物二

Plantas Mediciniais Regionais II



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

